

Histórias de Cá

Francisco Castelo

Ficha Técnica

Título: Histórias de Cá
Autor: Francisco Castelo
Género: Monografia
Editor: Edição de Autor
Local de Publicação: Lagos
Data de Publicação: Dezembro de 2011
Depósito Legal: 335693/11
Nº de Edição: 1ª Edição
Tiragem: 200

Impresso por:
D.I.D. Design e Impressão Digital, Lda.
(Grafistúdios)
Urb. do Fojo, Lt 44, Lj C
8500-772 Portimão
grafistudios@gmail.com

À Fernanda,
que suporta as minhas ausências
de navegante pelos mares da imaginação.

À Luciana,
que só oferta alegrias
ao pai despreocupado.

À Benilde,
pelo apoio permanente
e incondicional ao filho.

À árvore,
que se transformou em livro.

Ficções

Manda a imaginação e o engenho possível na arte de escrever, materializados no micro-conto e na metaficção historiográfica que recorre a anacronismos, paradoxos e exageros, atingindo por vezes a desconstrução do facto histórico que, livre da ditadura da temporalidade linear, edifica uma nova narrativa.

Um Momento do Plistocénico

Há cerca de um milhão de anos nas cercanias desta terra a que hoje chamamos Lagos, um grupo de proto-humanos – daqueles a que haveríamos de chamar *homo erectus* ou “senhores do fogo” – espreitam por entre as ramagens baixas a manada de javalis que se rebolam nas margens do lago, soltando grunhidos de satisfação.

Na mesma margem, mais adiante, um macho corpulento de presas magníficas foça na lama, talvez em busca de sementes dispersas.

Lentamente, um a um, de joelhos e cotovelos apoiados no chão, os “homens” avançam para uma posição frontal ao vento, descrevendo um arco de círculo que os aproxima da caça. Um ronco grave traça a quietude da paisagem. De cabeça baixa e olhar atento, perscrutando os ruídos da savana, o macho isolado volta-se na direção dos “homens”, talvez denunciados por um descuidado agitar de folhagem. Tarde demais, a um salto o grupo alcança a manada e, de maxilas de veado em punho uns, outros erguendo seixos toscamente talhados, desferem golpes à direita e à esquerda, certos o suficiente para fazer jorrar o sangue quente das cabeças, gargantas e ventres. Alguns dos suínos que se encontram mais afastados fogem avisados pelos grunhidos furiosos do dominante. Os caçadores, esses, já não saem dali até satisfazerem o seu apetite e saciarem a fome. Enquanto uns sugam o sangue que brota dos corpos escuros, outros já penetraram o crânio com a pedra pontiaguda e deliciam-se com as mioleiras alvas e macias.

Agora, já perto do crepúsculo, os únicos ruídos saem das bocas gulosas, do rasgar e trincar primeiro, depois os suspiros de satisfação e saciedade.

Ténue, e quase imperceptível, brame um auroque, longe, na orla da savana.

O sol mergulha no horizonte e a noite ergue-se, inquietante. Os “homens”, agora em pausa, olham em redor e ensaiam no seu interior o medo da escuridão que se aproxima e, com ela, o pavor dos grandes felinos. Ao longe soam brados de quem chama insistentemente. Um dos caçadores, de pé, com um enorme semi-maxilar de veado numa mão e uma perna de javali na outra, meneia a cabeça e exclama algo. Os outros levantam-se de imediato e o grupo inicia uma caminhada pesada e cautelosa, de regresso à gruta que abriga o clã.

—

O Neandertal

Deve o nome a um dos locais onde foram encontrados numerosos testemunhos da sua “cultura”, o vale do rio Neander, na Alemanha. O homo Sapiens *neandertalensis* é mais encorpado que o homem actual, mais baixo e musculoso. O indivíduo em questão, de idade oculta por farta cabeleira e barba espessa castanha, muito escura, encontra-se agachado no interior da lapa da Sabrosa (pequena gruta calcária situada a NE de Bensafrim – Lagos).

Lentamente, deposita um a um, uma pequena colecção de fósseis - desses rolados, que ainda hoje se apanham na praia do Porto de Mós, na maré baixa - junto ao cadáver aí recentemente colocado, e que com a meia centena de conchas de *Pecten maximus* (vieira), e um machado de pedra com gume resultante de duas faces afeioadas (biface Mustierense), constituem as oferendas rituais feitas ao defunto. O corpo inerte, magro, de um homem com cerca de trinta anos, um “velho”, parcialmente coberto por ocre vermelho, está deitado no chão com o lado direito encostado à parede da gruta; as pernas, um pouco flectidas, descansam sobre uma estalagmite cónica, baixa e larga. A posição, não sendo a melhor, é a possível devido à exiguidade da caverna. Esta parte da cavidade não será acessível nos nossos dias, resultado de uma obstrução litogénica* ocorrida alguns milénios mais tarde.

Embora a cena se desenrole no interior de uma cavidade natural, esta não serve de habitação, senão de abrigo esporádico durante alguma tempestade mais temerosa, ou quando os paquidermes se aproximam do local ocupado pelo clã na planície vizinha.

Este quadro desenrola-se num passado distante, com mais de 30 mil anos, na região do continente europeu que terá assistido à extinção dos últimos homens de Neandertal, que provavelmente terão coexistido, na sua fase final, com o *Homo Sapiens sapiens*.

Do atrás relatado facilmente se conclui que ao Homem de Neandertal, coleccionador de objectos bizarros (fósseis p. ex.) e detentor de um comportamento espiritual (rituais funerários), não pode corresponder essa imagem de troglodita abrutalhado que arrasta a fêmea pelos cabelos e tudo resolve à mocada; ideias erradamente propaladas pelos ideais românticos do século XIX e intensamente exploradas pela cultura contemporânea do *fast-food/fast-symbol*.

Em homenagem ao “Neandertal”. Um simples humano que por cá passou.

*Obstrução litogénica - obstrução provocada por crescimento de concreções (acção físico-química fundada no ciclo do hidrogenocarbonato de cálcio/calcite) ou acção mecânica da própria estrutura rochosa (abatimento estrutural). No texto inicial constava uma obstrução clástica mas, devido à morfologia do terreno e ao conteúdo ficcional do texto relativo à inacessibilidade dessa parte da gruta nos nossos dias, a natureza desta obstrução foi alterada.

Hoje não há Gravuras

(escrito em 1995, durante a "Batalha do Côa")

Gur-Gur e Da Mog discutiam à sombra do enorme rochedo. Para Gur-Gur, desejoso de ensaiar a sua veia artística, aquela era a oportunidade esperada. Desejava ardentemente imitar os outros homens da tribo. “Expor” as imagens mágicas que a rocha cinzenta encerra.

À cintura, enfiado numa faixa de pele de cabra, preparado, está o pico de pedra; uma das mãos segura um imponente fémur de urso, qual moca de combate, a outra mão desenha gravuras imaginárias no ar enquanto argumenta com o mais velho.

Da Mog é que não está para isso. O velho, espécie de chefe da tribo, entende que não vale a pena perder tempo, os muitos dias necessários para gravar as imagens mágicas na pedra. Sabiam lá onde é que os seus “quinquilhanetos” decidiram construir a barragem a que haveriam de chamar da Bravura? Para quê tanto trabalho, então? Para depois as imagens ficarem submersas no fundo da represa, e os espíritos aí aprisionados? Não. Primeiro construíssem a bendita barragem, depois logo se veria onde gravar as evocações dos espíritos do veado e do urso, do tigre e do lobo, da fecundidade e da fertilidade, e os geometrismos mágicos, os heliocêntricos símbolos da vida. Assim decidira.

Perto, alheios a esta discussão, homens acocorados em círculo separam lascas, trabalhando com punções de osso sobre núcleos de sílex, donde resultam sugestivas pontas de lança em forma de folha de loureiro.

Gur-Gur lançou um último olhar para o outro lado do vale, em direcção ao afloramento rochoso e, voltando-se para Norte, começou a caminhar para os campos de caça.

Ao fundo, a algumas léguas de distância, enorme e dominadora, vestida de densa e rica vegetação e coroada com um aro de neblina no topo, a montanha a que mais tarde viríamos chamar Serra de Monchique, assiste silenciosa.

Não era ainda desta vez que iria participar na Ourquema, o ritual de representação dos espíritos. Resignado, silencioso e lesto, afagando os laços de caça dobrados sobre o ombro esquerdo; seguro, no fémur de urso que Vaco, o irmão mais velho lhe oferecera dias antes e que lhe prolonga o braço, assim, ameaçador, Gur-Gur caminha. Talvez apanhe um veado.

Quinze mil anos passaram para que pudéssemos descrever a resignação de Gur-Gur, filho de Laot-Gur, habitante do território que hoje corresponde ao concelho de Lagos. Gravar na Rocha, talvez noutra oportunidade.

—

Há coisas que... só aos pares

Manhã cedinho, uma dezena de jovens a caminho da escola e alguns adultos que vão trabalhar aguardam na paragem do bairro. O autocarro detém-se e o homem de meia-idade sobe os degraus, quase empurrado pela impetuosidade dos jovens que procuram ocupar os seus bancos preferidos. Subitamente, um dos sapatos do homem engancha a virola no rebordo do último degrau e salta-lhe do pé; caindo aos trambolhões, regressa ao empedrado da rua. Atrapalhado, o homem não reage com a necessária presença de espírito, alertando o condutor. Ora, este, verificando não haver mais ninguém na paragem, fecha a porta e inicia a marcha, sabendo que a algazarra dos estudantes terminará com o carro em movimento. Ainda meio confuso o homem permanece de pé, imóvel, olhando para o sapato que se afasta, para lá da porta envidraçada. Nos dois lugares contíguos à entrada, dois rapazolas trocam sorrisos cúmplices deliciados com o transtorno do velho.

Transformado o pensamento, vencida a inércia, o homem descalça o outro sapato e, após recuperar o equilíbrio da sacudidela provocada pela mudança de velocidade, abre a janela sobre a cabeça dos jovens, e atira-o para a rua. Estupefactos, os rapazes fitam o homem; ele, sentindo a sua incompreensão, explica: - Assim, se alguém encontrar o primeiro, também encontrará o outro, e pode ser que precise...

Vem isto a propósito de passarmos o tempo a perder coisas e sentirmos esses acontecimentos como uma arrelia, uma injustiça até, resultando por vezes em situação penosa. Ora, associada a qualquer perda está sempre uma mudança (cá está... coisas emparelhadas). E a mudança tanto pode ser negativa, como positiva. Num caso ou noutro, o importante é perceber que uma certa dose de desprendimento das coisas e até, dos conceitos, é desejável, neste mundo de objectos, convencionalismos e atitudes que se permutam por baixo valor e sem grande dispêndio racional.

Prosseguia eu neste desassossego mental quando olhei para a foto que viria a ilustrar este devaneio escrito e logo nova questão surgiu, ao relembrar uma passagem de texto lido há dias: “Um belo par de sapatos faz a mulher sentir-se tão poderosa que pode mudar totalmente a maneira como ela se porta”. Reparem, inadvertidos leitores, como já saltei do sapato de um reformado para os pés de uma mulher.

Não vou procurar explicações para obsessões com sapatos, que isso deve ser coisa vastamente estudada mas, será que o sapato realiza a conquista de um símbolo de identidade e, conseqüentemente, de afirmação e de poder? É certo que o sapato de salto alto pode fazer prodígios na aparência de uma mulher. Além de a fazer mais alta, altera a postura de outras partes do corpo. Uma suposta pesquisa, publicada na revista inglesa *European Urology*, indica que o uso do salto alto poderá ajudar a relaxar e a fortalecer os músculos da região pélvica, relacionados com o orgasmo. Um outro estudo, de origem brasileira, conclui que o uso de salto alto pode evitar problemas de varizes pois parece melhorar em cerca de 30% o bombeamento do sangue. Do outro lado da barricada, porém, estão um sem número de ortopedistas que atribuem ao salto alto inúmeros problemas nos pés, como calos, joanetes, inflamações nas unhas e problemas nos tornozelos. Mais um par de teses antagónicas, portanto.

Não faço a mínima ideia – nem isso me interessa –, se as mulheres se submetem aos sapatos para que os homens se submetam a elas (é evidente que deixo fora da equação aspectos simples

como o prazer que o conforto de um bom sapato pode proporcionar), se os homens são subjugados pelo salto alto das mulheres; tão-pouco me interessa determinar se os automóveis estão para os homens como os saltos altos para as mulheres; nem mesmo explorar outras considerações sobre essas peças com que protegemos os vinte e seis ossinhos de cada pé.

Teria o maior prazer em deixar a imaginação rodar livremente e partilhar os resultados convosco, se não urgisse dar um fim ao episódio do sapato, ou melhor, do par de sapatos deixados na via pública pelo passageiro do autocarro.

Emanuel é uma personagem díspar, bem conhecido no *bas-fond* citadino. Sem posses, que consumiu há muito: o emprego, o automóvel, o mobiliário e uma panóplia de tarecos; tudo foi diluído em água destilada e injectado nas veias, sob o signo de um pó esbranquiçado. Foi ele que apanhou o sapato que o homem deixara cair do autocarro. Foi Emanuel que lutou com um velho pastor alemão, seu co-domiciliado habitual no jardim central, ali perto, resgatando o outro sapato à bestial dentadura canina. Depois, bastaram dois tacos de madeira e uns pregos, rebuscados no desperdício da carpintaria do Aníbal, para inventar uns proficientes saltos altos. E eis Emanuel com o seu magnetismo animal renovado, confiante, tentando o sucesso e a fortuna, a postos para calcorrear avenidas, entrar em prédios monumentais, fazer-se receber em distintos gabinetes de gente importante que, ouvindo-o, poderá ajudar.

É tudo uma questão de coisas... aos pares.

—

Os mistérios do Universo

Serão sempre mistérios insondáveis, autênticos enigmas que envolvem a tragicomédia caseira de um gajo a tentar evitar sujar-se com pingos de qualquer acepipe fluído. Nunca entenderei isto. Acho, mesmo, que a compreensão de tais mistérios nunca estará ao alcance dos homens. Não estamos preparados para tanta sapiência. Mas, se conseguíssemos atingir esse conhecimento, acredito que alcançaríamos a chave de todo o saber e, muito provavelmente, a revelação de que o Universo não é o imenso paradoxo que afigura. Daí, manter-se tal segredo na posse exclusiva do demiurgo. É compreensível.

Juro que desta vez tive cuidado! Fui providente. Retirei as amoras da tigela grande com todo o cuidado, usando uma colher de sopa, e transportei-as aos pares, em deslocação a baixa altitude, para uma taça de vidro colocada ali mesmo ao lado – reparem que escolhi o vidro para poder vigiar *in extremis* toda a operação. Desta vez, fiz tudo como deve ser. Recolocada a tigela no frigorífico, peguei na taça repleta daquelas pseudobagas, que mais não são do que dezenas de drupas agregadas, muni-me de um garfo de sobremesa – resistindo ao impulso de espetar algumas pelo caminho –, e voltei para defronte dos computadores. À medida que a conversa com o Armindo ia decorrendo no Messenger, lá me ia regalando com o intenso sabor dos minúsculos e negros frutos, indiscriminadamente trespassados pelo subtil garfinho. De repente, uma ideia assaltou-me, e, com ela um arrepio percorreu-me a retaguarda. Ah... ah... ergui os braços, evitando tocar no quer que fosse, levantei-me e encaminhei-me para a casa de banho. Sem parcimónias recorri ao gel mais dispendioso que por lá havia e lavei as mãos meticulosamente. Despi a camisa do pijama de Verão e regresssei com um sorriso triunfal à cadeira de empreita que serve o serviço computacional. Agora queria ver como é que o raio das amoras me iam tingir a roupa. Hehe... Tinha-as lixado. Confiante, retomei o ritmo das opíparas garfadas.

Nem demorou dois minutos, ou umas cinco linhas do diálogo acerca das críticas à minha recente publicação – sim, vai ser lançada na próxima semana mas já conta com recensões de insignes literatos. Mas quais dois minutos? Aquilo foi só o tempo de reposicionar no cérebro as coordenadas dos caracteres do teclado e, quando confirmava que o “f” se encontra entre o “d” e o “g”, deparei com dois malditos pingos na barra de espaços. Arregalei os olhos e suspendi toda a actividade digital – e desconfio que, cerebral também. Horror dos horrores, ao varrer, em rápida panorâmica mental, o tabuleiro alfabetiforme, descobri mais vestígios da penetrante tonalidade arroxeadada. Desta vez eram traços imprecisos, como micro rastos, plasmados em mais umas tantas teclas. Olhei para os dedos e fiquei completamente estupefacto. Estavam sujos! Mas como, meu Deus? Como, se nem toquei no raio das amoras? Absolutamente atónito, demorei no regresso ao mundo do teclado e dos dedos maculados e da conversa a que tardava responder. Isto não é possível! Isto não está a acontecer.

Vocês compreendem o meu alvoroço, não?! É que nódoas de amoras, romãs, nêspas e coisas que tais dão direito a imediata discussão com 50% da camada associativa, qual estardalhaço em assembleia de sócios do Benfica. Mas eu continuava a não perceber como acontecera aquilo. Um relâmpago de lucidez, a experiência da meia-idade, o bom senso, ou a prudência, ou tudo isso

nas doses certas, ditaram uma retirada táctica para a cozinha. Não sem antes explicar ao interlocutor internauta o desastre ocorrido – com conseqüente agravamento dos resultados, pois ainda espalhei a moléstia por outros caracteres do tabuleiro plástico.

Claro está que conclui o consumo das amoras dobrado sobre o balde do lixo. Com os poderosos detergentes da cozinha procedi à remoção das marcas da maldita tintagem e desisti de repetir a dose – contrariando os planos iniciais -, optando antes pelas uvas, fruta mais pacífica. Ah... mas muito mais pacífica, mesmo, meus senhores.

Retornado aos computadores (no plural, pois, de facto uso dois desktops, um para a net e o outro para os trabalhos fotográficos e textos mais sérios). O segundo choque gastronómico da noite sobreveio quando deparei com um estranho olho que me observava a partir da parte central dos boxers apijamados. Ali estava, um ser ciclópico de olho escuro mirando-me a partir de uma posição geográfica notoriamente particular e íntima, como uma malha de circunferência perfeita, uma mancha, um borrão, uma mácula... UMA NÓDOA DE AMORA!

Não sei o que acham, mas estou convencido que ontem à noite aconteceu qualquer coisa estranha no Universo.

—

Fobiónico

I

A luz do exterior que entra no quarto colada ao parapeito e à parede, e se estende ao comprido pelo chão em dupla faixa desenhada pelos perfis metálicos da janela, é a única testemunha do exame que o médico termina às pernas do homem. Depois, informado dos seus distúrbios nocturnos, o médico perguntou-lhe se eram pesadelos que o atormentavam ao que respondeu que não porque quase nem dormia. Sonhava às vezes, mas acordado. Via imagens de homens primitivos assustados que se afastavam da água com medo de nela submergirem e se afogarem, e que tinham medo do escuro. Um medo animal, visceral, intuitivo de quando ficavam mais vulneráveis às feras, aos predadores.

Também ele tinha medo do escuro, um medo que partilhava com esses homens primevos. E depois era o silêncio, um silêncio impenetrável, que os ruídos da rua, a melopeia da cidade, os gritos das crianças a caminho da escola, batiam nesse muro de silêncio que o envolvia e resvalavam para a sarjeta. Uma sarjeta enorme de bocarra escura, gradeada, jazendo lá em baixo no fim da alameda.

Desperto, eram as memórias de outros medos. O medo de não suportar a carga de trabalho, o medo de não encontrar emprego, o medo de não ter dinheiro. E reflectia que, afinal apenas tinha medo de coisas que conhecia e não, como lhe fizeram crer durante tanto tempo, medo do desconhecido.

Porque sentia aqueles medos? Seria por transportar em si um ideal de perfeição e excelência, a par, e em conflito com a consciência da sua mediocridade? E as coisas novas, as mudanças que o mantinham afastado do mundo exterior e recluso em si próprio, não constituiriam mais um medo, talvez emergente do receio de falhar? E não seria isto a consequência de um orgulho desmedido que o levava a estabelecer um padrão de comportamento inatingível para ele e para os outros?

Ali estava, no espelho, exactamente real, duplo: o homem que tem consciência e confessa os seus erros, as suas fraquezas, os seus medos, e o outro, o que os pratica e sente. Pois os dois não são o mesmo.

Mas ele sabia que Júlio César também tivera medo do escuro. Sabia que os psiquiatras identificavam tais fobias com transtornos emocionais, ansiedades provocadas pelo ritmo de vida anormal à natureza humana. A pressão da expectativa, a espera do amanhã e das respostas colocadas hoje. Estes, não eram medos racionais.

Ligou o telecérebro e pronunciou, em voz clara, a palavra "Fobia". Logo o aparelho respondeu: - Fobia, origem na palavra grega *phobos* que significa acção de horrorizar, amedrontar. É um estado de angústia que se traduz por uma violenta reacção em evitar o agente causador da fobia, e que sobrevêm de modo relativamente persistente, quando certos objectos ou situações têm lugar, são mencionados ou, simplesmente, imaginados.

Respirou fundo e fechou os olhos, ouvindo atentamente as palavras debitadas pelo aparato, esperançoso de que aquela explicação científica lhe removesse todos os medos que sabia infundados. Que aquelas palavras lhe apoiassem a razão. Que tudo aquilo desaparecesse de vez.

E a voz modulada, tranquila e afável, continuou: - Os medos são intensos e opressivos diante da situação ou objecto específico. A denominação das diversas fobias observa geralmente uma relação etimológica com as situações que as despoletam. As fobias específicas como a claustrofobia p. ex., começam no final da infância embora a agorafobia se forme mais frequentemente entre os 20 e 30 anos de idade. As fobias são medos desproporcionais diante de situações, objectos ou animais, que, geralmente, não causam efeitos semelhantes a outras pessoas. Para que exista uma fobia tem que se verificar uma série de requisitos; deve tratar-se de um medo desproporcional com respeito à situação que o provoca; a sua vítima procura evitar essa situação pois conhece os efeitos. Porém, o indivíduo possui consciência plena da irracionalidade do seu temor mas é incapaz de o controlar...

Bruscamente, desligou o telecérebro, horrorizado com o que acabara de ouvir. Correu para o guarda-roupa esgueirando-se para o seu interior e trancou as portas de tabuinhas trincadas. Ali, estava a salvo.

II

Tinha uma minúscula loja na rua principal da pequena cidade. Embora consciente da sua condição de ser religioso e da herança cultural judaico-cristã que lhe condicionava o pensar e o agir, nunca professara qualquer religião.

Começou por esculpir na madeira pequenas figuras inexpressivas, apresentando-as de frente, erectas, rígidas, despidas de pormenores ou particularidades enriquecedoras que não o talhe preciso das linhas angulares. Naquelas madeiras negras as imagens ganhavam uma estranha força, uma energia magnética que prendia a atenção de quantos as viam à primeira. De início, os visitantes da lojinha de souvenirs, julgavam tratar-se de réplicas de estatuetas ameríndias para, em segunda apreciação, as conotarem com o Egipto antigo. Mais adiante acabariam por ficar baralhados, suspeitando tratar-se de divindades locais.

E ele alimentava essas fantasias, contava a história de cada peça, do deus que representava, o seu nome, atributos e faculdades. Com o correr do tempo, quase duas décadas de dedicado labor exclusivo, construíra um gigantesco panteão de divindades e traçara-lhes, até, relações de parentesco e procedência.

Tudo começara com a primeira peça criada, uma deusa da fertilidade, matrona de peitos proeminentes, barriga extravagante, lábios carnudos e olhar vazio.

O diabo foi a filha da vizinha do primeiro esquerdo afirmar que fora do toque accidental dado na estatueta, com a mão, que a barriga lhe crescera. A partir daí a vizinhança deixou de entrar na loja das estatuetas. Apenas os turistas lá iam, por curiosidade, ao depararem com as estranhas peças na montra. Por isso, ou para fugir à inclemência da canícula estival a meio calcorreio da rua principal.

Incapaz de arrancar à jovem a identidade do intérprete do jogo prenhez, a mãe da pequena apressou-se a espalhar o milagre, até porque constava que a jovem, já na casa dos trinta, ainda era virgem. Nunca fora moça de andar por aí metendo-se debaixo de cada um ou alçando a perna no vão sombrio de alguma escadaria de prédio. Assim se dizia na cidade. E como o que o povo, imbecil, diz, é quase sempre verdade...

Que a tal deusa da fertilidade fizesse milagre, assim, a uma jovem que lhe tocara descuidadamente, era coisa que a cada um cabia acreditar ou não, e ficaria a cidade disso esquecida depois de esgotado o assunto nos três dias de falatório regulamentar, se não se desse outro inesperado incidente.

Um velho marítimo, que muitas vezes ia, de dedo em riste, indicar a loja aos turistas que perguntavam pelo artesanato local, terá, por mor dessa atenção, recebido uma estatueta em sinal de gratidão. E o velho pescador experimentou os atributos de um deus austero, de barba hirsuta e cãs brancas. Padecendo de reumatismos, eis que, aspergido trinta vezes com borrifos de medronho derramado pela cabeça da estatueta, logo se sentiu curado das maleitas reumáticas.

Juntando-se o facto da esquizofrénica esposa do embaixador ter comprado uma das estatuetas que espreitam os transeuntes pela montra, cismando naquele olhar “com vida”, como ela entendia que a estatueta possuía e os olhos testemunhavam; depressa uma legião de habitantes, de todas as condições económicas e sociais, adoptou um pequeno deus de madeira como protector do lar, ou curador de males a que os médicos não davam curativo. Rapidamente, irromperam em várias habitações da pacata urbe os mais singulares milagres protagonizados pelas abonecadas divindades.

Uns poucos habitantes, descrentes nestas coisas, gozavam os vizinhos quando os viam reverenciar a estatueta adoptada. Lançavam jocosidades quer à vizinha quer a um simples conhecido que com eles se cruzava nessas andanças de passear o deus, levá-lo a polir, envernizar ou em viagem breve para mostrar à amiga da prima que vive no outro extremo da cidade e que nada resolve da sua infertilidade. Mesmo ali, um desavergonhado e descrente vizinho terá rematado: - Trazes um deus feito de pau ou um deus de pau feito?

Duplicam-se as festas privadas em honra de cada deidade caseira, convidam-se amigos e estranhos a fim de evidenciar a supremacia milagreira do deus pessoal eleito em detrimento do alheio, revelam-se particularidades até então insuspeitas, truques e segredos guardados, diz-se, em livros muito antigos; destaca-se a qualidade dos prodígios realizados. E até se estabelecem genealogias entre aquelas divindades representadas em madeira e os seus novos adoradores.

Uma verdadeira competição alastra pela cidade convertendo velhos e novos, ocupando o lugar da clubite desportiva e da partidarite política. De cada lado defende-se a verdade garantida pela experiência e o testemunho dos seus, e descrê-se nas mirabolantes descrições dos fenómenos alheios. Daí até alguns se arvorarem a sacerdotes de uma nova religião tendo por figura principal um boneco de madeira preta de 80cm de altura, de superfície polida e brilhante, e globos oculares tintados de azul, e ao surgimento de procissões nocturnas que atravessam algumas ruas da cidade com esses bonecos empoleirados em andores, foi um passo. Passo de uma caminhada que conduziu, depois, aos primeiros confrontos verbais entre sectários de diferentes cultos.

As autoridades foram apanhadas desprevenidas quando, num fim-de-semana de Outubro, uma enorme algazarra seguida de poderosa sessão de pancadaria rebentou no rossio, por motivos de confluência simultânea de duas procissões que pretendiam percorrer o mesmo itinerário. Houve insultos, juras de morte e uns “hei-de cagar à tua porta!”, facadas agendadas e tiros de caçadeira prometidos: “vai mesmo em cheio nos cornos, ó cabrão!”; e houve feridos, embora ligeiros. Alguns

dos acólitos mais excessivos foram detidos pelas autoridades que, pouco antes da meia-noite, colocaram um ponto final na raivosa batalha campal.

Farto das desavenças entre vizinhos e familiares, entre membros do mesmo clube, camaradas do mesmo partido, companheiros de tertúlias, confrades das mesmas associações, e particularmente assustado com o rumo que as coisas tomavam, o edil mandou confiscar todas as imagens desses deuses, santos, ou demónios, que tomavam conta da sua cidade. Procedeu-se à recolha de todas as estatuetas e foi decidido enterrá-las num enorme buraco escavado no centro de um terreno sacro. Assim exigiam os seguidores, adoradores e proprietários das peças que diziam, sagradas. Foi escolhida uma velha Igreja abandonada, e ali foram soterradas. Durante anos ali ficaram esquecidas as largas centenas de estatuetas que, em tempos idos, haviam sobressaltado a quietude e pacatez meridional da pequena urbe de província.

Mobilizados pela recente onda de recuperação do património histórico e edificado, num afã de marcar lugar nessa moda nova, muitos edifícios e monumentos da cidade foram submetidos a intervenções de simples cosmética uns, de profunda e aturada remodelação outros. À velha Igreja coube um quinhão desse protagonismo mas, antes de se proceder à recuperação das estruturas, houve que realizar trabalhos de arqueologia que, inesperadamente, encontraram e exumaram uma enorme quantidade de estatuetas de madeira.

III

No meio de um tremor telúrico que sobressaltou a população, cederam as paredes da Igreja, descolando-se umas das outras e ruindo parcialmente. As pesadas portas em madeira férrea saltaram dos engonços e caíram na rua. O resto, conta alguém que diz que lho contou outrem que é amigo de um que viu, do enorme buraco aberto no chão, elevarem-se estranhos seres alados que esvoaçaram, para além do campanário, ascendendo em espirais rumo aos céus. O buraco de onde saíram lá estava, forrado com a colossal mortalha com que as haviam sepultado antes.

Com a casa destruída, tal como muitas outras da cidade, com a vida completamente alterada, tal como as muitas vidas dos seus conterrâneos, o homem procurou nos arredores da urbe um local onde pudesse retomar uma existência normal.

IV

Embora tivesse uma peúga rota, o ombro do casaco descosido e um irritante zumbido no ouvido esquerdo, o homem sentia-se feliz com a vida que naquela fria manhã de Novembro o arrastava pelos bairros destruídos da cidade. Não recebia um salário digno desse título ia para quatro anos mas, agora, uma vaga na fábrica de reciclagem devolvia-o à normalidade. Pelo menos já poderia pagar a renda do seu lar sob o lixo e calar a boca àquele arrogante encarregado da estrumeira que o queria expulsar.

Eram sete horas da manhã e o sol preguiçoso e relutante apenas assomava pela greta deixada acima do horizonte pelas nuvens baixas. Na rua, ainda deserta de gente, a um canto dos taipais que escondiam uma nova construção, um gato vadio encolhe-se esquivando-se do frio, ou da bota do homem que descreve no ar um movimento ameaçador ainda que carregado de camaradagem.

Outras bocas iriam sorver os novos conteúdos das garrafas, pequenas, médias e grandes em que se iriam transformar os milhões de cacos vítreos. Ali próximo, encolhido dentro de uma enorme grua, atarefado com as alavancas, um homenzinho enfezado içava os caixotes de fragmentos e colocava-os na plataforma metálica da máquina trituradora, a quatro metros de altura.

Selar as caixas de vasilhame novo, num anexo pré-fabricado situado nas traseiras do edifício central, fora a tarefa a si designada. Um barracão gélido onde enrolava fita adesiva nas caixas, sozinho, vislumbrando de vez em quando os vultos de colegas que entram e saem do barracão contíguo.

A “vaca”, um mugido electrónico de sirene engasgada, dera já o toque de mudança de turno nos fornos, e outros homens rapidamente ocuparam os seus postos. Pela janela observa as silhuetas cinzentas dos que largam o trabalho esgueirando-se para fora do complexo, engolidos pelo alvorecer pardacento, em direcção às míseras barracas que lhes servem de alojamento.

As fitas colantes sucedem-se em metros e metros, quilómetros intermináveis de esguia e peganhenta faixa plástica à qual se junta o cansaço do trabalho rotineiro e monótono e o crescente ruído da fábrica. É a fadiga a afectar-lhe a capacidade de se alhear, de manter o refúgio abstracto que o protege dos ruídos, da entediante monocromia e do frio penetrante. Dos odores não se queixa, não se queixam as suas narinas superiormente treinadas em todos os tipos e categorias olfactivas.

Mas nada disto importa verdadeiramente, não passam de bagatelas que não o desanimam. Satisfeito com a nova ocupação, entorpecido pela mecânica sincrónica da sua tarefa, o homem passa em revista a sua anterior ocupação. Na recolha do lixo, primeiro num camião dos grandes com dois colegas e um motorista, depois, com uma vagonete eléctrica de que era o único operador. E recordou esse tempo em que, sozinho, com o seu veículo quase lunar, silencioso e furtivo, se embrenhava na noite, na solidão e no frio, naquele maldito frio insidioso. Eram caixas e sacos a recolher, às centenas, aos milhares. Pequenas massas deixadas caoticamente em qualquer ponto da cidade, em todos os pontos da cidade. Numa ocasião encontrara uma caixa com sapatos novos, por estrear, só não os experimentou porque não sabia andar de salto alto.

A mais estranha revelação encontrada no lixo foi um homem. Um homem deitado sobre o lixo, num contentor tradicional. Ali estava, confortavelmente instalado, protegido do frio por aquela massa que libertava ainda os calores domésticos. Chorava, maldizendo uma qualquer sorte madrasta, um infando destino, num lamurio de discurso incompreensível.

De início pensaram os técnicos auxiliares de higiene e salubridade pública que se tratava de um bêbado ou da vítima de algum sombrio ajuste de contas. Ali proliferaram os pequenos bandos que controlam os bairros do tráfico do pó. Mas não, o homem estava sóbrio e nada havia com narcotráfico. Lá explicou enquanto o ajudavam a sair do caixote metálico e assim ficaram a saber que fora a mulher que o jogara no lixo, nada mais. E foi tudo o que perceberam do homem lamuriante que se afastou soturno, logo que se viu livre do recipiente dos resíduos.

Noutra altura encontrou uma boneca insuflável, dessas que homens só usam para se aliviarem ou para companhia que os ouça. Os cabelos da boneca, outrora louros – agora matizados pelo

contacto directo com fluidos distintos – desgrenhados, privados do brilho original, atestavam a velhice da feminil prótese. Reparou, então, que a boneca apresentava muitas tatuagens, palavras inscritas no látex cutâneo que faziam dela um catálogo da especialidade.

Mas foi na inspecção mais atenta que percebeu – ou não terá percebido, que coisas assim não têm entendimento – tratar-se de palavras. “Dentadinha”, inscrita na encosta rosada que sucede do seio para as costas; “lamber devagar”, inscrito em círculo em redor do umbigo; “beijar docemente”, no lóbulo frontal esquerdo; “beliscar”, na bochecha do rabo; e por aí, em locais expostos ou recônditos do corpo esbelto, que a imaginação ou necessidade do escriba foram ditando em sessões de libidinosa singularidade.

Mais um quilómetro de fita-cola e após a curta pausa para deglutir a bucha, novas recordações lhe assaltam a memória. Um dia encontrara uma mala, uma dessas arcas de noivado que as jovens casadoiras vão enchendo de trapos, suspiros e esperanças ao longo de anos sem fim. No seu interior tudo parecia intacto, embora fora de moda. Um verdadeiro enxoval nunca usado, com lençóis carcomidos por traças que morreram de idade avançada, vestidos de decote rendilhado e cores incertas, corpetes de atilhos quase petrificados e um estranho objecto de madeira negra, aparentado com um óculo de ver ao longe, mas que não permitia ver nada, a não ser umas pedrinhas coloridas que bailavam no seu interior.

No fundo da mala, um maço de papéis atados com uma fita vermelha incluía um resto de carta, de caligrafia cuidada, que dava conta da morte de alguém no Brasil. A data e a proveniência já o tempo tragara. O mesmo tempo que, provavelmente, desfizera as esperanças da sua possuidora e lhe enlutara os suspiros.

V

A sua casa, se assim lhe podemos chamar, era um pequeno túnel de cinco metros de profundidade por menos de dois de largura, escavado e cuidadosamente escorado por baixo de uma montanha de detritos cartonados, plásticos, alumínio e outras coisas metálicas. Até havia, espreitando numa zona da “casa” que ele definia por cozinha, a ponta da asa de um avião a jacto da força aérea; era metal sem qualquer valor para a sucata, mas com boa serventia como prateleira para a loiça.

O lixo que recolhia e encaminhava para a central receptora provia-lhe a maioria das necessidades. Quantas conservas de atum e sardinha dentro do período de validade, garrafas de óleo vegetal, fruta madura e não podre, quanta comida boa misturada com verdadeiro desperdício. E era nos bairros mais pobres, ou pelo menos mais modestos, que ele recolhia tudo isso: rádios e televisões, livros, muitos livros que formavam uma autêntica biblioteca nas catacumbas da lixeira. Não era muito dado a leituras, mas as lombadas acolchoadas das enciclopédias criavam belos motivos decorativos. Era quase impossível perceber-se que as paredes da sua habitação eram compostas por camadas estratificadas de bocados de metais e plásticos, escondidos pelas centenas de fotografias que recolhia e juntava. Era como se fosse a sua família ali retratada. Essa enorme família que lhe proporcionava aquele modo de vida. Desde os materiais da própria casa, ao que

comia e bebia, aos jogos com que se entretinha, até lhe abonavam os artigos supérfluos que trocava pelas escassas moedas que necessitava no quotidiano, para comprar pão, água e pagar a “renda”.

Dos mais ricos nunca apanhava nada. Mas dos outros, tão mal governados, até roupas quase novas, de activo cheirinho a amaciador – que o seu anestesiado olfacto estranhava logo que abria o contentor. Tal era o manancial que ele recuperava daquilo que os mais desfavorecidos rejeitavam. Muitos, eram bens que recebiam na assistência social mas que a sua má gestão dispensava, na profusão de coisas obtidas sem qualquer custo. Mas não o preocupavam tais misérias, desventuras e enredos da realidade político-social. O seu mundo era coisa mais simples, embora pensasse muito nas vidas que os sobejos traziam agarradas, fazia-o pela mesma razão com que se entretinha a olhar fotos de gente anónima ou a montar algum colorido puzzle, mesmo incompleto. Apenas para espairecer.

Numa motocicleta que encontrara no lixo e que, ao cabo de largas horas de paciência, colocara em funcionamento, dava voltas pelas redondezas aventurando-se cada vez mais longe. Atrevendo-se até a transpor os difíceis obstáculos deixados pelo sismo, que tornaram impraticáveis alguns dos acessos à única auto-estrada existente na região. E cada vez mais longe, e mais rápido.

Laboriosamente, pacientemente, foi progredindo na carreira profissional e acabou por deixar a lixeira, mudando-se para um apartamento dos novos prédios construídos sobre as ruínas e a memória do gigantesco abanão telúrico que tudo mudara.

VI

Perdeu as pernas e o braço direito no acidente. As próteses inteligentes que o Seguro da empresa de reciclagem lhe proporcionou refizeram-lhe a vida de tal modo que quando saía de casa ninguém suspeitava que ali ia, simplesmente, uma metade de homem. Tal era a perfeição tecnológica dos dispositivos que lhe substituíam os membros naturais. Micro-circuitos electromecânicos permitiam-lhe, agora, executar movimentos antes impensáveis. Pequenos cérebros digitais programados reproduziam, minuciosamente, balanços e tremores naturais de um corpo humano, passadas largas, precisas, sem grande esforço ou cansaço.

O conjunto das pernas continha uma pequena caixa electrónica com duas luzinhas sempre acesas, ora piscando ora fixas consoante o estado e as informações do sistema. Era o dispositivo de comando e controle, um avançado processador numérico que activava ou inibia minúsculas bombas de pressão, válvulas, micro servos, motores para aquecimento e ventilação, estruturas, tendões e músculos em fibras de *kevlar*, *Trylam* e *Buckminsterfullerene* e Biopolialanina, esse estranho produto resultante das investigações sobre biomimetismo das teias de aranha; controladores de humidade e temperatura, e da tonalidade da pele que mudava de acordo com a exposição aos raios solares, acompanhando as alterações sofridas pela sua genuína derme no resto do corpo. Um ligeiro zumbido, quase imperceptível ao ouvido humano, desprendia-se do mecanismo e esse era o único sinal revelador da sua existência.

Assim, de físico totalmente refeito pelos milagres da biotecnologia, o seu corpo alcançava uma sublime perfeição, muito para além dos propósitos do Criador. Não obstante tal reconstrução de si

próprio, para além das inúmeras sessões de apoio psicológico que mantinha, uma estranha melancolia apossara-se do homem. Ausente de alegrias como se estas tivessem desaparecido com as partes em falta do seu corpo original, entediado ou decepcionado por, diariamente, encarar a dura realidade da reduzida dimensão do seu corpo verdadeiro, pois embora não sendo obrigado a isso, todos os dias removia as partes adicionais, recolhendo-se depois ao pequeno leito onde, na penumbra da noite, percorria, apalpando com a mão verdadeira, o minguado ser que era. Procuraria certificar-se de que não perdera mais nenhum bocado de si?!

Desconfortável, num coto de figura incompleta, o homem ia esquecendo pouco a pouco o dinamismo dos dois primeiros anos em que fora descobrindo e desafiando as capacidades dos apêndices biônicos, a novidade que lhe permitira a prática de desportos que até então nunca experimentara, incontáveis e demorados convívios com os amigos, extensas e exóticas viagens pelo mundo.

Tudo isso soçobrara numa profunda melancolia que o alargado pecúlio recebido a título indemnizatório não lograva ultrapassar. Agora, enfrentando a condição de ser semi-sintético, passada a novidade de possuir braço e pernas inteligentes quase indestrutíveis, o homem caíra num profundo torpor que o alheava totalmente das boas coisas da vida ao seu alcance. Recolhia-se a uma cama de tamanho reduzido por não necessitar de uma de dimensões normais ou porque esta lhe ampliase a miudeza que se sentia.

Originalmente de pequena estatura, era agora um nanico com menos de um metro de altura, ou comprimento se deitado; talvez fosse o homem mais pequeno do mundo.

Consumido neste desarranjo depressivo o homem já raramente saía de casa. E não precisava. Traziam-lhe à porta tudo o que necessitava. Mordomias de sinistrado que a Seguradora provia enquanto fosse vivo.

Por vezes sentia-se obrigado a desligar os avisadores electrónicos dos apêndices, que teimavam solicitá-lo para passeatas higiénicas, lembrar-lhe tertúlias de amigos. Ora grasnavam as pernas, logo de madrugada, em polifonia sibilante piscando as luzinhas, ou o braço o desafiava para as partidas de ténis e jogos de bilhar que durante dois anos praticara com escrupulosa assiduidade. Nada disso lhe interessava mais, e aquelas vozes cibernéticas irritavam-no. Nem ligava à agenda de eventos do Moto Clube a que pertencia. Já nem tinha mota! Não que não pudesse conduzir uma. Hoje, com tais apetrechos biônicos bem podia acelerar sem medo pelas auto-estradas, montado em possante máquina que a larga fortuna lhe permitiria, ultrapassando os seus companheiros a 300 à hora, recorrendo à aptidão optimizadora da panóplia *cyborg* que possuía. Mas nada disso o excitava. Jazia, ensimesmado em pensamentos e sonhos de uma outra vida que poderia ter tido, desinteressado da que tinha.

Numa tarde de Inverno, dessas que obrigam a ligar o aquecimento para enxotar as farripas de frio que se introduzem pela mais insignificante fresta de janela, em que corroía algum tempo ao computador, verificou com estranheza a quantidade de *e-mails* enviados para a empresa de próteses. Era normal as próteses reportarem à fábrica a necessidade de proceder a alguma manutenção ou enviar dados sobre pequenas afinações efectuadas, ou requisitar algum componente, mas aquilo que ali estava representava um desmesurado volume de peças encomendadas. Que significaria tal coisa? Virou a cabeça e olhou interrogativamente para o suporte

de alumínio onde encaixavam as pernas e o braço mas não proferiu qualquer pergunta a que os sistemas responderiam, seguramente. Não interessava, as pernas e o braço que pedissem o que quisessem, era-lhe indiferente.

Cansado da posição incómoda a que o monitor do computador o obrigava, deixou descair a cabeça deslizando pelo lado da enorme almofada e entregou-se à planura da cama. Voltava aos sonhos e pensamentos imaginários, sendo-lhe difícil distinguir onde findavam os primeiros e começavam os segundos.

VII

Foi num dia que começou igual a tantos outros que a sala se encheu de pacotes e caixas de cartão provenientes da fábrica de próteses. Eram as encomendas.

O sistema biónico, deslizando sobre as minúsculas rodinhas do suporte de alumínio anodizado, depressa tomou conta dos embrulhos e do seu conteúdo e, nos dias seguintes, o homem ouviu através da porta do quarto, entreaberta, uma série infindável de disparos das pistolas hidráulicas que posicionam, cortam e soldam peças, aspirando excessos e desperdícios. Mas nem estas tarefas executadas pelo avançado sistema biomecânico o removeram da prostração a que se votara. No final dos trabalhos veria que invenções tramavam as suas pernas coadjuvadas pelo fiel braço direito, na posse de tal parafernália.

Uns dias depois terminaram os ruídos e, quando o vulto do sistema biónico regressou ao quarto o homem verificou, estupefacto, que havia agora um ser com cabeça, tronco e o braço, que antes não existiam. O sistema, agora corpo completo e não simplesmente peças num suporte, tomou o seu lugar habitual, encostado à parede, estacionado em posição lateral à cama do homem. Ali, erecto, na obscuridade do quarto, aquele vulto imóvel era estranho, uma presença intimidadora a que não estava habituado.

Deitado durante longos períodos, sob uma débil iluminação quase residual, o homem ganhara o hábito de interpretar os mais ténues ruídos provenientes do exterior; do trânsito, das intempéries, de um ou outro altifalante anunciador de circo, produtos em saldo ou discursos gravados para ludibriar eleitores.

Naquela manhã não foram os ruídos de fora nem os produzidos no interior da habitação que o despertaram. Não foram as lamúrias das suas próteses convidando-o, de balde, para sair, nem o fremir periódico dos transformadores durante as recargas eléctricas, mas sim o silêncio; um pesado silêncio despertara-o do sono leve em que planava. Rodou a cabeça e o olhar não encontrou as próteses, entretanto acrescentadas de restante carcaça humanóide; não estavam ali.

VIII

Depois do corte da energia eléctrica e da linha de comunicações por falta de pagamento, cessaram as entregas domiciliárias, deixara de receber a comida, os jornais semanais que há muito desistira de ler mas continuamente recebera, e até a visita semanal da mulher da limpeza cessara.

O quarto estava escuro e frio, muito frio, e o homem não despertava do delírio profundo em que mergulhara. Não acordaria mais.

IX

Os amigos ficaram entusiasmados com o seu regresso, voltara com boa disposição e ânimo, recuperara a alegria de viver. Saltitando sobre um pé, alternando para o outro, o homem parecia uma criança grande divertindo-se em equilíbrio sobre a beira do passeio empedrado, como um funâmbulo passeando por corda esticada nas alturas. Prometera participar nas partidas de ténis e até aceitara o convite para um piquenique rural nas cercanias de uma aldeia da região saloia. Os amigos achavam-no um pouco mais alto, mais robusto, espadaúdo como nunca o tinham notado mas, satisfeitos com o retorno do companheiro generoso que tantas rodadas pagava aos confrades, não se importaram com as operações plásticas e acrescentos fisionómicos que pudesse ter feito no período em que se ausentara. Agora estava ali, era um tipo divertido, de humor contagiante, e isso sobrepunha-se a qualquer outro aspecto menos claro. O homem despediu-se com um largo sorriso, dirigindo-se para a sua nova casa situada no bairro mais dispendioso da vila.

X

Nas urgências, deitado sobre uma maca, o homem gemia. Uma das pernas pendia, praticamente decepada pela articulação coxo-femural, apoiada nas mãos do jovem enfermeiro estagiário para que não tombasse no chão. A outra perna jazia deposta ao lado da maca. De uma fractura exposta, num dos braços retorcido para trás jorrava sangue mal estancado pelo enfermeiro graduado que competia com outro colega e dois médicos pelo espaço exíguo em torno do homem que se esvaía.

Recolhido de um acidente que envolvera o motociclo que pilotava, o homem, em choque, ora gemia de dor ora gritava pelas pernas e pelo braço, num chamamento pungente a que os profissionais da emergência médica não ligavam, empenhados na contenção das hemorragias que exauriam aquele corpo já meio perdido.

- As minhas pernas andam por aí, andam por aí! Enganaram-me, as minhas pernas. Enganaram-me!

XI

Neste ponto da narrativa o que escreve cai, e entra nela.

Sob um céu azul e luminoso caminha uma multidão de gente curvada, dobrada sobre si própria, sob o peso da dívida que carrega às costas. Rostos tristes, austeros, talhados no tinto e no fado e neles anestesiados, não reclamam, não lamentam, não reagem ao peso do fardo que transportam.

Em cada esquina o mesmo, em cada rosto a igualdade, sem desespero, sem felicidade, ostentando apenas a resignação que desde o berço lhes foi inculcada.

O que escreve integra-se na fila mais próxima, segurando uma vela na mão direita e suportando o estranho peso que imediatamente o obriga a dobrar o tronco. Num relance, enquanto baixa o rosto e o olhar para o chão, vislumbra umas pessoas no terraço da vivenda mais próxima, erectas, engravatadas, segurando *flutes* de champanhe e sorrindo, felizes.

E a turba progride, entorpecida numa confiança imbecil, caquética de oito séculos, seguindo a figura de madeira negra, uma matrona de peitos proeminentes, barriga extravagante, lábios carnudos e olhar vazio que avança decididamente como uma deusa calcorreando os seus domínios, equilibrada sobre umas pernas biónicas.

—

Prefácio da primeira edição do Claustro Fobias

Não há organização pensante que, desde o berço, não tenha adstrita a si, por intuito ou inata categoria, a apaziguadora transgressão. Moléstias dos sentidos e minacíssimas faltas de completude corporal trazem a lascívia inflamada e a sua satisfação em transes permanentes. Esta tão humana condição a todos enforma e é de superior força a seres que se encerram em conventos e quejandas formas de maceramento. Não é de estranhar, pois, que as literaturas tenham aproveitado os desmandos inevitáveis para milhentos escritos variados, copiosos contos e consequentes leituras satisfeitas. Vem ao caso mais uma narrativa – a do Francisco – e que segue plasmando calidamente historietas de Camilo, escritas e vividas, e exemplos de D. João V e madre Paula, figurinos persistentes da citada e satisfadora transgressão.

Ficam, nestas narrações, edificantes modelos de volúpias em consórcio para consolo de corpos e fulgor dos espíritos, com a consequência provável de recordações saudosas para os que transgridem e inspiração para os que ainda se não atreveram mas disso se sentem precisados.

Que a moléstia dos moralistas de inquisições e organismos censórios asseiem as ideias, e sobretudo os propósitos, purificando-se assim das nevróticas tentativas de regenerar os são. Glorifiquem-se as imoralidades, bem melhores terapias que orações e unguentos, em relatos e histórias. Seguem várias.

S. João da Madeira, Julho de 2007

Carlos Marques

Claustro Fobias

Introdução

Em 1631 conheceu a irmandade do Convento das Carmelitas de Lagos um escândalo que tendo ficado registado nos autos de visitaçãõ é aqui explorado de forma ficcionada, transposto para um horizonte temporal em que se mescla a cronologia e se transformam os factos históricos. Mais do que um Conto ou outro género literário segue um conjunto de quadros ou micro-contos que deixam ao leitor a tarefa de operar a conexãõ entre eles.

*“dixe mais que as pessoas que frequentaõ o mosteiro das freiras de nossa senhora do Carmo desta cidade E que nelle tem amizade E continuaõ com ella saõ o prior sebastião pereira cõ huã filha de diogo rebello o Alfaqueque e Pêro Coelho Atalaya de huã Armaçãõ cõ huã filha de Rodrigo Rebello por nome Leonor da piedade o que elle declarante sabe por ser ermitaõ de /.../ freiras E os ver continuando a dita amizade ate ao presente e mais não dixee E do costume nada e asinou cõ o sor Bispo domingos de Carualho que o escreuy.
Ass. Gregório dias”.*

I

Remava o mais novo, calado e ouvindo o cadenciado mergulhar dos remos na água fria e invisível que a noite escondia. Avançavam lentamente naquele mar chão de águas de chumbo. O outro falava investivando pela enésima vez as faculdades mentais do remador:

- És um imbecil, um parvo, uma autêntica cabeça de abóbora. Desde que enxofraste o juízo com essa ideia louca de querer casar com uma freira, só fazes disparates. Onde já se viu deixares acabar o gasóleo da traineira? E ainda faltam umas boas seis milhas para alcançar terra. Que burro! Mas que grande burro!

II

Ajoelhada, de cabeça descaída sobre o peito, envergando uma dessas camisas de algodão que as irmãs usam sob as dobras do hábito, esta já esfarrapada na bainha e simetricamente desbraçada, é um vulto distinto na fraca claridade do luar. Desgrenhada, arranha-se e geme cravando as unhas na alvura cutânea dos braços, pernas e coxas, qual bacante em clímax de ininterrupto furor nocturno. Tal estado demencial da freira resulta da luta que trava contra um tempo que não é o seu, um tempo que não compreende, um mundo de telemóveis, internetes e emancipações femininas que não entendem a sua castidade e reclusão. Sofre o ser desejando em pungente querer o acto profano mas redentor da penetração por viril membro masculino. E sofre Isabel Violante a quem chamaremos Bela porque sempre assim foi chamada por seu pai.

A lua sobe reduzindo a sombra do velho poço, presença dominadora no claustro do Convento das Irmãs Carmelitas, aqui numa colina da milenar Iacobriga.

E o seu desejado rema. Rema numa cadência pesada e longa, esforçado nesse mar raso que nenhuma brisa cumpre agitar. Rema repetindo incessantemente arcos de força bruta com as mãos crispadas nos punhos dos remos, mãos poderosas calejadas de fainas marítimas. Os ombros vão retesados e as costas flectidas, oscilantes entre o movimento sincopado do avanço e recuo dos remos e o flagelo de um frio cortante que lhe percorre a espinha. Não vem esse gélido arrepio da noite primaveril mas da estranha ausência da habitual aragem e da ondulação áspera, sacudida ou simplesmente de embalar. Parece este oceano um outro mar que não o dos pescadores que dali retiram o sustento quotidiano, mas um mar estranho. Em tal mar quase sobrenatural não levanta ele o olhar para lá da borda do bote, receoso de o trocar com o barqueiro Caronte. Esse olhar, absorto, fixa o painel de popa na junção das tábuas onde a tinta azul há muito perdeu a cor e estalou em carepas múltiplas. Na mente ressaltam inquietações, pensamentos nebulosos, medos incertos. E rema.

Antes do galo cantar arrasta-se a jovem, lentamente, para o seu resguardo. Transpõe os passos do claustro fundindo-se no escuro da sombra que a parede projecta no empedrado e recolhe-se na austeridade espartana da sua cela, essa alcova de secretos suspiros e intensos desejos adiados. Prostrada ela. Remando ele. Canta o galo.

III

A cada cavadela saltam gotas de suor que se precipitam em queda livre respingando nos torrões soltos pela enxada. E o pensamento do homem atende à filha que entregara ao convento. Era toda a família que tinha e que o ligava à existência. Tivera que a apartar de si com profunda mágoa, mais funda que os sulcos que abria na terra, num grito mudo que lhe saíra do peito esvaziando-o das sobras de sentimento que lhe ficaram após o falecimento da mãe da rapariga. Sempre era melhor assim. Antes no convento do que submetida à triste condição da miséria em que vivia. Nem uma habitação digna lhe podia dar, nem um desses humildes casebres que em tempos foram lar modelo e orgulho de um nacionalismo honrado em ser português, trabalhador, e pobre. Miseravelmente pobres, esses honrados trabalhadores.

Vive num barraco que equilibra meia dúzia de tábuas encostadas à face sombria de uma velha figueira inclinada para Sul, torta pelo peso da idade. É o seu lar e é tudo. Foi também o dela nos últimos anos em que a teve junto de si.

Que saudades tinha da rapariga. Dessa luz que lhe alumia a existência triste. Não era homem de convívios, festas ou simples cavaqueiras de queimar tempos de lazer. Trabalhava para prover o seu sustento, nada mais. De tempos a tempos devolvia dois dedos de conversa ao mestre Marcelino, um marítimo dos antigos que em moço andara nas fainas do Bacalhau por esses mares fora. E porque era um velho amigo de infância, com ele e com o seu filho, que lhe seguia as remadas, mantivera o único e ténue laço que o prendia à comunidade. Mesmo vivendo a escassa meia légua da urbe raramente se aventurava para lá das cercanias. Uma ou outra mercearia de bairro periférico eram as excepções, que isso de penetrar no centro da cidade era como entrar num outro mundo, um desafio que não ousava, de que não sentia interesse ou curiosidade. E entrar nessas mercearias enormes cheias de gente a empurrar carrinhos como o que tinha nas traseiras da barraca e servia de ninho ao par de aves que possuía, isso é que nem pensar.

Numa pausa breve limpa o suor da testa passando um velho lenço descorado e puído. Cerrando os olhos à passagem do lenço pela fronte, a imagem da filha ganha mais intensidade como se a sua cabeça fosse uma câmara escura onde se projectam imagens, as do exterior que entram pelas janelinhas que são os olhos e as do interior que por meio de um misterioso sistema de comunicação as recebe sabe-se lá de onde. Fechadas as janelinhas de luz e apagada a sua imagem mais forte fica a imagem recebida de dentro que ganha toda a tela de projecção. E como é vívida. O que estaria ela a fazer neste momento? Rezando pela salvação das almas de gente desgraçada como ele, pelos doentes e pelos desesperados, pelos que sofrem o que devem e o que não devem? Por ela? Sentir-se-ia infeliz e miserável na sua reclusão? Ou estaria entregue às tarefas mundanas e corriqueiras da vida conventual, talvez murmurando algum cântico alegre, talvez sorrindo? Talvez fosse feliz.

Era como se a estivesse a ver ali à sua frente, de cabelos soltos ondulantes na aragem fresca do Norte, com aqueles olhos brilhantes como duas azeitonas gémeas.

A enxada ergueu-se bem alto acima da cabeça do homem e num ápice desfechou um golpe seco e dilacerante na terra avermelhada. Sangraria esta terra fendida e magoada pela ferramenta, subjugada para ser, assim, o ganha-pão de um homem insignificante?

“Senhor reveste-me da tua beleza e que no decurso deste dia eu Te revele a todos. Ámen”. E finda a oração da manhã levantam-se as noviças na última fila, seguidas pelas outras em sucessão ordeira na antiguidade. Em silêncio abandonam a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, templo adossado à estrutura conventual que é a sua, por uma porta reservada a essa função. Transpõem os escassos metros que as separam da clausura, deixando para trás o único espaço que a irmandade partilha com os devotos de fora.

Bela, apressa um pouco o passo, desnecessariamente, pois não iria passar à frente da irmã que a antecede e, com isso, apenas reduziu a distância entre ambas ficando a parecer a sombra da outra. Desembaraçada da fila dirige-se à cozinha, impelida por moderada ânsia, a saber se hoje é dia de peixe ou não. Não se interessa a jovem freira pelo aspecto gastronómico da questão mas tão-somente em saber se houve ou há entrega de pescado. A irmã Leonor lá está no seu posto de sabores, odores e cores sem fim. Bela só quer saber se ele veio fazer a entrega ou se ainda virá. Vê-lo, ainda que fugazmente, seria um oásis de felicidade e alegria no deserto dos dias soturnos, lentos e cinzentos, dias iguais em sucessão infinita marchando uns atrás dos outros, cópias de um só. Mas hoje não há peixe fresco.

Mesmo com os olhos inchados pela falta de repouso ele aguenta firme ao lado do progenitor, escutando, sem ouvir, as arengas dos velhos marítimos que repetem as vicissitudes da última faina. Para ele, igual a todas as outras, com mais ou menos peixe, um farol avariado, uma tábuia partida na chata de apoio ou um Zé Vicente que obrigou a companha a suspender a arte mais cedo, vítima de um inesperado ataque de apendicite.

O olhar queda-se numa velha argola de ferro enfiada numa outra menor incrustada, esta, na parede. Ali se prendiam os muares que carregavam géneros para abastecer a cidade, noutros tempos. Mas não se fica o seu pensamento nas forjarias de ferro nem nas alimárias de carga, vagueando antes pelos recantos da mente onde arquiva carinhosamente as recordações da última vez que fixara aqueles olhos brilhantes como farolins salientes no escuro da vestimenta da serva de Cristo. Hoje não encontraria esses olhos, hoje não tivera a mercadoria piscícola que lhe facultava o salvo-conduto ao alimento do seu coração. Outro lá iria. Talvez o velho Sabino que capturara mais peixe que a restante frota. Foi lá para o lado dos Caneiros. Caíram sobre um enorme banco de cavalas e o barco, o maior deste porto de pesca, não foi suficiente para recolher tudo o que a rede cercou. Nem foi possível chamar ajudas pois nessa noite decidiram os outros espreitar a sorte para lá do Cabo Carvoeiro. Também por andar longe tivera ele que remar tanto, pescando noutras águas, essas mais para Oeste.

Noutro dia haveria de voltar ao profundo mar daqueles olhos escuros e brilhantes, tentando a sorte de pescador. Noutro dia em que a sorte na outra pesca não fosse madrasta, mas madrinha do seu desejo. Entretanto, ficava sangrando um coração. E bem o podia ladear com a tintureira dependurada no varal do barco, secando, perdendo todo o suco que a animara em vida. Ali ficaria o seu coração, até lá.

IV

Bela ouve a Madre em silêncio, em atenção reduzida, deixando vogar o pensamento por outras imagens, estranhas, inquietantes, que não aquelas divinais de que fala a prelada. Não entende porque, tão amiúde, recorda coisas que não são da sua vida. Vive, com frequência, momentos de enigmáticas alucinações, imagens relâmpago de uma vida que não reconhece. Vê-se a si própria num enorme edifício repleto de salas, com secretárias, computadores e muita gente ocupada. Noutras vezes não se vê a si própria mas sim o que a rodeia, num horizonte mais apertado, dentro de um automóvel na companhia de um garboso e sorridente jovem que lhe diz coisas inaudíveis. São as cores e as formas que se impõem e impressionam a sua mente, não o som que esse não existe.

Tais analepses tornam-se cada vez mais nítidas e prolongadas e, nesses *flashbacks* silenciosos em que as imagens coloridas, brilhantes, surgidas do nada a deixam atordoada e confusa ela sente que uma outra realidade vai, insidiosamente, invadindo a sua vida.

Na cozinha, ajudando a irmã Leonor, por mais de uma vez teve que se amparar na ombreira da porta ou no enorme fogão esperando que se dissipe a perturbante visão que de rompão a assalta. Inicialmente não se preocupava esta serva do Senhor com tais imagens julgando tratar-se de inofensivas partidas que lhe prega a cabeça, a contas com a gestão de uma vida de clausura que a jactância da juventude, naturalmente, procura recusar.

Nunca estudou Bela tais questões de psicologia mas assim lho diz o senso de quem, desde cedo, se rendeu ao entendimento das realidades da vida. Todavia, a repetição de tais episódios leva-a agora a duvidar da sua sanidade mental. Nunca revelara tais acontecimentos pois jamais teria coragem de reproduzir os conteúdos das cenas embaraçosas que a sua mente construía. Se é que de imaginação se trata e não de pecaminosa tentação do demónio. Uma jornada de orações e penitências costuma aliviá-la de tais alegorias de proveniência incerta, afastando essas coisas que não compreende.

Decorre o tempo na sua caminhada lenta, nessa velocidade reduzida que o espaço do convento possui por natureza, e deixam as rezas de acalmar e esconjurar a inquietude para se sentir alarmada quando, numa tarde em que se encontrava na capela viu, subitamente, transformar-se o exíguo templo num amplo bar cheio de garrafas, copos e bandeirolas decorativas que substituem o retábulo sagrado. Ao seu lado já não estão os bancos corridos onde se senta, ajoelha e reza o corpo da irmandade mas bancos de tampo estofado dispostos em torno de mesas de mogno envernizado com pequenas bases para copos feitas de cortiça e dispostas simetricamente em torno de cinzeiros de estanho enegrecido. Na parede lateral o nicho e a imagem de Santa Joana – a bela princesa que recusou a sumptuosidade da corte e o casamento com qualquer dos pretendentes europeus e se recolheu no Convento de Jesus, em Aveiro –, foram substituídos por uma enorme roda de carroça decorada com minúsculas garrafas incrustadas nos raios.

E todos estes detalhes da assombrosa casa de bebidas assustam-na. Esteve prestes a desmaiar de pavor perante o realismo da visão. Mas, como sempre, tais momentos não ultrapassam uma vintena de segundos, regressando depois tudo à normalidade. O que a tranquiliza então são os pequenos sons do Convento: umas botinas que palmilham o corredor contíguo, ou o chiar do cata-

vento no seu indeciso oscilar. E são esses sons quase imperceptíveis que lhe devolvem a confiança e a serenidade.

V

António, debruçado no beiral do telhado, com a cabeça erguida, em posição incómoda para o comum dos mortais mas não para ele que vive extasiado, tal a transformação que os sentimentos profundos em si operam, fixa atentamente a fachada do edifício principal do convento, para lá do poço e do quintal. Procura um vulto que as vidraças das janelas do casarão denunciem. Qual será a janela da jovem, dessa mulher que o obriga a fazer de um telhado uma inusitada cama, não de descanso mas de inquietude e exaltação? Que janela terá a sorte de sentir as delicadas mãos da rapariga, sendo aberta e fechada a fim de franquear a entrada aos raios luminosos ou ao ar puro da manhã?

Como ele gostaria de ser essa janela e sentir o toque mágico de tais mãos. No seu peito animava-o a esperança, misturada com outras igualmente intensas e profundas, de poder vê-la abrindo a sua janela, buscando a inspiração para o novo dia nalgum reflexo dourado da alvorada em gota de orvalho que teima separar-se e escorregar da folha do ulmeiro. Ou captando a fragrância das flores que ornamentam o extenso quintal, dando por tudo isso graças ao Criador pela arquitectura de tão bela obra e por a poder ela admirar.

A cabeça paira no vazio, imóvel e saliente no topo do edifício onde se encontra, uma antiga residência senhorial edificada séculos antes por um governador da província. Naquela posição arrisca escorregar e estatelar-se na ruela, ficando dividido entre o empedrado do passeio e o alcatrão do pavimento. E tudo por uma inutilidade, pois era, senão impossível, certamente muito improvável conseguir vislumbrar o alvo da sua atenção. Conduzia-o a cegueira da paixão. Ali o trouxera o diabrete seminu e arremessador de flechas impregnadas com veneno provocador de patéticos e tresloucados sintomas, esse Cupido impertinente de certa pontaria que visa sempre corações de incauta gente humilde e honesta. Assim se formula a questão porque para António não servem explicações de emanações químicas e induções eléctricas para explicar comportamentos tão anormais. Residirá a singularidade e estranheza no facto dos humanos, que sempre deles padeceram, ainda não os compreenderem, chegando ao ponto de os considerarem uma anomalia ainda que socialmente tolerada. Que peculiares somos, negando sempre as evidências, procurando incessantemente sobrepor os valores culturais aos impulsos naturais e às atitudes atinentes da nossa verdadeira natureza.

Foi a poia da gaivota, em impacto inesperado e malcheiroso no braço descoberto pela camisa arregaçada que o chamou à realidade. Já se afastava a gralhenta ave em voo rasante à ala Norte do claustro, agora de bico e cloaca fechados, quando António suspirou decidido a abandonar o improvisado posto de vigia. Pássaros em terra, vendaval no mar. E fora a previsão de mau tempo que lhe permitira a folga e o seu uso neste inútil empreendimento.

– Que merda! Exclamou o marítimo recolhendo-se para o telhado e daí para o muro que o alçara acima do segundo piso da vetusta habitação.

Mas o resto da folga será gasta remendando redes, ocupação paradoxal em que os mais atinados artesãos fecham buracos fabricando outros em seu lugar, assunto assaz profundo para intensa e demorada discussão filosófica se colocado a doudas figuras em vez de simples mestres de apetrechos piscatórios. E assim vislumbramos a enorme e complexa teia que tais malhas costuradas assumem, consoante o ângulo e o espírito do espectador. Para um pensador será uma construção harmónica mas intrincada que encerra em cada espaço um buraco de nada e que é, simultaneamente, um universo de paradigmas metafísicos; para um pescador não será mais do que a armadilha de fios de odor mesclado de maresias e alcatrão que lhe dá o sustento à força de braços que a despem e vestem ao mar como se de uma camisa de noite se tratasse; e para o peixe o garrote para execução atroz por estrangulamento ou asfixia, enleado nesses buracos que eram de nada mas que afinal são muito, em abraço apertado e mortal. Para outros, os veraneantes por exemplo, não deixará a rede de sugerir momentos de ócio e descontração, imaginando-se deitados numa cama feita dessa imensidão de nós, suavemente embalados pelo ritmo lento que anima os corpos em vilegiatura.

A rapariga espreita o traço que acabou de desenhar no sobrolho, mirando-se no bocado de espelho. Clandestinos, o traço e o espelho, são resultado e testemunha de um momento mil vezes ensaiado e repetido à claridade ténue da vela de estearina colorida. Um lápis, um pincel e um batom são os tesouros da vaidade que a rapariga guarda consigo, restos de um estojo de maquilhagem que uma irmã mais afoita lhe oferecera anos antes. Com eles desenhava sonhos de uma vida diferente que imaginava existir para si, para lá das paredes e do portão do convento. Como seriam essas jovens da sua idade que, ouvira, desfilavam em salas cheias de gente mostrando os seus corpos em reduzidas roupas que vestiam e despiam num ápice? O que sentiria ao ser beijada, desejada, amada? Como seria essa outra vida?

VI

O homem pousou cuidadosamente a foice no muro, com o cuidado que o respeito pelo afiado gume de tal objecto deve originar, devolvendo a fralda da camisa ao interior das calças. Escudado nesse preparo, e no olhar, pelo muro de taipa, fixou a atenção no Peugeot que avançava lentamente conduzido por uma freira de meia-idade. Demorou-se no semblante do sacerdote que ocupava o lugar do morto. Graúdo da Igreja, seria. A viatura passou perto do muro e do homem progredindo pela estrada secundária em direcção à cidade. A passagem dos religiosos pôs-lhe de novo a memória na filha. Um pensamento fugaz. A quintalada de erva aguardava, ondulante como uma seara, o desbaste do braço enérgico e da sua extensão metálica. Livre da ameaça do cortante instrumento o velho muro de taipa escondeu a cabeça do homem, baixa, oscilante, acompanhando o vaivém da ceifa. O automóvel preto afastou-se.

- Os fios de ovos são cozidos na espuma do açúcar, percebeste Bela? - Depois escorrem-se com cuidado.

- Assim é que os fios de ouro ficam apetitosos. Explicava Leonor, com o desembaraço habitual.

– Não tarda muito chega o Pedro e ainda não os tenho preparados. Sabes que agora lhes chamam Dom Rodrigues? E ri discretamente a freira amadurecida, naquela idade em que muitas mulheres começam a viver, enquanto explica à mais nova a razão que oculta outras razões.

– Quando o Pedro os vai entregar ao meu pai diz: Aqui os tem, D. Rodrigo! Acharam graça, e ficaram os fios de ouro com nome novo. Foi assim.

- Leonor, achas normal que uma mulher ande sempre a pensar em homens? Dispara, expectante, a jovem freira.

- Ora, rapariga. Que uma jovem ande a pensar em homens não há-de ser estranho. Sendo da nossa condição é que é mais delicado. Mas também Santa Maria Madalena gostava de homens, não é assim? Portanto...

Olharam-se em silêncio, séria a jovem, divertida a de meia-idade. Ambas de mangas arregaçadas. No embaraço da jovem, adivinhando a natureza das coisas que lhe tolhem o espírito, acrescenta Leonor: - Olha, não faz sentido esconder as coisas, ocultar o que nos vai na alma. Mais do que doloroso é um alívio contar o que nos sufoca, sobretudo os segredos mais íntimos quando estes são incómodos, nos magoam profundamente e não sabemos lidar com eles. É uma forma de nos defendermos. Afinal é melhor enfrentar os medos do que deixá-los corroendo o nosso interior porque aí, sim, temos um problema grave. Percebes?

O burburinho veio sobressaltar a quietude cenobita. Não eram vozes alteradas ou gritarias nem um intimidador vozeirão tonitruante. Ninguém discutia. Nenhuma altercação. Apenas um murmúrio de meia dúzia de vozes. Exclamações de emoção, indignação talvez, incomodidade certamente.

Decorreu tudo muito rapidamente. Bela nem percebeu de imediato a natureza da situação. Leonor foi chamada à Madre Superiora em companhia de outra irmã, também filha de família notável da cidade e, na presença do Bispo, confrontadas com acusações graves.

Com surpresa e incredulidade assistiram as freiras à saída de ambas, expulsas do retiro religioso, chorando a segunda, séria e serena a primeira, Leonor Violante da Anunciação agora deixando de o ser por perderem o antropónimo recebido com os votos aquelas que abandonam a congregação.

A que chorou continuou a vida abraçada a homens noutra retiro, de índole carnal, talvez para compensar os longos anos dispensados à vida espiritual – ainda que entrecortada por fugazes mas intensos momentos de satisfação libidinosa praticados à revelia da observância dos votos de castidade. A outra regressou à casa paterna, por pouco tempo pois o trato autista da família, sobretudo do pai que certamente imaginava o que andara Pedro a comer no convento que não fios de ovos, incentivou-a a partir. Rumou à Grã-Bretanha com o seu Pedro, sem olhar para trás, construindo um destino risonho e adoçado pelos fios de ouro que ela fabrica e ele vende numa pastelaria de Birmingham.

Do escândalo conventual de cariz sentimental ou sexual mais não diremos porque não tendo sido convidados para a folia nos coibimos de tratar a parte menos interessante de tal enredo, useira nas coscuvilhices e maledicências. Felizes, infelizes, enganadoramente felizes ou assim-assim, pouco nos interessam as vidas de quem sai de cena. Fiquemo-nos na companhia das personagens que têm coragem de permanecer em palco, no palco desta vida local. Os que nos mantêm acesa a chama da curiosidade, dessa vontade de gozar com as amarguras dos outros que advém, por vezes,

da necessidade de aliviar a nossa vida aligeirando problemas, relativizando-os com as vicissitudes alheias.

VII

António, encostado ao balcão, desviou a atenção das bolhas de gás em ascensão vertical no interior do copo de imperial e acompanhou com o olhar o grupo que deixava o bar rumo à noite estival algarvia. O alegre bando de sete ou oito pessoas terminara uma petiscada de chouriça assada e outros condutos tradicionais, convenientemente regada com tinto de qualidade, suporte generoso para as conversas de navegações lacobrigenses, quer as da Internet quer as dos Descobrimentos. Sem outro motivo de atenção António escutara, disfarçadamente, parte das conversas. Discretamente, sim, que isso de ouvir conversas alheias não é bonito – mas que culpa tinha ele se já não falavam só os falantes mas o licor também?! Suspirou de enfado agora que terminava o único motivo de distração e com isso ficasse ele em perigo de se remeter aos pensamentos de sempre, àquelas ideias em beco tão enviesadas, estéreis e confrangedoras meditações.

Transposta a porta envidraçada, a animada tertúlia encontrou-se no exterior admirando a enorme lua cheia que conferia ao casario fronteiro um aspecto estranho por via das sombras projectadas entre si e que a fraca iluminação pública não conseguia atenuar. Era uma esplêndida noite primaveril.

O homem saiu da sombra do prédio em construção avançando hesitante e gingão na sua reduzida estatura. Trazia colocados uns auscultadores enormes, de aparelhagem áudio, com o fio helicoidal pendurado ao longo da camisa escura. Nesta triste figura de ar grotesco apresentou-se balbuciando: - Boa noite. Sou o Henriques. Prolongando a última sílaba e inclinando o corpo para a frente como que tentando expulsar pela boca o nome. O grupo ficou-se mirando-o. Uns divertidos, outros expectantes. Sabiam perfeitamente quem era o Henriques, a personagem de nobiliárquica pluralidade onomástica. Ex-proprietário de uma oficina de reparação de electrodomésticos, perdera parte da sua vida no jogo e no fundo dos copos de tinto alentejano. Era agora um angariador religioso. Mas só nos dias em que o álcool o permitia. Teimou o etilizado transeunte nocturno: - Sou o Henriques, e a senhora, como se chama? A interpelada, com a mão tapando parte do rosto, ocultando a identidade e segurando a vontade de rir da situação burlesca, respondeu à meia voz: - Sei lá!

Mais atrás, perto da entrada do bar, o homem calado, de maleta a tiracolo observava serenamente a cena que ali se desenrolava. Adivinhava o que pretendia o “ilustre” Henriques ao abordar assim, na via pública, uma mulher.

Fora a falta de candidatas ao convento, por um lado – faltando aos lusos o engenho de *nuestros hermanos* ou será melhor dizer de *nuestras hermanas* que, em Espanha, por idêntica necessidade, uma congregação religiosa lançou de forma directa e atrevida uma campanha pastoral pela Internet com base no apelo «Gostas de homens? És namoradeira? Tens charme? Se a resposta é sim então talvez sejas a freira perfeita» –, e por outro lado a necessidade de ocupar o desgraçado Henriques, que levava o anterior pároco a propô-lo para sensibilizador de vocações imaginando o clérigo que

isso o faria a andar na linha. Mas a estratégia não resultou. O álcool falara mais alto, ou mais fundo, do que o sentimento religioso gravado na alma do cinquentão electricista. E era justamente sob o efeito da bebida que o pobre homem recordava a incumbência sacra de recrutar noivas para O Salvador. Não se recordava, então, da posterior desmobilização de tal encargo na sequência de dois acontecimentos imiscíveis, o seu estado ébrio – resultante de uma caracolada em honra de S. João – e a abordagem dos crentes à saída da missa. E foi à porta do templo que o descarado Henriques exclamara à solteirona Gertrudes que ela não podia ir para freira porque não faziam vestes onde coubessem mamas tão grandes. Gerou-se ali uma algazarra tal, com beatas e pais de família e até o guarda-fiscal Rodrigo que queria levar preso o homónimo do fundador da nacionalidade. Foi o prior que acalmou o rebanho e castigou a ovelha ronha. Eis a razão da dispensa dos seus préstimos ao serviço da congregação Carmelita.

- Mas então a senhora não sabe como se chama? A senhora anda pedrida... perdão, pedrida. Pedrida, sim! Dizia, em conflito com a língua que lhe enrolava a palavra: - Vo...vo... você precisa... é de um retiro espiritual...

O homem já não conseguiu acabar a frase e, adornado pela carga, tombou para trás ficando em repouso, amparado pela sebe de lingusto da moradia contígua ao bar. Nesta altura já os do grupo riam desalmadamente.

VIII

Na obscuridade da igreja, empurrada contra a balastrada do coro, sente aquelas mãos insinuantes sob o hábito explorando e acariciando-lhe as coxas, afagando-lhe o ventre. E sente o latejar rápido do sangue enquanto a respiração se torna mais ofegante à medida que aqueles dedos suaves percorrem os delicados lábios da vagina e se enterram nela lentamente. Saboreando aquela presença entre as paredes da sua carne sente despertar em si coisas adormecidas, sensações que nunca experimentara. Os movimentos variam, ora lentos e subtis ora vigorosos e desenfreados. A boca envolve o volume do peito através do hábito, fazendo enrijecer o seio e despontar o mamilo e, depois, aqueles lábios quentes percorrem-lhe o pescoço detendo-se no sítio onde as veias palpitam, emitindo ondas de calor que lhe parecem amolecer todos os músculos, afinal rígidos. Nesta altura o seu corpo já soluça em espasmos incontroláveis e nesse arrebatamento de prazer solta-se a beatilha escorregando em percurso contrário ao daquela boca ávida que sobe por ela acima e encontra a sua. Começa uma luta sôfrega, de boca contra boca, de línguas bailando entrelaçadas em milhões de beijos, todos fundidos num só.

Deslizando lentamente cai a seus pés a coifa, jazendo no chão, parecendo um nada no soalho encerado, um ralo para onde a aventura erótica se escoará no final, num vórtice gerado pela força de Coriolis. Também poderá simbolizar o ralo do confessionário para onde se exorcizam as faltas e os pecados, pois que não sabemos como nem porque são feitas estas associações de ideias, nem quem as faz: se apenas o narrador de per si ou os protagonistas desta escaldante cena.

Os ténues gemidos e os murmúrios que libertam parecem-lhes ruidosa sinfonia violando o silêncio do templo, reflectindo-se no lado oposto, chocando nas quatro colunas pseudo-salomónicas do retábulo-mor, denunciando ao convento, à cidade e ao Universo a pecaminosa sessão carnal.

Extasiada pelo prazer e dominada pelo firme amplexo que a submete, sente o falo redentor introduzir-se entre as coxas procurando a sua fenda ardente e húmida. Primeiro, apenas a glande do enorme e grosso membro assoma, timidamente, entre os lábios inchados do seu sexo. Depois, todo o corpo cilíndrico roçando as pregas da pele, molhadas, vai penetrando, dividindo o seu ser, empurrando a acéfala cabeça até ao mais recôndito de si, gerando soluços e ondas de espasmos que a percorrem como um maremoto percorre os oceanos. E os seus mamilos, erectos e rígidos não são mais do que duas minúsculas ilhas assoladas por tremores telúricos que prenunciam um abalo mais forte. Com as faces rubras pela intensa febre julga, até, irradiar o seu rosto uma luz que se espelha lá em baixo na lápide sepulcral de D. Manuel de Alencastre, Governador do Algarve, silenciosa testemunha destes licenciosos actos.

Os cabelos soltos, escuros, curtos e ondulados, molhados na raiz pelo suor que se liberta da mulher frenética que impa, ajeitando-se às arremetidas da paixão urgente, emolduram a cabeça que arde numa seção crescente e teme perder a lucidez percebendo que o seu corpo está prestes a explodir. Sempre rígido e erecto o apêndice artificial preenche-lhe o interior, mantendo o ritmado movimento, fazendo-a soltar gemidos profundos como se fosse um êmbolo que lhe toca as cordas vocais e as faz vibrar em uníssono com o resto do corpo. Uma mão segura-a pela nuca, a outra ora agarra-a fortemente pela nádega direita ora firma-se, ancorada, no corrimão da balaustrada que lhes serve de amparo.

Sobe a Lua o suficiente para assomar pelo óculo da Igreja e revelar as expressões dos rostos que sofrem de prazer no momento da explosão. Tremem os dois corpos atravessados por descargas eléctricas, e convulsionam. Com as respirações aceleradas ao máximo, retraem-se os músculos e sobrevêm os orgasmos. Vencidos, derrotados pelo clímax os dois corpos sustentam-se apoiados um no outro como duas pernas de um compasso mal fechado em periclitante equilíbrio. Recompõem-se o suficiente para se apartarem.

Extenuada, debruça-se para recolher a coifa e, por momentos, receia tombar para a frente desequilibrada pelo esgotamento físico. Endireita-se e caminha lentamente, de braços pendidos como que carregando pesos de toneladas. Afasta-se, recolhendo à sua cela situada a escassos metros, no piso térreo.

O segundo vulto segue-lhe os paços até ao fundo do claustro, divergindo aí em direcção à escadaria de mármore. No piso superior entra no seu quarto e encosta-se à porta, fechada atrás de si. A cabeça erguida e o olhar absorto fixo no friso do oratório não impede começar a despir-se. Após retirar o hábito desaperta o cinto que mantém em posição o falso pénis de borracha rija e macia. Remove-o e em três passos poussa-o delicadamente sobre a cama. Baixa o rosto apreciando o ventre e, num esgar de contrariedade, ajusta o pénis inclinando-o sob o lado esquerdo agora que já perdera toda a inflamação, deixando o pensamento repetir-se nesse cuidado que sabe permanente e eterno: que não descubram que não é mulher, que não é uma normal freira.

Olha uma última vez aquele pénis imaginário que a sua convicção não lhe permite ver na real condição, e suspira. Abruptamente, irrompe do seu peito, num ímpeto profundo e lancinante, um

convulsivo pranto que nem a memória dos momentos de prazer acabados de gozar consegue atenuar. E os olhos mergulhados nas lágrimas desse choro inesperado e vil, semicerrados pelo rosto franzido, fixam o quadro de cerejeira ao lado da cabeceira da cama. Mesmo à distância reconhece as pequenas letras do poema “A Freira Morta”, de um tal Cruz e Sousa.

Muda, espectral, entrando as arcarias
Da cripta onde ela jaz eternamente
No austero claustro silencioso - a gente
Desce com as impressões das cinzas frias...

Pelas negras abóbadas sombrias
Donde pende uma lâmpada fulgente,
Por entre a frouxa luz triste e dormente
Sobem do claustro as sacras sinfonias.

Uma paz de sepulcro após se estende...
E no luar da lâmpada que pende
Brilham clarões de amores condenados...

Como que vem do túmulo da morta
Um gemido de dor que os ares corta,
Atravessando os mármore sagrados!

Limpa as lágrimas na camisa que despe e depois coloca, dobrada, sem grande cuidado, sobre a única cadeira que o seu quarto possui. Ajoelha-se em frente da imagem de Santa Teresa de Jesus, pendurada na parede lateral, evitando olhar para o crucifixo que encima a cabeceira da cama, e antes de iniciar a oração deixa o olhar percorrer a divisa inscrita na volta da espada que o braço do Santo Patriarca Elias empunha no escudo da ordem, “ZELO ZELATUS SUM PRO DOMINO DEO EXERCITUUM” (ardo de zelo pelo Senhor Deus dos exércitos).

IX

Na noite se declaram os medos que trazemos escondidos durante o dia. É nas sombras que o luar desenha, nesse sucedâneo das trevas, que as suas garras crescem e se acercam. E o medo chega, imperceptível, num caleidoscópio de formas e sensações misturadas. Vem asfixiante, oblíquo e invisível. Os medos subtis são os mais perigosos.

Não receia a jovem freira cair no poço quando, debruçada, puxa o balde de água. Não a assustam o vampiro, o lobisomem, um psicopata escondido que acometa do escuro, nem tão pouco os fantasmas das defuntas irmãs ou do frade Emílio, que vagueiam pelo mosteiro em noites de ventanias que batem e rebatem as portadas e silvam nas frestas ocultas das alvenarias.

Ela receia o que o negrume furtivo encerra quando ainda é o desconhecido, o inominável. Ela teme as coisas sombrias que o seu íntimo encerra. Tem medo do que transporta dentro de si e, acima de tudo, medo do próprio medo. Ali está ele, o medo, dissimulado mas presente.

Despir o hábito ou mantê-lo, eis uma das indecisões que lhe provocam particular temor. Leonor da Piedade recorda o queixume de Suzanne, a quem Diderot deu vida e voz em *A Religiosa*: “tiraram-me os hábitos da religião e vestiram-me os hábitos do mundo...”. E tudo isto porque a abertura ao mundo preconizada pelo Concílio Vaticano II, procura que a Igreja acerte o passo com o paradigma da modernidade, promovendo alterações no estilo de vida, nos votos, no serviço apostólico, na formação e nas relações no seio das congregações. Toda essa renovação assume carácter obrigatório e como tal produz incómodos e conflitos, nomeadamente por incidir sobre práticas antigas a partir das quais muitos e muitas edificaram o sentido da sua vida religiosa. Neste âmbito, uma das transformações mais controversas é a que se refere ao uso do hábito religioso. A não obrigatoriedade do seu uso assume-se como uma prova às vocações pois a partir do momento em que as irmãs trocam as vestes religiosas por civis, o signo que as distingue deixa de existir. E com ele se dissipa o peso que o hábito transporta. Peso de uma Igreja construída sobre os auspícios do autoritarismo procedente de uma das mais eficientes e infalíveis hierarquias verticais. Assim, despojar-se dos panos é o mesmo que neutralizar tais atributos e, sem eles, o reconhecimento e o respeito adquiridos muitas vezes através do exercício da autoridade, dissolve-se num imenso nada. E tudo isto a assusta.

Teme deixar adivinhar os contornos do seu corpo, mal escondidos pelas modernas e reduzidas vestes mundanas. Receia ser alvo de apreciações, comparações e assédios nesse mundo alucinante que o seu não compreende. Retomada a imagem de Suzanne, essa jovem obrigada a ingressar no convento e aí abusada, psicológica e sexualmente por três superiores, depressa a afasta pois que tal quadro pintado pelo enciclopedista francês mais não faz do que ampliar o seu temor. Contudo não se liberta dos fantasmas da instituição que a remetem para uma inquirição alheia sobre os escusos meandros da sua alma.

X

Num cómodo de parco mobiliário, sentados para lá de uma imponente mesa de carvalho, estão três homens de semblante austero. De pé, no centro da sala, em frente dos três inquisidores está Soror Brites do Espírito Santo, freira professa da Ordem do Carmo, natural de Lagos, filha do mercador Manuel Quaresma Gramaxo e de Sebastiana Serrão, acusada de apostasia, heresia e judaísmo.

A mulher ouviu as acusações que pelo segundo dia lhe foram proferidas naquela sala do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Évora, agora reunindo contra ela culpas extraídas dos processos de seus irmãos, do advogado Pedro António Teles e de outros. Nega as acusações e por isso é condenada a tormento, aos oito dias de Junho do ano de mil seiscentos e oitenta e seis.

Mais sorte teve a sua irmã de sangue Soror Francisca do Rosário que, acusada de crime de prática do Judaísmo, tendo abjurado, foi-lhe levantado o cárcere nesta cidade e mandada recolher ao seu convento de Lagos, sendo-lhe levantada a privação de voz activa em vinte e três de Outubro de mil seiscentos e noventa e três. Ou a do jovem soldado de cavalaria António Furtado de Mendonça, natural da Horta e residente em Loulé que, maldizendo a sua sorte por não poder chegar à fala com a sua amada, recolhida ao cenóbio, proferiu blasfémias às grades do convento de Nossa Senhora do Carmo, nesta capital do Algarve. Foi denunciado ao Santo Ofício por Frei Manuel de Moraes e havendo confessado a sua culpa, e pedido perdão, foi apenas repreendido e mandado em paz.

Mas sorte assim poderia Leonor não ter caso a devassa entrasse pela sua vida íntima. E como era vasta a amplitude da acção do Santo Ofício, alargada a outras matérias que não apenas as heresias formais, mas também aos desvios de comportamento moral que ofendiam, no entender dos inquisidores, os preceitos da verdadeira fé católica. Já imaginava as perguntas dos implacáveis acusadores do Santo Ofício:

Que sabe dos redemoinhos de vento que se levantam no sítio da Ameijeira, numa encruzilhada existente a escassos metros do eremitério?

Que tem a ver com as práticas de bruxaria de que são acusadas irmãs da congregação e outras mulheres da cidade, de vida censurável?

É verdade o que diz o eremita Gregório Dias, que manteve uma armação secreta com Pêro Coelho de Atalaya e que mantém até hoje essa amizade afastada de olhares alheios?

Nem o seu pai, Rodrigo Rebello, nem o alfaqueque seu tio, homem habituado a intrincadas negociações e argumentações lhe poderiam valer, então. E o desfecho de tamanha desventura resultaria num padecimento de tormentos horríveis que, apenas imaginá-los, impediria o entendimento da sentença que lhe seria proferida:

«Que abjure publicamente seus heréticos erros em forma e lhe assinem cárcere e hábito penitencial perpétuo no qual será instruída nas coisas da nossa fé necessários para a salvação da sua alma e cumprirá as mais penas e penitências espirituais que lhe forem impostas e mandam que excomunhão maior em que incorreu seja absoluta in forma ecclesia.»

Treme Leonor, treme de tudo. Das falsas acusações de bruxarias e outras iniquidades que nunca cometeu, das calúnias de arranjo com um homem que não é mais do que um simples amigo da família, e de outras coisas que traz dentro de si. E o medo dessas coisas, o insidioso medo ataca-a, pertinaz.

Mesmo nas poucas vezes que atravessa as ruelas da cidade, vai Leonor de cabeça baixa, não dêem os seus olhos algum encontrão noutros que se introduzam até ao seu coração e aí se aninhem como um casal de chapins na cavidade de uma árvore. O medo do amor, esse, é o maior de todos. Nestas conjecturas deixamos Leonor da Piedade apartada do mundo, vergada sobre si própria, entregue às suas fobias, sentada num banco de pedra no claustro do convento, ao cair da noite.

XI

Sob o Sol inclemente da manhã algarvia o homem colhe as favas deixando o pensamento recordar a última visita da filha, ela vai bem, ele vai ditoso.

O ruído de cascos de muares pisando o solo pedregoso, entrecortado aqui e ali por laivos de areal avermelhado, fá-lo erguer o olhar para assistir à passagem de uma carruagem que avança preguiçosamente no empoeirado caminho. Descobre a cabeça a um dos cavaleiros que vem na frente, de porte mais distinto, em montada alva e bem ajazada, sem saber tratar-se do solicitador do Santo Ofício de Évora. Pela abertura posterior observa os ocupantes da carroça, perto da boca vai um oficial da inquisição e mais para dentro gente de cabeça baixa, uns de olhar imóvel e absorto, outros de olhos cerrados talvez meditando nas asperezas da vida. Demais gente que segue no fundo da carruagem não consegue ver claramente mas, por momentos, julgou vislumbrar um hábito escuro que oculta traços femininos.

Terá sido baralhada da sua cabeça em que adormecidos receios misturam a filha com aquela temida gente que ali vai.

É uma leva do Santo Ofício que transporta presos para julgamento em Évora. Não são muitos, nem tal ocorrência é vulgar por estas paragens.

Afastam-se, e o homem regressa à colheita das favas e à sementeira de cogitações.

XII

Premonição ou lucidez, o que Leonor temia aconteceu. Encontra-se numa sala do Tribunal da Inquisição de Évora, frente ao colectivo de inquisidores que a acusam de tudo o que imaginara, de todas as falsidades que julgara possível ser acusada. Mas Leonor não treme, não receia aqueles homens que tem diante de si. Após as perguntas costumeiras e negando a freira qualquer culpa no que é acusada, ordena o Inquisidor Ordinário – depois de ouvidos os seus pares, deputados presentes da Santa Inquisição – que seja submetida a tormento. Embora assustada a jovem revolta-se contra a injustiça de tal decisão e pede que lhe deixem confessar algo que, embora configure acto punível pelo tribunal, lhe permitirá sair dali com a consciência tranquila de ter dito a verdade e nada mais do que a verdade, pedindo encarecidamente que a não julguem pelas acusações proferidas por serem completamente falsas. Dizem-lhe que fale.

- Senhores, o meu único pecado foi a luxúria na prática de momentos lúbricos com uma irmã que vossas mercês já julgaram e condenaram. E isso é tudo o que me pesa na consciência e no simbolismo destes panos que trago vestidos. Foram essas as circunstâncias dos meus pecaminosos actos repetidos durante dois anos, até à saída do convento dessa minha irmã em pecado. Nada sei de bruxarias nem conheço quem as tenha praticado. Nunca tive armação com homem algum. Em minha defesa só posso dizer que errei rendendo-me à tentação do vício carnal deixando vacilar o espírito no desígnio de afastar tal licenciosidade.

Acrescentou que fora tudo causa de um olhar que lhe trucidara o coração e torcera a razão. Do confessado pede perdão e misericórdia. Calou-se Leonor, mantendo a cabeça erguida e olhando com firmeza os três juízes à sua frente.

Um dos inquisidores adjuntos questionou-a então, repetidamente, acerca de mais monjas com igual vício ou que tivessem tido com ela ou com a outra tais aviamentos. Que um olhar enfeitiçador para uma se poderia repetir para outras e que tal olhar podia ocultar o serviço e expedientes do demo – que Deus nos guarde. E em que consistiam tais aventuras entre duas mulheres, houvera penetrações?

Respondeu Leonor que tal olhar fora somente sentido por ela, que jurava não ter havido ligação dela ou da outra com terceiras, que não era bruxa nem feiticeira mas antes uma obediente serva do Senhor, que não lhe foram conhecidas outras coisas que não as que levaram à sua condenação por aquele mesmo tribunal, e que houvera penetração sim mas por membro artificial que ambas usavam à vez e que a outra, por vezes, soltava ventos pela matriz...

- Não...não! Não nos interessam minúcias ou detalhes de acidentes que ocorrem em tais sessões carnis. Atalhou o inquiridor principal, erguendo-se e ordenando a conclusão do depoimento.

Não acreditando nas confissões da freira, o mesmo juiz deputado que se mostrara mais agressivo levanta-se também e declara, agora num tom colérico, que a confissão acabada de escutar encerrava ignominiosa heresia pois que são ofendidos os fundamentos da fé, que tais comportamentos não são aceitáveis em pessoas do clero e conclui manifestando a sua intenção em submetê-la a tormento para confessar o resto.

Intervém o terceiro inquisidor, mais calmo, advogando que a falta confessada sai fora da alçada daquele tribunal pois as relações sexuais entre mulheres não podem ser julgadas, conforme o preceituado no Regimento do Santo Ofício. De imediato protesta o anterior argumentando que a sala dos tormentos tiraria a limpo tais dúvidas.

Retoma o que preside, compelido a desfazer a questiúncula, e esclarece que não interessa ao Santo Ofício fazer juízo no terreno dos desejos e desvios imorais e dos pecados carnis, considerados de per si, senão aos que de algum modo encerrem manifesta heresia. A Inquisição é um "tribunal de fé" encarregado de averiguar e descobrir os desvios da alma, as escolhas conscientes de caminhos opostos ao dogma oficial. Afinal de contas, fornicções com membros postiços não podem ser tratadas como incestos, violações, bestialidades e outras que tais. Seguindo por aí, teriam que julgar todo um universo de comportamentos lascivos que não cabiam nas pretensões dos defensores da fé. E concluiu:

- É tudo muito claro, não é possível à mulher praticar a cópula com outra mulher, posto que não foi dotada de pênis pela natureza.

Nisto diverge abertamente D. Veríssimo de Lencastre, futuro Inquisidor Mor, que será o mais rigoroso do Santo Ofício português. O homem que virá a considerar que todos os actos sexuais efectuados entre mulheres, com ou sem recurso a utensílios, são relações inequivocamente condenáveis e dessa forma sujeitas à alçada inquisitorial. Com esta atitude demonstra reconhecer a existência e viabilidade de uma vivência sexual feminina sem homens, superando o juízo misógino generalizado entre os seus pares.

O deputado D. Veríssimo acata a decisão superior mas adita a sua convicção de haver mais trabalho para fazer em Lagos, com muito que examinar dentro e fora das paredes do convento carmelita. Ao que o outro deputado responde, em certo tom de mofa, que será melhor aguardar que terminem as obras de beneficiação do cenóbio que a municipalidade aceitou financiar. E que, por tal razão, não seria de bom sentido encetar mais devassas que pudessem entravar a conclusão das ditas obras.

Leonor ouviu serenamente a sentença do seu julgamento, lida pelo meirinho:

Acórdão os Inquisidores Ordinário e deputados da Santa Inquisição que vista esta confissão de Leonor da piedade, natural da Cidade de Lagos Reino do Algarve, freira professa das carmellitas dessa cidade lhe mandaõ que a Re Leonor vaa ao auto da fee em corpo com huã vela acesa na maõ onde fará abiuracaõ de leui e sospeito na fee e por tal o declaraõ.

ass) D. António soarez Cardoso, Manoel de Mendonça, Lopo aluares e D. Veríssimo d'Alencastre e I. J. Monteyro, notairo que esto escreui na cidade d'euora a vinte de Junho do ano de dois mil e sete annos.

Foi publicada a sentença no auto de fé que se celebrou na praça da cidade de Évora aos vinte e dois dias do mês de Junho de dois mil e sete, na presença de todos os senhores inquisidores e do povo e, ouvida a sentença, a dita freira Leonor da Piedade fez abjuração, jurando sobre os evangelhos que de própria e livre vontade anatematiza e afasta de si toda a espécie de heresia e apostasia que se levante contra a santa fé católica apostólica, jurando sempre respeitar a doutrina e os ensinamentos da Santa Madre Igreja de Roma.

XIII

O grupo encontra-se num alpendre junto ao armazém das redes. No limite da improvisada cantina, limite da sombra que o telheiro proporciona com o sol que abrasa lá fora, está o fogareiro onde assam os peixes que vão ser repasto dos pescadores.

António, de olhar absorto fixa a sardinha estendida sobre o naco de pão, esse mata-borrão da gordura da pelágica criatura marinha. Na pele brilhante vai-se desvanecendo, com a assadura, a miragem da mulher jovem que traja um misto de hábito de freira e de vestido de noiva. A sua noiva que o espera no altar.

Quando o convocam à realidade conta o devaneio que viveu, relacionado com uma estranha paixão por uma freira. Tudo, consequência do enorme esforço despendido no sereno nocturno, remando várias milhas para chegar à doca. Combalido, febril, delirou sobre tais fantasias durante toda a noite. Com freiras e inquisições, indecoros, denúncias e julgamentos.

- E era tão real. Mas que grande parvoeira!

António arranca uma polpa do lombo e saboreia as primeiras sardinhas da época.

-

Histórias

Fotógrafo, coordenador do projecto “Fototeca Municipal”, editor de publicações do Centro de Estudos Marítimos e Arqueológicos de Lagos, e uma formação em História, são atributos que encorajam a investigação com o objectivo de explicar imagens antigas ou redigir textos como alguns dos aqui publicados. Os breves textos abordam aspectos da história local e questionam alguns dos seus enunciados tradicionais.

Breve história local

As sínteses mais comuns sobre a história de Lagos insistem nos seguintes aspectos:

«Lagos foi conquistada definitivamente aos mouros no ano de 1249 por D. Paio Peres Correia, tendo em 1266 recebido o seu primeiro foral, por atribuição do Rei D. Afonso III. Mas foi no reinado de Afonso IV que Lagos passou a ganhar maior notoriedade quando este mandou que se fizesse a reconstrução das muralhas da praça e aí colocou a sede do governo militar do Algarve.

Em 5 de Janeiro de 1361, Lagos era elevada a Vila e Concelho com jurisdição própria, no reinado de D. Pedro I, pois nessa altura a aldeia estava sob o comando do Bispo de Silves que o havia recebido por doação do rei de Castela.

Em 1415, com o Rei D. João I, iniciava-se a fase dos Descobrimentos Portugueses, chamada "Henriquina", tendo Lagos assumido nessa altura maior importância pois constituiu a plataforma geográfica na conquista de Ceuta e, depois, a partida para o sonho de um Algarve d'Além Mar, com o Infante D. Henrique a impor as suas ordens, e mais tarde o senhorio da vila, que lho dera seu sobrinho Afonso V. Dois lacobrigenses - Lourenço Gomes e António Gago - descobriam a Ilha da Madeira (1419). De Lagos partia em 1434, no reinado de D. Duarte, o navegador Gil Eanes, para dobrar o Cabo da Boa Esperança e por aí adiante.

Lagos tornava-se também um ponto de escala obrigatória a navegação oceânica para Sul. Em 27 de Janeiro de 1573, o Rei D. Sebastião elevou Lagos à categoria de cidade, na sequência de uma sua itinerância régia ao Alentejo e ao Algarve, em que o monarca terá ficado impressionado com o acolhimento das gentes, pela sua simpatia e, segundo o Professor Joaquim Veríssimo Serrão, "levado pelo entusiasmo e sem que os naturais manifestassem qualquer desejo, logo decidiu elevar Lagos ao foro de Cidade".

A sede do Bispado é transferida de Silves para Lagos, que se torna a capital de todo o Algarve, recebendo a residência de Capitães Gerais e Governadores deste Reino. A história de Lagos esteve sempre ligada ao mar e às actividades marítimas. Foi ponto de encontro de rotas internacionais.

Em Lagos armou o Infante D. Henrique as caravelas que abriram caminho à Era dos Descobrimentos, fazendo do porto de Lagos uma janela aberta ao mundo.»

Ora, mercê das investigações realizadas ao longo da última década, existe hoje um novo corpus do saber que impõe a reescrita da história de Lagos e o conseqüente abandono dos anteriores modelos de apresentação do seu passado.

Aos visitantes e aos naturais interessados na história local, deve ser apresentada uma síntese do conhecimento actual, vertida num texto breve de linguagem clara, que dê conta dos resultados dessas investigações. Tal objectivo afasta, desde logo, algumas referências ou fórmulas de referência de vários mitos e lendas que, erradamente, têm sido apresentados como factos históricos.

Cingir a informação histórica àquilo que provém de documentos e testemunhos credíveis é, pois, um imperativo quando se pretende apresentar uma síntese, texto breve que não permite

abordar matérias como a crítica das fontes e a evolução da historiografia local. Por estes motivos, não me é possível integrar na história de Lagos referências tradicionalmente usadas, constantes nalguma bibliografia, exageradamente citada, e que refere, entre outros, assuntos como:

BRIGO, *“O manuscrito «Fundação de Lagos» da biblioteca do convento da Senhora da Glória, diz que no ano de 2161 a.C., Brigo, lendário rei das Hespanhas, edificou no sítio do Paul da Abedoeira uma povoação a que chamaram Lacobriga (lago de Brigo)”*. Onde se encontra este documento? Esta teoria carece de investigação e confirmação;

SEDE DE BISPADO, *“No século VII a cidade terá sido sede de bispado, referenciando-se a presença do seu titular no concílio de Toledo de 631-633, sob o pontificado de Honório I”*. Trata-se certamente de confusão com Ossonoba, que uma inscrição em lápide tumular encontrada em Faro veio esclarecer;

ZAWAIA = Lagos? Al Idrisi refere a existência de uma povoação com porto localizada entre Silves e Sagres, mas não há indicação positiva de se tratar de Lagos;

RECONQUISTA, *“...que será conquistada aos mouros no ano de 1249, por D. Paio Peres”*, 1249 refere-se a Silves, não existindo referência textual a Lagos. Pode ter sido nesse ano, ou não;

Governo Militar, *“No entanto, foi no reinado de Afonso IV que Lagos se afirmou ... com o estabelecimento do governo militar do Algarve”*, Onde está esta informação? O que se conhece documentado refere que o Governo militar foi aqui sediado, por D. Sebastião, enquanto Capital do Algarve;

INFANTE, *“No período dos Descobrimentos Lagos foi relevante centro naval, e vila intimamente ligada à figura e à acção do Infante D. Henrique, a quem foi doada.”*, Ligada à acção sim, mas ligada à figura do Infante é uma asserção exagerada considerando que os itinerários henriquinos indicam escassa presença do Infante em Lagos;

GIL EANES, *“Em Lagos nasceu Gil Eanes, que aqui embarcou para a viagem em que dobrou o Cabo Bojador, em 1434”*, Não é claro que Gil Eanes tenha partido daqui. Poderá ter embarcado em Lisboa e feito escala em Lagos. Parece que o Infante D. Henrique estava em Lisboa e sabe-se que foi despedir-se do navegador;

ESCOLA NÁUTICA, Não se encontrou nenhuma prova da existência de qualquer escola náutica no Algarve na época dos descobrimentos.

Assim, eis a minha síntese da história de Lagos

A mais antiga ocupação humana na área da actual cidade de Lagos remonta ao quinto milénio a.C. e é-nos facultada pelas evidências arqueológicas encontradas no Parque da Cidade e Praça de Armas, ao longo da antiga Ribeira dos Touros.

Na outra margem da ribeira de Bensafrim, o Monte Molião, identificado com a Lacobriga das fontes clássicas, apresenta testemunhos da existência de um núcleo urbano desde a Idade do Ferro, no primeiro milénio a.C.. Na área do actual centro histórico foram encontradas provas que permitem considerar a existência de um estabelecimento fenício, por volta do séc. VIII a. C.. As importantes

estruturas industriais de época romana, que a arqueologia revelou, permitem concluir que a importância urbana do Molião ter-se-á deslocado para esta área a partir do século II da nossa era.

Da presença islâmica não há dados arqueológicos que comprovem a existência duma população organizada, encontrando-se apenas indícios daquilo que pode ser um assentamento rural do tipo quinta. A partir do séc. XIII, e da reconquista cristã do Algarve, Lagos é fortificada.

Em 1415, no reinado de D. João I, inicia-se a fase dos Descobrimentos Portugueses, denominada "Henriquina", cabendo a Lagos um papel importante como plataforma logística para a conquista de Ceuta e para a aventura da expansão ultramarina, com o Infante D. Henrique a impor as suas ordens, e a receber o senhorio da vila, dado pelo seu sobrinho Afonso V. Eram lacobrigenses muitos dos que escreveram as primeiras páginas dessa epopeia marítima, navegadores como Lourenço Gomes e António Gago, descobridores da Ilha da Madeira em 1419, Gil Eanes, que em 1434 dobrou o Cabo Bojador, bem como Lançarote de Freitas e outros que financiaram e integraram armadas com destino a África.

A partir do século XV, e dessa importância que ocupa nos empreendimentos marítimos, a cidade atingirá o seu esplendor económico e político, que se traduzirá num claro aumento demográfico e no incremento das obras públicas: o amuralhado amplia-se e são edificadas as igrejas de Santa Maria da Graça e de Nossa Senhora da Conceição. Com a construção da Cerca Nova, são incorporados no perímetro defensivo os dois principais núcleos da urbe, Santa Maria e S. Sebastião. Como reconhecimento pelo desenvolvimento alcançado, D. Manuel I concedeu Foral a Lagos, em 1504, e em 27 de Janeiro de 1573 foi elevada à categoria de Cidade, pela mão do Rei D. Sebastião que, cinco anos depois, aqui reuniu a grandiosa armada com destino a Alcácer Quibir.

Capital do Algarve entre 1576 e 1756, viu destruído grande parte do seu património com o terramoto de 1755, e só a partir de meados do séc. XIX, com a indústria de conservas de peixe e o comércio, recuperou alguma da sua anterior prosperidade.

No séc. XX o Turismo gera um surto de desenvolvimento local que se repercute até aos nossos dias, mas a Lagos de hoje pretende ser mais do que um destino agradável para gozar férias, emoldurado por belas paisagens. Procura viver a modernidade preservando os seus valores históricos, a sua identidade cultural e o seu património natural, proclamando o estatuto de Capital dos Descobrimentos Portugueses.

—

As fábricas de conserva de peixe

Lagos exportava peixe da sua costa, já desde a época romana. O *garum*, por exemplo, era envasilhado em ânforas de barro, depois de moído e curtido pelo sal, e embarcado nas galeras rumo aos mais importantes pontos do império. Com o tempo as vasilhas de madeira tomaram o lugar das de barro e barricas de várias dimensões transportavam atum, cavala e sardinha salgada para diversos destinos, sobretudo europeus. Da Idade Média à Época Moderna, assim se enviou o nosso pescado para as longínquas paragens da Europa e do Mundo que as caravelas portuguesas iam descobrindo.

Na segunda metade do século XIX o progresso tecnológico da nova vaga de industrialização traduz-se no aparecimento de um novo conceito, a fábrica. A instalação de centros industriais no Algarve, iniciada na década de oitenta desse século, veio operar uma enorme transformação social e económica, e a indústria conserveira foi um dos sectores que contribuiu para essa transformação. A primeira fábrica de conservas de atum em azeite, implantada em Portugal, surgiu em 1879, em Vila Real de Santo António.

Em Lagos, a primeira fábrica terá surgido em 1882 pela mão de uma grande empresa francesa, a "Établissements F. Delory" com sede em Lorient, na Bretanha, e que também se estabeleceu em Setúbal (1880) e em Olhão (1881).

Com o aparecimento da folha-de-flandres, passaram a fabricar-se embalagens nesse material, muito mais leve e versátil do que aqueles até aí utilizados. Em 1886 já existiam em Lagos cinco unidades fabris operando com latas.

Na fábrica, as operárias procediam às operações de descabeçar e esviscerar o peixe que seguia depois para os pios da salmoira onde ficava o tempo necessário. Seguidamente o peixe era frito em azeite ou óleo, enxugado, e embalado em latas cujo tampo era soldado.

A sirene da fábrica era o sinal esperado, anunciando a chegada de peixe fresco. Então, um exército de mulheres corria para a fábrica, na esperança de serem escolhidas para trabalhar; eram elas a principal força de trabalho desta indústria, desenvolvendo frequentemente a sua actividade em condições deploráveis.

Uma evolução importante na indústria das conservas consistiu na alteração do processo de fritura para o da cozedura em que o peixe passou a ser literalmente cozido no vapor. Depois de amanhado seguia em grelhas para os cozedores ou cofres onde era submetido ao vapor. No fim da

linha de produção, após o enlatamento, as conservas eram esterilizadas a uma temperatura superior a 100°C, em autoclaves de vapor alimentados por enormes caldeiras com fornalha de lenha. A introdução da máquina de cravar tampas nas latas, a cravadeira, veio aumentar a capacidade produtiva embora tenha gerado grande perturbação e o desaparecimento dos soldadores, até então a profissão melhor remunerada desta indústria.

O processo de fabricação da conserva cumpre as seguintes fases: recepção do peixe; descabeço/evisceração; lavagem, salmoura; engrelhamento; secagem; cozedura; enlatamento; azeitamento; cravação; lavagem; verificação; embalagem; armazenamento.

Não era apenas o peixe que se enlatava. Em 1939, a Sociedade de Conservas Aldite, laborando no alto de Santo Amaro, perto do actual Mercado Municipal, fabricou e exportou berbigão em conserva, com rótulo em castelhano “berberechos”, destinado certamente ao mercado hispânico. Porém, o sucesso alcançado não foi duradouro, provavelmente devido à muita mão-de-obra envolvida. Onde hoje se ergue, imponente e reabilitado, o Mercado Municipal da Avenida, edificado em 1924, funcionou uma fábrica de conservas de peixe. A afamada Fábrica da Porta de Portugal terminaria a sua actividade na sequência de um grande incêndio que por volta de 1915 a destruiu por completo.

No alvor do século XX (1908), Lagos liderava o arranque do processo de industrialização conserveira no Algarve com 10 unidades instaladas, contra 3 em Portimão, 1 em Albufeira, 2 em Faro, 7 em Olhão e 6 em Vila Real de Santo António. Em 1920 existiam em Lagos cerca de 32 fábricas, mas em 1938 o Anuário Comercial de Portugal referenciava apenas as seguintes: Algarve Exportador, Ltd; Aliança Fabril Lacobrigense, Ltd; Alpapito Murtinheira, Arez & C.^a; António da Silva Freitas; Établissements F. Delory; Fábrica de Conservas S. Gerardo, Ltd; João António Júdice Fialho (Viúva e Herdeiros de); Joaquim de Azevedo Santana; José Gonçalves Nunes; Luz Industrial Ltd; Paolo Cocco. Envolvidas neste processo surgiram actividades subsidiárias e sucedâneas das fábricas de conservas de peixe, como as fábricas de vazio que fabricavam as latas e os tampos, as fábricas de chaves para as latas, as litografias que imprimiam as caixas e os rótulos, e as fábricas de farinhas de peixe, entre muitas outras como as companhias de armadores de pesca. Quem frequenta a Meia Praia, numa parte do areal que antes correspondia à Praia de S. Roque, pode admirar as ruínas de uma antiga fábrica de farinha de peixe, propriedade de Francisco Brígido Gonçalves, que em Maio de 1956 obtém autorização da Direcção-Geral dos Serviços Industriais para aí instalar uma prensa hidráulica.

O início do declínio das pescas, a inexistência de uma rede funcional de frio e a diminuição da competitividade comercial das conservas nacionais nos mercados estrangeiros, foram os principais factores que no final dos anos 70 do século XX anunciaram o fim da epopeia das fábricas de conservas no Algarve. Porém, a queda desta indústria não teve o impacto negativo que seria natural noutras conjunturas, mercê do desenvolvimento de outra indústria, mais moderna, que vende o Sol em praias e piscinas e substituiu as velhas fábricas por modernos hotéis, *villas* e apartamentos: o Turismo, que despontou nos anos 60 e se alcandorou a actividade destacada da economia algarvia. Dessas fábricas resta a nostalgia da azáfama a que o toque da sirene dava início.

—

Lagos, o rio e os barcos

A Ribeira de Bensafrim, assim designada por passar junto da povoação do mesmo nome, nasce na Serra de Espinhaço do Cão, a uma altitude de cerca 250m, e resulta da junção de várias linhas de água: ribeiras da Machada, da Corte do Bispo, da Sabrosa, da Candeeira, e de vários barrancos menores.

A sua foz surge como um acidente no arco desenhado pela orla da baía de Lagos, que conta quase 10 mil metros de extensão entre a Ponta da Piedade e a Ponta João de Arens.

Foi o seu pendor suave, de águas abundantes, aliado ao litoral muito recortado, polvilhado de pequenas praias e um amplo cordão arenoso que, cedo, atraiu a fixação humana, primeiramente em volta do seu estuário e posteriormente alargando-se à margem direita da foz.

A ribeira tem quase 20 Km de comprimento e um estuário assimétrico pois a sua margem direita, mais alta e mais avançada sobre o mar, corresponde a um maciço de rochas calcárias do miocénico; e a margem esquerda, mais recuada e mais baixa, constituída por arenitos vermelhos, é uma arriba fóssil que forneceu, por acção da erosão marinha, parte do areal da Meia Praia – também favorecido pelo acarreo das ribeiras de Bensafrim, de Odiáxere e de Alvor.

Se a História apresenta o Nilo como o dom do Egipto, não será exagero dizer que a Ribeira de Bensafrim foi o dom de Lagos, pois se a incerteza das actividades marítimas (dado o seu carácter imprevisível), ainda que facilitadas pelas condições naturais do estuário e da foz da ribeira – aqui denominada por rio –, não permitem alicerçar em si a vida económica e o desenvolvimento da urbe e do município, é o mesmo curso de água que potencia a produtividade agrícola nas zonas enriquecidas pelo aluvião.

Para além da pesca e da recollecção de marisco e bivalves, actividades comuns ao litoral costeiro e ao interior fluvial, era com a força da ribeira que se moviam as pás da azenha, e se recolhia, no estuário, o sal e nesse mesmo lençol de águas serenas se inchavam as madeiras para a construção naval.

Do colorido e melodioso afã ribeirinho, de barcos em descarga de peixe ou barcaças carregando cortiça e frutos secos, ao vaivém de escaleres apinhados de marinheiros das esquadras de guerra lusitanas e britânicas, até aos turistas que hoje se passeiam demoradamente na longa avenida marginal, ou que entram num bote para passeio às grutas, ou aos inúmeros iates que ora o sobem, ora o descem, o rio de Lagos continua a marcar o pulsar da cidade e das suas gentes.

Das canoas pré-históricas aos gigantescos navios que usam as mais recentes tecnologias de propulsão ao serviço da rapidez e do conforto, a história dos barcos é uma fascinante aventura do engenho, da arte e da técnica humana. Lagos também escreveu relevantes páginas dessa história.

Embora não se conheçam pormenores da aventura marítima dos povos que aqui viveram em épocas que remontam à pré-história, ao período pré-clássico e à chegada dos primeiros navegadores fenícios, é seguro afirmar que aqui se terão construído barcos e realizado navegações fluviais e costeiras nesses tempos longínquos. E não podia de deixar de ser assim, considerando que os cursos de água e os oceanos foram, durante milénios, as vias mais eficientes para o contacto comercial e cultural entre povos distantes.

“Até à conquista de Lagos por Bruto [138-136 a.C.], os seus habitantes usavam barcas de couro, forradas de peles, que vedavam as águas, e n’ellas mastreação de madeira delgada, fácil de dobrar para não ser prejudicada com o impulso do vento” (in “Monografia de Lagos” de M.J.P. Rocha).

Dada a sua posição geográfica, relativamente protegida dos ventos Norte e Oeste, a antiga *Lacobriga* foi, séculos antes da era cristã, porto concorrido onde inúmeras embarcações vinham carregar trigo, cera, azeite, peixe, sal, coral, louças e tecidos de fabrico local.

Hoje, Lagos tem só um estaleiro naval, mas possuiu vários ao longo da sua história. Aqui desenvolveram a sua actividade inúmeros mestres carpinteiros, calafates e outros que construíam uma diversidade de barcos. Por ‘calafate’ pode entender-se aquele que constrói, na totalidade, embarcações de madeira. Com o barco todo montado, passa ao trabalho de calafetagem propriamente dito, em que preenche todas as frinchas da madeira.

Lagos, mercê da sua incontornável história náutica, inscreveu de forma indelével o seu contributo no grande livro da aventura marítima portuguesa. Daqui partiu Gil Eanes a caminho do temível Cabo Bojador, numa barca, plausivelmente, de construção local. E nela tornou, depois de ultrapassado esse cabo que escondia mares, terras e gentes desconhecidas ao mundo europeu de então; corria o ano de 1434 e dez anos depois uma companhia de lacobrigenses comandada por Lançarote de Freitas arma seis caravelas e parte para a costa africana. A epopeia dos descobrimentos marítimos portugueses estava em marcha.

Em 1445 a frota da segunda campanha de Lançarote de Freitas, composta por 14 caravelas, zarpu de Lagos rumo à ilha de Tider na costa da Mauritània onde se reuniria à frota de 12 caravelas armadas em Lisboa e na Ilha da Madeira. Nunca antes se reunira uma armada tão grande para tal fim. Directamente envolvida na epopeia das viagens exploratórias do século XV, Lagos terá, seguramente, contribuído para essa importante revolução tecnológica que foi o surgimento dos navios de alto bordo portugueses.

Nas proximidades da Rua da Capelinha terão existido, desde o tempo do Infante D. Henrique, sucessivos estaleiros com rampa e zorra para o ‘bota-abaixo’. Ali se perpetuou essa actividade naval e a sua memória, até que as obras para construção da Avenida dos Descobrimentos destruíram os derradeiros vestígios desse passado.

O Foral de Lagos, outorgado por D. Manuel em 1504, atesta a importância da construção naval neste período, estabelecendo a isenção de dízima na venda de navios aqui construídos, desde que tivessem 130 toneladas, isentando igualmente as transacções das madeiras usadas na construção desses navios. No século XVI, a qualidade dos barcos construídos nos estaleiros de Lagos era muito conceituada pois, mesmo sendo proibido por lei, exportavam-se muitos dos barcos aqui construídos, chegando a duplicar ou triplicar o seu valor no mercado de destino.

Caíques, botes, barcas das armações, lanchas, chatas, chalupas e barçaças, barcos de pesca, cabotagem ou navegação oceânica, uns a remos, outros à vela; a que se juntam os gasolinas e as traineiras do início do século XX, propulsionados pelo cavalo-vapor enformam, com as ancestrais barcas, barinéis e caravelas pesqueiras, o universo das embarcações que terão zarpado e demandado o porto de Lagos, ao longo dos tempos.

Infelizmente a arqueologia subaquática ainda não logrou encontrar nenhum dos antigos veleiros que sabemos terem naufragado nas nossas águas. Assim aconteceu em 1540 com uma caravela proveniente do Peru e que aqui deu à costa em resultado de grande temporal, tal como a embarcação espanhola Santa Ana proveniente das Honduras e com destino a Sevilha, que em 1593 soçobra na baía de Lagos, porto definitivo para muitos outros navios como: Nossa Senhora de La Misericórdia (1594); Nossa Senhora de La Consolation (1595); a fragata espanhola Nossa Senhora de La Muela (1628); o brigue inglês Free (1868); o patacho português Henrique (1872); o brigue italiano Maria Joanna (1876), etc.

Em 1840 Lagos tinha 400 marítimos, pescadores das 13 artes existentes, e contava em actividade 16 lanchas, 8 rascas e 8 caíques de carga, maioritariamente construídos em Lagos. Esta herança na qualidade da construção naval chegou até aos nossos dias. A canoa “Gavito” de Mestre Adelino, operacional nos anos 40 do séc. XX, era muito veloz sendo por isso famosa no porto de pesca de Lagos. Ainda em meados do mesmo século foi aqui construída, para uma empresa local, uma chalupa da pesca do albacora, baptizada “Maria Isabel II”.

Dos calafates do início do século XX, podem referir-se o mestre Narciso e o mestre Pedro, ambos construtores de botes e lanchas em madeira. Este último exercia o seu mister na Rua da Capelinha.

Encerrado nos finais dos anos 30 do século XX, o estaleiro de S. Roque, situado no areal da antiga Praia de S. Roque (integrada na Meia Praia, possivelmente devido ao terramoto de 1755), propriedade da firma Fialho Lda., procedia à reparação dos barcos das suas armações. Ali se notabilizou o mestre Marafusta.

Em frente à estação do caminho-de-ferro laborou, até inícios dos anos 80, um estaleiro, propriedade de José d’Abreu Pimenta, que sendo o único em Lagos à época, nele se construíam e reparavam muitas embarcações de pesca. Na sua actividade destacou-se o mestre Caixinha.

Em meados dos anos 70 instalou-se em Lagos a firma Sopromar, numa concessão contígua ao estaleiro de José d’Abreu Pimenta. Com as obras do novo porto de pesca de Lagos, em meados dos anos 80, os dois estaleiros situados próximo da estação da C.P. foram deslocados para a zona intermédia do perfil Este do porto de pesca. A reinstalação do estaleiro mais antigo, de José d’Abreu Pimenta, falecido à época, foi promovida por João d’Abreu Pimenta, seu filho, tendo este direccionado a actividade para as embarcações de recreio, que começavam a aparecer em número crescente.

Algum tempo depois, a Junta Autónoma dos Portos do Barlavento Algarvio autorizou uma terceira concessão para estaleiro, localizado a Sul dos dois existentes e que ficou conhecido pelo estaleiro do Caixinha. Assim, coabitaram durante alguns anos os três estaleiros, o Sopromar, com particular vocação para a actividade metalo-mecânica, o de João d’Abreu Pimenta, mais direccionado para embarcações de recreio, e o do Caixinha, mais orientado para embarcações de pesca.

Mais recentemente o estaleiro Sopromar absorveu os outros dois estaleiros, sendo o único actualmente em actividade.

Os barcos são, pois, indissociáveis da história de Lagos.

Lagos, Sagres e o Infante D. Henrique

Não existiu nenhuma escola náutica em Sagres, tampouco em Lagos. Pelo menos não é conhecido qualquer documento coevo que refira tal coisa. Pelo contrário, os documentos existentes indicam que o Infante só a partir de 1443 começa a efectuar estadias mais demoradas no Algarve, e que a sua vila em Sagres «... só ficou minimamente funcional por volta de 1446, doze anos depois de Gil Eanes ter passado o cabo Bojador e um lustro após a resolução dos problemas náuticos suscitados pelo avanço dos navios henriquinos para as águas onde sopravam os alíseos que obrigavam a efectuar o regresso pela volta do largo. A célebre “escola de Sagres” não passa, pois, de um grande equívoco, o que, porém, não retira importância histórica a Sagres. Esta vem-lhe, todavia, da força do mito que se alicerça num facto histórico indiscutível – aquele foi o espaço escolhido por D. Henrique para se recolher e afastar do mundo e a presença do infante no cabo interpelador coincide com o apogeu das navegações que ele dirigia.» in “Henrique, o Infante”.

Portanto, é escusado tanto “ruído” em torno da figura do Infante D. Henrique. Para evidenciar a sua importância basta considerar os factos que hoje conhecemos sem necessidade de continuar a propagar aldrabices resultantes de uma abordagem romântica e nacionalista da História de Portugal, que tantos historiadores do passado cultivaram.

A maior estada do Infante em terras do Algarve, resulta da obra do escultor Leopoldo de Almeida, que o mantém sentado numa praça de Lagos desde 1960.

Sem diminuir o mérito do navegador que passou além do Bojador, nem a honra de Lagos ser a sua terra natal, alguns indícios apontam para o facto do Infante não se ter aqui despedido de Gil Eanes, nem aqui recebido o seu regresso e o relato do seu sucesso.

«Pouco se sabe sobre esta viagem pioneira. Quanto ao seu capitão, é certo que era natural de Lagos e que pertencia à Casa do Infante. Zurara refere a sua participação noutras viagens a sul do Bojador nos anos de 1435, 1443, 1444 e 1446. Membro da baixa nobreza, era escudeiro do infante, em 1434, mas é citado como cavaleiro da Casa ducal a partir de meados dos anos 40. É possível que fosse o escrivão dos navios vindos ao porto de Lisboa, que foi confirmado no cargo por D. Duarte, a 8 de Dezembro de 1433 e era ele, por certo, o escudeiro da Casa do infante D. Henrique que foi nomeado escrivão da tábua grande de “aver-do-peso” de Lisboa, a 2 de Março de 1442 e que renunciou ao cargo antes de 15 de Abril de 1450 por residir em Lagos, sendo então cavaleiro da Casa ducal. Quanto à sua viagem pioneira, cujo local de partida e de chegada não é mencionado por Zurara, é bem possível que Gil Eanes tenha começado por viajar de Lisboa para o Algarve, mas a viagem propriamente dita deve ter começado em Lagos; no regresso terá passado novamente pela vila algarvia, mas o encontro entre Gil Eanes e D. Henrique ocorreu certamente noutra parte do reino, pois o Algarve não fazia então parte dos itinerários henriquinos.»

–

Os 250 anos da “Batalha de Lagos”

19 Agosto de 1759

A “Batalha de Lagos” enquadra-se na Guerra dos Sete Anos, um conjunto de conflitos internacionais decorridos entre 1756 e 1763, envolvendo, de um lado, a França, a Áustria e seus aliados (Saxónia, Rússia, Suécia e Espanha), e do outro a Inglaterra, Portugal, a Prússia e Hannover. Vários factores desencadearam a guerra: a preocupação das potências europeias com o crescente poderio de Frederico II, o Grande, Rei da Prússia; as disputas entre esta e a Áustria pela posse da Silésia, e a disputa entre a Grã-Bretanha e a França pelo controle comercial e marítimo das colónias além-mar, nomeadamente as da América do Norte. Foi o primeiro conflito de carácter mundial, e o seu resultado é muitas vezes apontado como inaugurador da era moderna.

Na noite de 7 de Agosto de 1759, em pleno período de bloqueio dos portos franceses pela marinha britânica, uma esquadra de 14 navios comandada por M. De La Clue zarpa do porto de Toulon. Tenciona alcançar o Atlântico e reforçar a armada proveniente de Brest, comandada pelo vice-almirante De Conflans, com a finalidade de atacar a Grã-Bretanha, desembarcando na Escócia. A navegação é feita ao longo da costa norte-africana procurando evitar a detecção dos ingleses. Porém, na manhã de 17 de Agosto, ao largo de Ceuta, uma fragata inglesa avista a esquadra francesa e imediatamente leva o aviso à força estacionada em Gibraltar que, no mesmo dia, pelas 22h00, se faz ao mar. Na manhã de 18 de Agosto, a esquadra inglesa, sob o comando de Edward Boscawen avista as primeiras velas, mas já não é a totalidade da armada francesa pois durante a noite cinco dos seus navios perderam o contacto com o grosso da esquadra e afastaram-se, demandando Cadiz. Os outros sete navios, que entretanto aguardavam a possibilidade de reagrupar a esquadra, julgaram, erradamente, que as velas que se aproximavam eram os retardatários da sua frota. Pelas 9h30 Boscawen ordena aos seus navios a perseguição e ataque às velas francesas. Poucas horas depois as esquadras iniciam um combate que se prolongará por todo o dia, com aproximações e afastamentos ditados pelas condições do vento. Pelas 16h30 o Centaur rende-se, bastante danificado, tendo perdido o comandante e cerca de 200 homens. Do confronto resultam estragos de monta no navio-almirante inglês que obrigam Boscawen a transferir-se do Namur para o Newark (segundo as fontes inglesas, já que uma fonte francesa refere a transferência do almirante inglês para o navio Kernosprik). A perseguição aos navios franceses continua durante a noite embora o Souverin e o Guerrier a tenham aproveitado para escapar, rumando a Oeste e dobrando o Cabo de S. Vicente.

Ao nascer do Sol do dia 19, com a esquadra reduzida a quatro navios, os franceses decidem colocar-se ao abrigo das fortalezas do barlavento algarvio, sob a neutralidade das águas portuguesas. Inutilmente. O Modeste é apresado em Sagres e o Teméraire na Figueira, enquanto o navio-almirante Océan, e o Redoutable, varados respectivamente na Salema e no Zavial para salvar a tripulação, são violentamente bombardeados. De La Clue e muitos dos seus homens abandonam o navio e, pouco depois, uma embarcação do América recolhe o comandante De Carne e o resto da tripulação. O navio, considerado irrecuperável, é incendiado pelos ingleses, tendo assim o mesmo destino do Redoutable. Com este desaire, o sonho da França de uma invasão do território britânico, fica seriamente comprometido.

Este episódio da Guerra dos Sete Anos, ocorrido menos de 4 anos após o catastrófico terramoto que assolara o reino, ficou conhecido como “A Batalha de Lagos” e motivou um veemente protesto do governo de Sua Majestade D. José I, junto da Inglaterra, redigido pelo punho do Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. A importância do evento determinou que Lagos ficasse relacionada com esta batalha e assim registada nos livros de História.

Lista dos navios envolvidos: nome/nº canhões: Esquadra inglesa: Namur 90 (navio-almirante), Prince 90, Newark 80, Warspite 74, Culloden 74, Conqueror 70, Swiftsure 70, Edgar 64, St Albans 64, Intrepid 60, America 60, Princess Louisa 60, Jersey 60, Guernsey 50, Portland 50, Ambuscade 40, Rainbow 40, Shannon 36, Active 36, le Thetis 32, Lyme 24, Gibraltar 24, Glasgow 24, Sheerness 24, Tartar’s Prize 24, Favourite 16, Gramont 16, Aetna 8, e Salamander 8. Esquadra francesa : Océan 80 (navio-almirante), Téméraire 74, Modeste 64, Redoubtable 74, Souverain 74, Guerrier 74, Centaure 74.

Considerações acerca da conferência realizada em Lagos em 19 de Agosto de 2009

Não obstante a qualidade técnica e científica da comunicação do arqueólogo Francisco Alves, sobre o espólio do Océan e os trabalhos realizados nos destroços do navio almirante francês, bem como sobre os navios de linha do período em apreço, o tema mais interessante foi abordado por Maria Luísa Blot. Porém, quer porque uma simples palestra não permitiria aprofundar as várias questões, quer porque a distinta investigadora não se preparou suficientemente, a sua comunicação ficou muito aquém daquilo que eu esperava.

A tónica dessa comunicação, no que concerne à Batalha de Lagos, centrou-se na violação das águas neutras portuguesas por parte da esquadra inglesa. Tónica incipiente para centrar uma comunicação sobre esta batalha. Aflorada, numa simples referência, a hipótese de deserção de mais de metade da frota francesa, não mereceu maior atenção, *damage*. A este respeito muito havia a debater, nomeadamente: Porque é que os capitães de Jean-François De La Clue não gostavam do seu comandante? Seria interessante explorar a ideia da razão que imperou à aparelhagem inicial de alguns dos navios que, depois, vieram a integrar a frota de De La Clue. Será que os seus capitães/armadores esperavam partir rumo às américas em busca de proveitos pecuniários, ainda que aí aceitassem defrontar os ingleses; e ficado irritados por terem de integrar o plano de Bigot de Morogues para a campanha naval que pretendia levar a guerra à casa dos ingleses?

Pois porque é que, na noite de 17 de Agosto, desapareceram 8 navios sem razões fundamentadas para isso, o que leva de la Clue ao protesto: *“Seja por cobardia, seja por ignorância imperdoável, ou por uma fatalidade incompreensível, os capitães do Fantasque, do Lion, do Triton, do Fier e do Oriflame cuja posição era no centro da esquadra, bem como os capitães das três fragatas (cujo objectivo seria nunca perderem de vista o navio chefe), separaram-se da esquadra a meio de uma noite de Verão, em que não se verificava uma escuridão total, levados por um vento de Este (nunca violento no estreito canal), e sem que qualquer incidente atmosférico justificasse tal separação.”* (da Carta de M. De La Clue a M. le comte de Merle, embaixador em Lisboa, datada de

Lagos, 18 de Agosto de 1759). Segundo Cunat, Charles Marie, em L'Histoire du Bailli de Suffren, p. 28 a 31, Rennes 1852. Esta carta, que não refere a “deserção” de Panat (Le Souverin) e Rochemore (Le Guerrier), ocorrida posteriormente, aponta para a extensão da Batalha para o dia seguinte, ao contrário do afirmado por alguns investigadores até agora (entre estes o próprio Francisco Alves), que a Batalha tinha ocorrido a 18 de Agosto.

Ainda segundo o biógrafo do M. de Suffren, o Ministro da Marinha M. Berryer pretendeu levar a Tribunal de Guerra todos os capitães de De La Clue. Não o terá feito para não criar atritos com a nobreza da Provença, à qual pertenciam esses capitães, bem como com a oficialidade geral da marinha de guerra francesa.

Por outro lado, verifiquei uma confusão estabelecida entre o Cabo de Santa Maria e o Cabo de S. Vicente, sugerindo a senhora, que as esquadras em conflito teriam cruzado Sagres e regressado à costa Sul algarvia, o que não é verdade, pois o Cabo de Santa Maria onde a Batalha se iniciou refere-se, como é óbvio, a Santa Maria de Faro. Também me decepcionou o desconhecimento da referência ao navio Kernosprit, citado, pelo menos, em duas fontes francesas (sendo uma delas a Histoire Maritime de la France, de Léon Guérin), decepcionou-me, ainda, que a senhora tenha confessado não conhecer a biografia do Bailio de Suffren – que veio a ser um dos mais hábeis almirantes franceses -, embora o soubesse no posto de Tenente a bordo do Océan durante esta batalha.

A que navio se referiam essas fontes que o identificam como Kernosprit, embarcação para onde Boscawen se transferiu quando o navio almirante Namur ficou seriamente danificado? Ora o almirante inglês transferiu-se para o Newark, como consta nas fontes inglesas e nalgumas francesas. E sobre as razões que terão levado os Ingleses a não respeitar a neutralidade das águas portuguesas, deixo estas reflexões:

1 – É objectivo maior da armada inglesa, evitar, a todo o custo, a invasão das Ilhas britânicas por parte dos franceses.

2 – Que neutralidade? A Guerra dos Sete Anos foi um conjunto de conflitos internacionais decorridos entre 1756 e 1763, envolvendo, de um lado, a França, a Áustria e seus aliados (Saxónia, Rússia, Suécia e Espanha), e do outro a Inglaterra, Portugal, a Prússia e o principado de Hannover.

3 – Desforra de todos os recentes insucessos nas escaramuças navais ocorridas nos mares europeus e desforra também da Batalha de 1693 em que de Tourville infligiu pesada derrota a George Rooke, exactamente nos mesmos mares algarvios.

E sobre as razões que levam os portugueses a não prestarem apoio aos franceses, avento o seguinte:

1 – Portugal é um estado neutral, ou o veemente protesto do governo de Sua Majestade D. José I, junto da Inglaterra, redigido pelo punho do Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal, não terá passado de manobra para “francês ver” (?!).

2 – As baterias de costa portuguesas estariam em condições de fazer fogo, apenas quatro anos após o demolidor terramoto de 1755?

Estes são apenas alguns aspectos do conflito que teve como opositores Sir Edward Boscawen e Jean-François de Bertet De La Clue-Sabran, que ficam, ainda, sem resposta.

–

Lagos e as suas praias

Falar nas praias de Lagos é falar em duas realidades geomorfológicas distintas, mas de idêntica beleza. Para a direita da ribeira de Bensafrim, que aos pés da cidade encontra o oceano, uma margem mais alta e mais avançada sobre o mar, que corresponde a um maciço de rochas calcárias do miocénico, apresenta-nos a famosa Costa D'Oiro. E para a esquerda, numa margem mais recuada e mais baixa constituída pelos arenitos vermelhos de uma arriba fóssil, temos a impressionante Meia Praia.

Começemos por esta magnífica praia que se estende ao longo da curvatura da baía, por quase cinco quilómetros, até ao Rio de Alvor. Aqui, na baixa-mar, junto à linha de água, podem-se apanhar condelipas – conquilhas no resto do país –, enquanto as crianças brincam nas bacias temporárias esquecidas pela vazante e aquecidas pelo sol. Tudo isto emoldurado por um cordão dunar de destacada beleza, graça das suas areias finas e da vegetação que acolhe pequenas aves que encantam com o seu chilrear, enquanto na baía evoluem os veleiros, grandes e pequenos, animando-a com as suas velas brancas recortadas nos azuis do céu e do mar. É uma praia acessível a pessoas com mobilidade reduzida, conta com apoios e vigilância e ostenta o galardão Bandeira Azul da Europa.

Esclareçamos a confusão entre Meia Praia e Praia de S. Roque

Esta última correspondia a uma faixa de areal separada da Meia Praia por um braço do rio – a Barra de Dona Joana, segundo a tradição oral – e da cidade, pelo curso principal da ribeira de Bensafrim. A Praia de S. Roque recebeu esse topónimo em resultado da ermida ali fundada por milaneses e sicilianos que exploravam a pesca do atum, no distante século quinze.

Edificada paredes-meias com o arraial das armações, a ermida firmava-se nessa faixa de areal. As alterações do delta da ribeira de Bensafrim, quer devido à hidrodinâmica e à dinâmica sedimentar da orla costeira, quer por acção do terramoto de 1755 que, sabemos, destruiu a referida ermida de S. Roque, acabariam por encerrar o braço da ribeira, provocando a integração da Praia de S. Roque na Meia Praia.

Para lá da Meia Praia encontra-se a ria de Alvor (ou Rio de Alvor), localizada entre as freguesias de Odiáxere (concelho de Lagos), e Alvor (concelho de Portimão), resultante da confluência de quatro linhas de água provenientes da encosta Sul da Serra de Monchique que dão forma a este complexo sistema estuarino que integra dunas, praias e terrenos agrícolas, mato semi-natural, pinhal e sapais salgados. Além de abrigar espécies e habitats de interesse comunitário, nos bancos de areia da ria cultivam-se bivalves como a ostra e a amêijoia e recolecta-se profusamente o berbigão. A ria é protegida do oceano por dunas fixas que limitam a área de estuário com bancos de vasa e areia, antigas salinas, pisciculturas e sapais. O reconhecimento da singularidade ecológica da Ria de Alvor levou à sua classificação como Zona Húmida de Importância Internacional.

Da cidade até à Ponta da Piedade, várias praias interligadas por túneis escavados na rocha apresentam pequenas línguas de areia suave, oferecendo águas temperadas e cristalinas e

protecção na sombra dos enormes rochedos. Aqui não se sente os ventos dominantes e pode-se saltitar de rocha em rocha apreciando as criaturas do mundo marinho que a baixa-mar deixa a descoberto. São as acolhedoras praias da Costa D'Oiro, com as suas areias douradas e tranquilas águas límpidas, encaixadas nesta porção da costa que recebe o nome da coloração das rochas de tons amarelos e avermelhados.

Da Praia Formosa (vulgo, da Batata), passando pelas praias dos Homens, dos Estudantes, da Caldeira, do Pinhão, da Dona Ana, do Camilo, dos Pinheiros, e terminando na Praia Grande, cumpre-se o périplo por estas magníficas enseadas embutidas no rendilhado rochoso.

Até ao promontório da Ponta da Piedade os visitantes encantam-se com as formas rochosas que os marítimos lacobrigenses cedo baptizaram com nomes sugestivos: “boneca”, “gigante”, “sapato”, “cozinha”. Aqui se podem admirar, recorrendo a um passeio de barco, pequenas enseadas de areias douradas e impressionantes furnas e chaminés escavadas pelo mar.

A Praia da Batata, situada entre o molhe Oeste da foz da ribeira de Bensafrim e a Praia dos Estudantes, perto do Cais da Solaria e da Fortaleza Ponta da Bandeira, a escassa centena de metros do centro histórico de Lagos, é uma praia muito frequentada devido à proximidade do centro urbano e aos recantos abrigados que proporciona, oferecendo sombras e protecção dos ventos.

Esta praia é cenário para uma das mais genuínas manifestações tradicionais da região: o “banho de 29”, festa popular que se realiza na noite de 29 de Agosto. É uma praia acessível a pessoas com mobilidade reduzida, conta com apoios e vigilância e ostenta o galardão Bandeira Azul da Europa.

A Praia do Pinhão, situada numa pequena baía rochosa, a meio caminho entre Lagos e a Ponta da Piedade, pode ser alcançada através dum trilho pedonal que liga à Praia D. Ana e que percorre o topo da arriba. O areal é pequeno e encaixado entre arribas altas, talhadas em rochas carbonatadas de cores quentes e intensas. Possui ainda um miradouro com uma escadaria que desce até ao mar.

A Praia da Dona Ana, disposta entre falésias rochosas, com as suas areias limpas e água de tonalidades azuis e verdes, possui uma paisagem lindíssima. O acesso à praia é feito através de escadarias. Conta com apoios e vigilância e ostenta a Bandeira Azul.

A Praia do Camilo é uma pequena praia cujo formato lembra uma concha. As suas águas são límpidas e calmas, e é uma praia vigiada e com boas condições balneares, ostentando, também, a Bandeira Azul da Europa. Chegando ao miradouro, pela estrada da Ponta da Piedade, o acesso à praia é feito por uma renovada escadaria.

Na Ponta da Piedade, perto do Farol construído em 1913, uma longa escadaria leva até ao mar, onde alguns mareantes recebem nos seus barcos passageiros que desejem conhecer as furnas e as esculturas talhadas pelas águas na massa rochosa.

Dobrada a Ponta da Piedade, encontramos ainda praias de afeiçoada beleza, não obstante o seu difícil acesso, como a do Barranco do Martinho e a do Canavial.

Mais para diante encontramos o Porto de Mós, uma praia de extensão razoável. Afastada das povoações, é uma das mais frequentadas do concelho uma vez que o extenso areal permite alguma privacidade. Acessível a portadores com mobilidade reduzida, conta com apoios e vigilância, e o inestimável símbolo de qualidade, a Bandeira Azul.

A última grande praia do concelho, para Oeste, é a famosa Praia da Luz com o seu generoso banco de areias macias, emoldurada pela falésia que ostenta o marco geodésico e pelo casario branco da antiga aldeia piscatória, hoje Vila cosmopolita. É uma praia acessível a pessoas com mobilidade reduzida, conta com apoios e vigilância de praia. A praia em si está dividida em duas partes, uma com areia fina e branca, característica da região, e a outra com rochas, oferecendo ainda um ambiente exótico proporcionado pelas palmeiras que recordam outras paragens tropicais. A água é limpa e transparente.

Concluída esta pequena viagem, melhor se compreende que este trecho de costa algarvia tenha sido, desde há muito, alvo de procura por todos quantos partem em vilegiatura buscando o descanso da época estival. Assim tem sido em larga escala desde meados do século passado, quando o turismo passou a ter forte desenvolvimento na região. E ainda hoje assim é.

—

Os Figos

Já lá vai o tempo em que era comum iniciar o dia comendo figos secos e bebendo aguardente. Era o mata-bicho, em uso na serra, no barrocal, e no litoral algarvio. Estas infrutescências doces, muito nutritivas, a que chamamos figos, comidos secos ou frescos, tiveram uma importância crucial durante um longo período da história da humanidade e, na parte que nos toca, grande impacto na economia dos povos mediterrânicos. Os figos são ricos em açúcares (glucose, fructose e sacarose), que atingem 20% do seu peso em fresco e 60% em seco, pelo que sempre foram uma produção de valor.

A figueira, árvore de exterior, dá-se bem nos climas temperados sobre terrenos fundos de origem calcária. Existem dezenas de variedades de figos, sendo mais adiantados os orjais, os lampos, os marqueses e os pedrais, e mais tardios os sufenos.

Da longa lista de variedades existentes no nosso país, encontramos facilmente referências das seguintes: algarve, branco do Douro, brinco, castanhal, chateau, corigo, dois à folha, dois ao prato, lanjal, lopinho, Marques Loureiro, milheiro, panaché, paraíso, pardo, passanudo, rebanguio, rei, restevo, sogenho, três-em-prato.

Para além destes, destacam-se os que podemos encontrar no Algarve: bacalar (ou badalhouce?), bacorinho, burjassote branco, burjassote preto, cachopo, cara-lisa, carvalhal, cótio, da ponte, lampo branco, lampo preto, marquês, moscatel, orjal, pedral, pingo de mel, São Luíz e verdeal; sendo estes autóctones - ou introduzidos há tanto tempo que desse facto já não há memória -, e ainda os figos turcos, ditos de Smyrna (introduzidos posteriormente), que integram os bebero, belmandil, enchário branco e enchário preto.

Quanto à denominação “vindimo”, esta refere-se à segunda colheita da figueira Lampa que ocorre na época das vindimas (primeira quinzena de Setembro), extraído-se da primeira colheita, em Junho, os figos de S. João. Outras variedades importantes são os tocos e os boloitos. A sua utilidade reside no facto de se tratar de figos de “toque”, que não se comem pois acolhem insectos que abandonam o figo quando este amadurece e vão introduzir-se nos figos das outras variedades, conferindo-lhes maior volume e sabor e antecipando a sua maturação. Quando o figueiral não possui nenhuma figueira-brava deste tipo, colocam-se as “penduras”, pequenos volumes de esparto ou junça, contendo figos de toque, suspensos dos troncos das figueiras.

O figo, cultura sazonal e sensível às intempéries, valoriza-se com a secagem transformando-se em passa, operação que permite a sua conservação e transporte para consumo em paragens distantes e fora da sua época de colheita. A principal variedade para transformação em passa é o figo cótio (ou coito). Ainda hoje se pode ver nalguns locais do barrocal algarvio, secando no almeixar (ou almanxar), espalhado sobre esteiras de canas delgadas ou de varas de funcho, por vezes depostas sobre cama de junco, durante o estio habitual entre meados de Agosto e meados de Setembro.

Os figos passados separam-se em três lotes, segundo o tamanho e aspecto, estabelecendo assim o seu valor: flor, meia-flor (ou de comadre), e mercador. Estes últimos, e melhores, eram guardados em ceiras e depois exportados. Os que não se escoavam eram torrados para reforço

alimentar no Inverno, sendo consumidos no desjejum, entre refeições, e à noite, com um copito de aguardente, ou para a “sossega” antes de deitar.

“Chamou-lhe um figo” é uma expressão antiga, mas ainda em uso, referente a algo delicioso que se comeu num ápice.

—

O Património Imagem

A Fotografia, conjunto de técnicas e tecnologias descobertas e implementadas por Nicéphore Niépce (1826), Henry Talbot e Louis Daguerre (1839), Nadar (1855), e sucessores, foi uma das mais marcantes invenções do século dezanove. Não só porque veio libertar as artes plásticas e despoletar o aparecimento do cinema, anunciando a vasta panóplia dos meios audiovisuais de hoje, mas também porque protagonizou profundas alterações nas formas de relacionamento, documentou mudanças sociais e acelerou a dinâmica de uniformização cultural, prenunciando a globalização.

No início do século vinte a profusão de imagens de paisagens, remotas ou urbanas, propõe uma nova percepção do espaço, da sua geografia e das distâncias. O horizonte do conhecimento, logo as perspectivas culturais, artísticas e científicas, alargam-se. O mundo principia, então, a ser efectivamente conhecido. As fotografias começam a substituir as palavras – nem sempre da melhor forma, raramente discursando ao mesmo nível –, e a imagem banaliza-se mercê da possibilidade que cada um passa a ter, de a poder fabricar, reproduzindo ou reinterpretando o real. A imagem liberta-se do feudo artístico e do controlo dos dotados, universaliza-se. Potencia e cria novas oportunidades artísticas e, sobretudo, permite a cada um a possibilidade de construir ícones, ainda que com maior ou menor criatividade. E fixa, congela permanentemente os rostos de gente próxima ou distante, estabelecendo padrões ou revelando traços exóticos, alargando a aceitação da variedade humana. Esta é a grande revolução que a Fotografia opera, ao permitir o registo do retrato de cada cidadão, de todos os cidadãos indistintamente, sejam ricos ou pobres. Com a Fotografia, o homem aproxima-se do mundo em que vive e, simultaneamente, do seu semelhante.

Em Lagos, como em qualquer cidade do mundo ocidental, existiram fotógrafos logo a partir da emergência dessa profissão, ainda que não residissem cá como é o caso de A. S. Penna Peralta que registou imagens da nossa cidade no final do século dezanove, ou o anónimo profissional que em 1873 captou a derradeira expressão facial do comerciante António Barbosa Viana, repousando dentro do seu ataúde.

Na transição do século e até ao início dos anos trinta destacou-se António Crisógono dos Santos, sucedendo-se outros como Armando Segurado, Borlinha, Silva, Montes, e Jaime Santos, que ficaram associados a estúdios com galerias onde as pessoas eram fotografadas contra fundos cénicos de cores estudadas e sob as luzes mágicas do tungsténio relampejante. Ali fizeram, ao longo do século vinte, os retratos para o bilhete de identidade, para a inscrição nas escolas ou para lembrança de amizades, enquanto no exterior registavam outros momentos importantes da vida da comunidade como os casamentos e os baptizados. A par desses profissionais existiam inúmeros amadores como o Visconde Miranda, o senhor Francisco Xavier, o fiscal das conservas Afonso Canelas Furtado, entre muitos outros, que registavam com grande mestria as paisagens e a vida coetânea ao longo de um período que ultrapassa uma centúria, constituindo hoje, mais do que simples memórias gráficas, autênticos documentos históricos.

Reconhecendo-se esse impacto tremendo que a Fotografia provoca, torna-se inevitável a sua apropriação por uma sociedade já enraizada na dinâmica da produção industrial. Até 1870 a Fotografia operou a sua apresentação junto do grande público e, simultaneamente, conquistou território relativamente à pintura. Nesta altura percebe-se a existência de um enorme mercado

potencial para a comercialização da imagem de uma forma massiva. Assim surge a ideia de legitimar a circulação de postais ilustrados, o que veio a acontecer em 1869, na Áustria, pátria de Emmanuel Hermann, o seu criador.

Em Portugal, a sua circulação foi autorizada por decreto de 31 de Outubro de 1877. Rapidamente, esta forma industrial de fixar imagens em papel, afirma-se como registo de excelência do progresso dos lugares, da paisagem bucólica ao espaço urbano.

Para o historiador, os postais ilustrados representam verdadeiros documentos da evolução material de uma sociedade, dos seus monumentos e do seu urbanismo. A história será, hoje, porventura, mais conhecida pelas imagens do que pela escrita. E isso porque as imagens permitem não só uma viagem ao passado, mas igualmente uma identificação objectiva dos factos.

O postal ilustrado tem um papel relevante na vida social desde finais do século XIX, nomeadamente na difusão das diferenças regionais, no que concerne à identidade etnográfica, bem como na construção do imaginário popular. E não nos maravilhamos apenas com o conteúdo estético das formas ou do cromatismo proporcionado pelos postais ilustrados, mas também com a sensação de retorno ao passado, impressão vincada pelo carácter partilhável, universal, do postal, ao invés do carácter mais reservado, privado, da fotografia. Para isso contribuíram muitos fotógrafos de olhar afinado que dedicaram ao postal ilustrado uma atenção especial, editando séries temáticas que hoje são disputadas como raridades.

Entre nós, podemos admitir que a edição de postais ilustrados sobre as belezas naturais do Algarve tanto serviram para as divulgar no universo do turismo como para despertar a sensibilidade dos autóctones para o valor e a grandeza das nossas paisagens, do nosso património.

A principal técnica de impressão utilizada, nos primeiros anos da difusão do postal ilustrado recorreu à Fototipia que, ao contrário da Fotografia, não é executada no laboratório fotográfico pois consiste num processo de impressão com tinta forte num meio de gelatina bicromada, posteriormente exposta ao sol. Em termos práticos pode ser muito difícil distinguir uma fototipia de uma fotografia verdadeira (resultante da acção da luz e impressa por meios químicos), sobretudo se estivermos perante exemplares do final do século XIX. O método tipográfico da fototipia, muito difundido em Portugal a partir de 1878, era capaz de reproduzir com grande precisão os meios-tons e os detalhes das sombras, como tal podia facilmente ser confundido com fotografia.

Não obstante tratar-se de um processo de impressão fotomecânico que permitia imprimir muitas provas a partir da mesma matriz, os avanços da tecnologia fotográfica por um lado, e o surgimento da photogravura ao serviço da imprensa, por outro, destronaram a fototipia logo no alvor do século XX.

Fotografias e Postais Ilustrados constituem importantes registos da memória colectiva. Copiar essas imagens, através das novas tecnologias digitais, e juntar-lhes os dados que as explicam e acertam no tempo e no espaço, recolhendo-os das pessoas que ainda transportam esse conhecimento é, pois, uma tarefa importante para a prossecução do levantamento imagético dos acontecimentos e das pessoas que nos antecederam, e dos sítios e suas alterações ao longo do tempo. Assim se percebe melhor a história local da época contemporânea, e se compreende como foi evoluindo o espaço urbano e se foi alterando a orografia do território, a linha de costa, o curso fluvial da ribeira, etc.

A partilha destes documentos é a melhor estratégia para garantir a sua preservação. Cada fotografia destruída num qualquer acidente doméstico ou sujeita a fatais intempéries resulta na destruição definitiva desse património e no eventual fenecimento de memória que transporta. A Fotografia tem essa particularidade, de não deixar morrer aquilo que retrata.

Eis a importância do património imagético de uma terra.

—

Contributos para a História da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio

1 - Dos antecedentes à fundação

A história das bandas filarmónicas em Portugal está intimamente ligada à história do movimento associativo e remonta a meados do século XIX. Uma das teorias que pretende explicar a sua génese atribui às bandas militares a sua criação. Existindo, porém, referências a formações cuja origem é anterior ao aparecimento das bandas militares, facilmente concluímos que para o surgimento das bandas filarmónicas terão contribuído dois modelos formais. As bandas propriamente ditas, que terão sofrido a influência das bandas militares e, paralelamente, as filarmónicas, figurino herdado das sociedades de concerto inglesas (associações de elementos que exercitavam a música de câmara). As filarmónicas terão assim surgido no nosso país pela influência dos súbditos de sua majestade¹.

A alusão mais antiga feita a uma banda filarmónica do Concelho de Lagos refere a "Phylarmonica Recreio Musical" fundada em 1 de Dezembro de 1894 e que em Novembro de 1902 solicita ao Clube Artístico Lacobrigense o salão desta colectividade para aí proceder às festividades do seu oitavo aniversário². Sobre esta banda pouco ou nada se sabe, quer quanto à sua composição, quer em relação à localização da sua sede e relacionamento com a comunidade.

Por volta de 1915 terão co-existido em Lagos, com a banda militar, três agrupamentos civis. Acerca desses agrupamentos chegam-nos, ainda, ecos do passado: Os Escaramalhas e os Roufenhos ou Refengos, cabendo a um destes, pela sua ligação à Indústria Conserveira, sair à rua em recepção a um dos proprietários de então, possivelmente o patrão, o ilustre Papaleonardo. Da mesma altura há memória de uma formação de guitarristas e flautistas que integraria mais de meia centena de Soldadores da Indústria Conserveira.

Estas bandas, de percurso efémero e carácter informal, terão coexistido, e rivalizado entre si, num período situado entre meados da primeira década e finais dos anos vinte do século passado. Posteriormente, existiu a banda da Sociedade Filarmónica Recreativa Lacobrigense, conhecida por Sociedade dos Ricos. De vida relativamente curta, foi composta maioritariamente por músicos da banda militar do Regimento de Infantaria 33, ao tempo, sedado em Lagos. Num período de interregno entre o desaparecimento das bandas civis e a Formação da S.F.L. 1º Maio terá pontificado, de novo, a banda militar.

Os músicos das bandas filarmónicas eram frequentemente convidados para abrilhantarem bailes e festas populares e, para além desta actividade de carácter público e externo dedicavam-se ainda ao ensino da música. Assim terá acontecido com vários músicos militares que com esta actividade reforçavam o seu magro pré.

Os instrumentos de corda tinham grande aceitação junto do público feminino, era o caso do bandolim e do violino. A viola e os instrumentos de sopro como a flauta, o clarinete, o trompete e o saxofone tinham no público masculino os seus principais entusiastas, até porque eram, no caso dos instrumentos de sopro, os mais utilizados nos bailes. A viola e o violino ocupavam um lugar de

destaque nas serenatas, então muito em voga, como manifestação de amizade por parte dos músicos, como homenagem ou ainda como simples apresentação de cumprimentos a indivíduos que, independente da sua condição social, mereciam especial deferência.

Dissertar sobre as razões que terão presidido à escolha do nome “Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio” leva-nos, em primeiro lugar, a considerar a ligação ao feriado municipal, neste dia de Maio - que por imposição governamental será alterado nos anos 50. Podemos também admitir a intenção em evocar a tradição do Maio, evento singular e tão arreigado às gentes de Lagos que no quinto mês do ano davam grandes passeios às hortas e às praias, folgando e festejando, com a natural jovialidade e alegria que caracteriza os algarvios. A esse propósito transcrevemos um texto antigo que nos elucida acerca da tradição do Maio.

Contam alguns praguentos que nesta cidade aconteceu um caso estranho e digno de memória, dizendo que antigamente os moradores dela costumavam festejar o primeiro dia de Maio vestindo um estrangeiro com os mais ricos vestidos, que lhe podiam achar, e todo coberto d'ouro, de muitas joias, cadeas, braceletes, anéis e peças de muita valia, que lhe cosiam por cima dos vestidos, o faziam cavalgar no melhor cavalo, e todos com suas trufas na cabeça, adargas nos braços e suas lanças, andavam com ele por toda a cidade, e diante dele iam homens, tangendo em frautas, e muitas mulheres cantavam e dançavam, e diziam todos: Viva o nosso Maio. E tendo feito Maio a um estrangeiro, ornado e posto a cavalo, e dizendo-lhe, fora da cidade, que corresse, apertou as pernas ao cavalo e fugiu com todas as joias e peças ricas da terra em Maio, e, por causa daquele homem, lhe chamaram mês, que não devera, em memória da grande perda, que tiveram³.

Apresentada a lenda lacobrigense do “mês que há-de vir” devemos, por outro lado, considerar ainda a hipótese dos seus fundadores terem pretendido evocar a condição social e profissional da maioria dos seus membros - comerciantes, empregados de comércio, operários e trabalhadores em geral - animados pelos ideais de cunho popular e universalista propagados pela República parlamentarista e que então se achavam comprometidos pela vigência da Ditadura Nacional (em 1931 era Presidente da República o General Carmona e o Dr. Oliveira Salazar era Ministro das Finanças).

Nesse sentido, a referência ao Dia Internacional do Trabalhador colheria as simpatias da população de um município que desde os primeiros momentos da República marcara a sua presença de forma indelével - participando massivamente nas eleições, votando maioritariamente no partido democrático em 1910 e elegendo deputados locais à Constituinte de 1911.

Mas, se em 1931 foi possível fundar uma associação cujo nome incluía a data da comemoração do Dia Internacional do Trabalhador, dois anos mais tarde tal já não seria permitido pelo Estado Novo, instituído com a promulgação da nova Constituição em 11 de Abril de 1933. Tal denominação iria, por este facto, ao longo da história da associação, trazer-lhe dissabores – chegando mesmo a colocar em perigo a sua continuidade. Recordemos que em 5 de Julho de 1932, Oliveira Salazar assume a chefia do Governo concluindo a instauração de um regime que conformava “...um Estado com uma doutrina totalitária...”⁴ que, nos doze meses seguintes, reorganiza a censura prévia, cria a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado e, em Setembro de 1933 “...lança-se, finalmente, ao assalto frontal do movimento operário com a promulgação da legislação corporativa”⁵.

Em 22 de Setembro de 1950, o Governo Civil de Faro oficia a Câmara Municipal no sentido da autarquia promover a alteração da data do feriado municipal, alegando não se tratar de um dia festivo e contrariar o Código Administrativo. A Câmara entende manter a data por ser uma tradição centenária, logo um dia festivo, e porque essa alteração “constituiria motivo de desagrado para a população”⁶.

A apoiar esta teoria, temos a própria constituição do elenco de fundadores, o qual integra vários membros da classe laboral a par de alguns nomes da burguesia local e profissionais de actividades a que hoje chamamos liberais. Outro factor reforça esta ligação do mundo laboral à fundação da filarmónica: a sua primeira sede funcionou no Clube Recreativo Metalúrgico Lacobrigense, sito na Rua 1º de Maio. E assim, também este facto sugere outra hipótese para a escolha da denominação da associação: a toponímia da rua onde a associação esteve sedeadada. Dois factores, no entanto, reforçam as dúvidas. Em primeiro lugar parece-nos estar perante o velho dilema do ovo e da galinha, isto é, a rua também poderia ter mudado de nome em função da nova associação aí alojada – antes do nome 1º de Maio, chamou-se Rua Triste. Em segundo lugar temos o carácter temporário da sede que, não sendo propriedade da S.F.L., mas sim de outra colectividade, retira a plausibilidade da relação entre o nome da rua e a denominação escolhida para a sociedade. Não nos parece pois, hipótese suficientemente consistente.

Quando questionamos os elementos mais antigos da Filarmónica acerca da razão que terá conduzido à escolha do nome da sua associação, de imediato recebemos como resposta que foi no dia 1 de Maio que a Banda saiu à rua pela primeira vez e que esse facto terá dado origem à sua denominação. O 1º de Maio de 1931 ocorreu a uma sexta-feira e, sendo certo que só um dia feriado ou fim-de-semana permitiria a necessária disponibilidade dos filarmónicos para actuações, tendo a escolha recaído sobre o feriado municipal em detrimento do fim-de-semana imediatamente seguinte, tal escolha reforça a ideia de uma ligação intencional a essa data, Dia da Cidade e/ou Dia Internacional do Trabalhador.

Os Estatutos da S.F.L. 1º de Maio, aprovados oficialmente por Alvará emitido pelo Governador Civil do Distrito de Faro em 24 de Agosto de 1932 foram subscritos por 21 signatários: Francisco Queiróz Taquelim; António Luiz Castelo; Jacinto Norberto Alves, Manuel Portelada; António Pedro Pião; Dionel Carmo Cerol; Augusto Germano da Costa; Romeu Amável Carreta; Manuel Galvão; Domingos Francisco Passarinhos; José Viegas Pereira; Jerónimo António Monteiro; Francisco José Mesquita; João Miguel Palanque; António Morais da Silva; Artur Pereira; Raul Taquelim da Cruz; Bento Formosinho; Manuel Domingos Pereira; Armando da Glória Martins e Alberto Reis Leal.

A S.F.L. 1º de Maio foi reconhecida como Colectividade de Utilidade Pública em 17 de Setembro de 1988 e foi agraciada com a Medalha de Mérito Municipal – Grau Prata, em 27 de Outubro de 1991 como reconhecimento pelo seu trabalho no âmbito sócio-cultural. Em 1 de Maio de 2006, ao completar 75 anos de existência recebeu a Medalha de Mérito Associativo – Grau Prata, atribuída pela Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, da qual é associada.

2 - As instalações, os coretos, e outros locais de actuação

Desaparecidos todos os fundadores da Filarmónica, torna-se muito difícil reconstituir alguns dos factos ligados aos primeiros momentos da sua história. Actualmente a S.F.L. 1º de Maio ocupa o edifício Conde Ferreira, antiga Escola Primária, situada na Praça d'Armas, a poucos metros do amuralhado, integrada no perímetro histórico da cidade. Antes, terá ocupado o número 32 da Rua dos Camachinhos, durante um breve período, após a saída do nº 34 da Rua 1º de Maio (antiga Rua Triste) e antes disso, durante a década de quarenta esteve "hospedada" na sede do Clube Recreativo Metalúrgico Lacobrigense. As instalações que terá utilizado em épocas mais remotas, nos primórdios da sua existência, constituem incertezas e referem apenas a utilização da sede do Clube Futebol Marítimo "Os Lacobrigenses".

A sede da Filarmónica foi sempre, à imagem do que acontece noutras associações coevas, um espaço de convívio e lazer onde se reuniam sócios e não sócios. Os visitantes podiam – depois de serem apresentados e obtida a necessária autorização – frequentar a sede durante os quinze dias seguintes, e participar em actividades lúdicas em torno de jogos de mesa e de salão como o bilhar, as damas, o gamão e as cartas.

Desde o início contou, no seu património, com vários jogos e mobiliário adequado a essas actividades de lazer. O Inventário dos Móveis e Utensílios Existentes, elaborado em 26 de Setembro de 1938, dá-nos conta da existência de um vastíssimo património móvel proveniente a título de empréstimo, da Associação Comercial e Industrial de Lagos. Património que incluía: 1 Bilhar; 1 Relógio de parede; 12 Quadros com vistas de Lagos; 7 escarradeiras de esmalte; 48 cadeiras; 1 jogo de Gamão; 2 jogos de Dominó. E em 1953 juntava-se novo material entretanto adquirido pela associação, destacando-se a telefonia Hornyphon de 6 lâmpadas (válvulas).

A empatia existente entre a Filarmónica e a cidade, e a forma como a população se identificava com esta associação pode ser representada por inúmeros episódios, mais ou menos inesperados e pitorescos. Um dia, um marítimo – simples e modesto pescador como muitos outros que dessa forma governavam a vida em Lagos – entrou, descalço e em trajes menores, pela sede adentro. Pretendia apenas uma sanduíche de moreia, à laia de "mata-bicho". Ir à Filarmónica "comer uma bucha" fora pois, a sua principal preocupação, logo ao saltar para terra, depois de uma noite na faina do mar.

As receitas do bar da Filarmónica, tal como as outras fontes de rendimento eram certamente muito magras e assim, sempre que possível, procurava-se aumentar esses proveitos recorrendo a actividades no exterior. Atente-se ao seguinte excerto da acta de Reunião da Comissão Administrativa do Município em 22.08.35: "...Foi lido um ofício da Direcção da Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio, pedindo autorização para armar uma quermesse na Praça da República, ao lado do Sul, a fim de funcionar nas noites de música, destinando-se a receita a melhorar as condições de vida da mesma Filarmónica. - A Comissão deliberou conceder a autorização solicitada...".

Podemos dizer que a vida dos filarmónicos, enquanto tal, sempre se dividiu entre a sala de ensaios na sede e as actuações nos coretos, nas arruadas e nas procissões. Estas últimas, ocorriam um pouco por toda a parte, nas ruas da cidade, nas aldeias do concelho e até mesmo

noutras terras. A procissão do Senhor Morto saía da Igreja das Freiras (das Irmãs Carmelitas), passava por algumas ruas da cidade, percorrendo o circuito dos passos (parte da antiga Via Sacra) e regressava ao ponto de partida. A participação da Filarmónica era imprescindível pois a procissão decorria ao som da marcha fúnebre de Schubert que a Banda executava durante o trajecto.

Lagos possuiu dois coretos que se localizaram no mesmo sítio, embora em épocas distintas. O local, a Praça da República foi, por esse motivo, conhecida por Praça da Música e constituía a sala de recepção de acontecimentos populares, culturais e recreativos, reservando-se a Praça Gil Eanes para as recepções oficiais pelo que, neste local, a Filarmónica tocava apenas os hinos adequados à circunstância. O coreto, situado em frente da Igreja de Santa Maria, mais ou menos onde hoje se encontra uma esplanada recebia, quer a Banda Filarmónica, quer a Banda Regimental que aí executavam a sua música e animavam *matinés* e *soirés* de fins-de-semana. Durante um certo período a Filarmónica exibiu-se aí, também, às quintas-feiras à noite. Os concertos nocturnos ocorriam com frequência e muitas vezes como corolário de uma procissão ou outra celebração religiosa iniciada durante o dia e que desta forma terminava em festa. Por volta de 1946/47 vários eram os músicos que não se apresentavam no coreto, ao lado dos seus colegas, devido à grande falta de fardas. Só muito posteriormente esta situação seria remida e afastada como problema endémico na S.F.L. 1º de Maio.

O primeiro coreto, construído com base em alvenaria e superestrutura metálica, de dimensões mais modestas que o segundo, terá sido destruído antes da formação da S.F.L. 1º de Maio para dar lugar ao novo coreto, construído no mesmo material mas maior, mais alto, e com mais espaço para receber a banda e guardar apetrechos no seu interior. Infelizmente, a construção da avenida marginal e a colocação da estátua do Príncipe Navegador, em 1960, terão justificado a remoção do simpático coreto que, assim, desapareceu para sempre.

No primeiro ano do novo milénio Lagos inaugurou um coreto, de construção modesta e localização deficiente, não obstante situar-se num pequeno parque urbano adjacente à artéria da cidade que ostenta o nome da filarmónica local e para onde se prevê a implantação da futura sede da Associação.

3 - Os repertórios

Inicialmente, e durante uma primeira fase da sua história, as filarmónicas ainda sob uma forte influência das formações musicais militares executam marchas e peças de adorno de cunho marcial, hinos e peças adequadas a pompas e recepções a entidades oficiais, mas sempre misturadas com a execução de temas de carácter popular, pois não podemos esquecer que estamos perante formações de índole popular. Imutável, permanece a presença dos temas religiosos nas bandas, pois que uma das atribuições maiores destas formações musicais consiste em acompanhar festas de carácter religioso ou profano.

Também a influência da música clássica marcou, e marca, presença nos repertórios das filarmónicas, como resultado de arranjos escritos por alguns maestros mais eruditos quer por importação de partituras produzidas e divulgadas no estrangeiro.

Numa banda filarmónica, a maior parte dos instrumentos são transpositores. Isto é, os diferentes instrumentos tocam para que a sonoridade seja única, como se fosse apenas um instrumento a tocar: p. ex. se o clarinete (armado em Sib) dá um Dó, o baixo (armado em Mib) tem de dar um Sol. Se ambos executarem a mesma nota, não combina, não afina em termos de tonalidade. Esta é uma particularidade das Bandas Filarmónicas que as distingue de outras formações musicais de semelhante cunho popular.

Actualmente assiste-se a um fenómeno evolutivo no âmbito dos repertórios. As Bandas Filarmónicas abordam vários domínios musicais desde a música popular, aos arranjos de música tradicional, erudita e ligeira. Há uma maior abertura a temas modernos provenientes da música pop-rock e mesmo o Jazz possui hoje maior influência nos repertórios das bandas filarmónicas. Veja-se o caso das bandas açorianas que, mercê da estreita ligação à emigração para os Estados Unidos, recebem esse tipo de influência, incluindo nos seus repertórios temas mais complexos como algumas peças de Thelonious Monk, entre outros. Por vezes são, também, os músicos que tendo começado nas filarmónicas e progredido para o JAZZ, acabam por exercer nas Bandas Filarmónicas, de que não se desligam completamente, a influência musical resultante da sua evolução e das novas experiências que adquirem.

Podemos dizer que se vai esbatendo, paulatinamente, o arcaísmo existente entre as bandas portuguesas e as dos países vizinhos que, na segunda metade do séc. XX, avançaram pela reconversão musical aproximando-as de outras formas musicais, numa interpretação mais ao gosto do público. Factor importante, pois na escolha dos repertórios reside, em grande parte, a aceitação da banda filarmónica, nomeadamente por parte das gerações mais novas.

Trabalhos interessantes têm sido feitos pela Europa fora, com resultados muito válidos na recuperação de temas do folclore e sua adequação a formas musicais modernas. Assiste-se pois a uma certa reconversão da fórmula tradicional da Banda Filarmónica, ainda que o fenómeno não seja universal e algumas filarmónicas não mostrem ensejo ou capacidade para encetar essa conversão.

Do repertório referenciado em arquivo, e em uso em finais dos anos oitenta, constam: 185 marchas (marchas graves, marchas populares e marchas fúnebres); 16 rapsódias; 17 fantasias; 44 valsas; 27 passo doubles e tangos; 13 fados; 4 viras e corridinhos; 21 polkas; 4 boleros; 7 óperas e operetas; 3 sinfonias; 5 aberturas; 2 suites; 7 árias; 10 foxtrots; 5 hinos; 3 passo calle; 5 canções; 2 bailados; 3 serenatas.

O repertório no início do novo milénio evidencia uma variedade de estilos e proveniências musicais atestando um certo trabalho de reconversão e adaptação aos gostos e às situações da vida contemporânea. Marchas de Rua: "Passeio a Maiorca" de A. Caineta; "Roberto Nunes" de I. Costa; "Wild Horn" de M. Lee Mann; "American Fly" de D. Mensa; "Prestige" de P. Riedemann; "Mit Spiez Voran" de E. Uebetz. Procissões e Fúnebres: "Nossa Senhora do Bom Despacho" de S. Leite; "Nossa Senhora da Boa Viagem"; "Santa Rosa"; "Santa Cruz"; "Virgem de Guadaluoe" de M. A. Neto; "Sobre a tua Campa"; "Uma Lágrima"; "Ecce Homo"; "Dessidérum". Concertos : "Harmonique" de Wim Laseroms; "Danke Shön" de Bert Kaempfert (arr. Hans Kolditz ; "Chasing the Mob" de Patrick Verhaegen ; "Big Band Stom" de Kees Vlak; "A Banda" de Chico Buarque de Holande; "Love Can Build Bridge" Arr. de R. Sebgrets; "Concerto para Clarinete – 2º Andamento" de W. Mozart ;

“Natal dum Garoto” de Ferrer Trindade; “Célebre Adágio” de T. Albinoni; “Ave Maria” de F. Schubert ; “Linda Noite de Natal” popular algarvia; “Gloria in Excelsis Deo” de Haendell; “Concert Piece” de F. O’Carrol; “The Beatles in Concert” arr. de W. Hautvast; “Film Music Suite” de F. Clifford; “Vonken” de B. Fäzt; “Peter Gun Theme” H. Mancini; “Fiesta Tropicale” arr. V. Lopez; “Extra” de D. Carnevali. Outros : “Grândola Vila Morena”; “Alife on the Ocean Wave”; Hino Nacional de A. Keil; “Hino da SFL 1º Maio” de M. Frenandes; “Hino da Cidade de Lagos” de J. Flosa; “Lagos, Passado e Presente” de F. Trindade.

Actualmente (2006), a Banda realiza, em média, cinquenta actuações por ano, um pouco por todo o país, participando em festivais, comemorações e outros eventos de particular significado social. A S.F.L. 1º de Maio organiza anualmente um Festival de Bandas Civas que conta, já, com 22 edições. O primeiro festival realizou-se em 22 de Setembro de 1984 e reuniu em Lagos as bandas das seguintes associações algarvias: Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva; Sociedade Filarmónica Silvense; Banda Musical Castromarinense; Associação Filarmónica de Faro; Sociedade Musical e Recreio Popular de Paderne; Banda dos Bombeiros Voluntários de Portimão, e a banda anfitriã.

Outro interessante evento inscreve-se na área da poesia, com a realização dos Jogos Florais. De carácter bienal, é tutelada por uma figura relevante da história da associação, elevada a patrono, do qual é apresentada uma breve biografia. Invariavelmente, as suas edições – iniciadas em 1999 – recolhem participações em quatro modalidades: prosa, soneto, quadra, e poesia livre. Concorrem largas dezenas de poetas amadores, nacionais e estrangeiros, com destaque para os brasileiros.

4 - Músicos e instrumentos

Actualmente, a Banda é composta por cerca de quarenta músicos, sendo 65 % deles jovens com idades compreendidas entre os 10 e os 25 anos, repartindo-se equitativamente por ambos os sexos, todos formados na Escola de Música da associação.

No que concerne à distribuição dos instrumentistas pelo tipo ou naipe de instrumentos, a composição da Banda inclui 13 clarinetes, 1 saxofone soprano, 2 saxofones altos, 2 saxofones tenor, 4 trompetes, 1 fliscorne, 1 trompa, 2 bombardinos, 3 trombones, 1 tuba, 6 percussionistas. Porém, o património instrumental da associação é bem mais vasto. Entre instrumentos operacionais e, temporariamente, inoperacionais existem: 1 flautim, 6 flautas, 1 requinta, 17 clarinetes, 2 sax sopranos, 10 sax altos, 7 sax tenores, 2 sax barítonos, 10 trompetes, 7 fliscornes, 1 sax trompa, 3 clavicornes, 3 bombardinos, 1 trombone pistões, 6 trombones de varas, 4 contrabaixos, 2 tubas, 1 lira, 2 baterias e diverso material de percussão.

5 - A filarmónica e o ensino da música

Um estudo realizado em 1998 pelo INET (Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa) estabelece a distribuição da expressividade dos vários tipos de Grupos Musicais Locais tendo por base um universo de 3.720 grupos activos. “A seguir aos Ranchos Folclóricos, são as Bandas Filarmónicas que têm maior expressividade, visto que representam 21% (789 Bandas e Fanfarras) do total dos grupos que constituem o universo de pesquisa...”⁷.

O papel mais importante desempenhado pelas filarmónicas nas comunidades respeita, sem dúvida, à formação musical. Alguns estudiosos da musicologia não hesitam em qualificar esta acção das filarmónicas como “uma rede paralela de escolas de música em todo o país”. Quanto a nós a afirmação só peca por defeito, pois ainda que hoje se assista à implantação de inúmeras escolas privadas e ao crescimento do número de academias e conservatórios, porém, num país que nunca teve uma educação musical estruturada e onde um instrumento musical é considerado um artigo de luxo, as escolas das filarmónicas foram, e ainda são em larga medida, a grande rede de ensino da música em Portugal.

Na Filarmónica de Lagos a Escola de Música funciona sob a orientação do Maestro mas, quer as aulas de solfejo quer as de instrumento são, nos primeiros momentos, conduzidas pelos músicos mais experientes que vão formando os novos elementos da banda. Actualmente a escola de música da S.F.L. 1º de Maio conta com cerca de 15 alunos.

6 - As fontes de subsistência

Sem o auxílio das autarquias locais não seria possível a sobrevivência das filarmónicas quer pelo magro rendimento das quotizações, quer pela ausência de hábitos de mecenato e patrocínio de que a nossa sociedade enferma. Assim, é nos subsídios e nos protocolos com as câmaras municipais e juntas de freguesia que as filarmónicas vão recolher os fundos necessários ao seu funcionamento. Não raras vezes o apoio da autarquia vai mais longe, quer na disponibilização do espaço para sede e sala de ensaios quer no transporte para as deslocações. Trata-se, na maior parte dos casos, de uma decisão que reconhece na actividade das filarmónicas o triplo papel de difusores da música, construtores de espírito de disciplina e camaradagem, e uma embaixada da comunidade, onde quer que se apresentem.

Os serviços cobrados e as receitas de quotização representam um rendimento modesto mas que não deixam de ser importantes pois é com esses proveitos que se suprem as despesas correntes e se gratificam os músicos, consoante a sua participação nas actuações. Procissões, recepções oficiais e arruadas constituem, assim, uma modesta fonte de rendimentos para estas associações, com vida sempre difícil e espartilhada pelos elevados custos inerentes à sua existência: preço dos instrumentos, custos com instalações de razoável dimensão, fardamentos, deslocações.

Outra fonte de receitas provém da realização de festas de cunho popular nomeadamente os bailes, as marchas e os mastros dos santos populares, em que a quermesse, com as suas rifas, e

a venda de bebidas, sardinhas assadas e os tradicionais caracóis, contribuem para o acréscimo desse magro pecúlio.

No saldo final, ressalta a realidade de uma existência difícil, em que o tecido empresarial, pouco sensível ao mecenato, por razões de escassez de recursos ou, mais comumente, por razões de cultura, raramente participa no apoio a instituições deste tipo.

7 - A filarmónica e a comunidade

A Filarmónica de Lagos continua a suscitar o reconhecimento da sua comunidade, não obstante existirem no concelho mais de seis dezenas de associações culturais, recreativas e desportivas. A S.F.L. 1º de Maio conta actualmente com 376 sócios.

Muito para além da sua actividade principal, a filarmónica de Lagos desenvolveu, em momentos vários da sua história, esforços, no sentido de integrar e despoletar dinâmicas de carácter mais alargado no âmbito cultural local. Não é de estranhar, pois, ter estado na origem da criação de outros grupos e associações culturais como foi o caso do Grupo Coral de Lagos. Desse facto dá conta o jornal mensal “ O Nosso Jornal”, em dois artigos inseridos nas edições de Agosto e Novembro de 1976. Transcrevemos um excerto deste último.

“Foi recentemente adquirido pela Câmara Municipal de Lagos o imóvel em ruínas conhecido por Casa dos Ricos, em Lagos. Desde há cerca de um ano que os elementos da Direcção da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio vinham fazendo esforços em tal sentido. O Centro Cultural de Lagos, uma realidade concebida e iniciada na dita Sociedade Filarmónica, vê assim perto o dia da sua instalação definitiva numa sede capaz. A notícia foi comunicada aos interessados nas diversas secções do Centro Cultural, numa convocação do Presidente da Direcção, sr. Joaquim Taquelim. Este começou por fazer um breve relance sobre as actividades do ano transacto, salientando a acção da Banda de Música, a Escola de Música, o Grupo Coral, as artes plásticas, o teatro infantil, etc. Ao iniciar o ano escolar está já assegurado o funcionamento da Escola de Música, do Grupo Coral e de um Grupo de Teatro Experimental. Juntamente com a Banda, que a cidade precisa de ver cada vez mais digna de si, as ditas secções, e todas as outras programadas, necessitam, absolutamente, de instalações que garantam o seu funcionamento adequado...”

Neste ano de 2006, em que a S.F.L. 1º de Maio comemora setenta e cinco anos de existência, atendemos às palavras proferidas pelo actual presidente da assembleia-geral, sr. Vítor Moreira, no dia do aniversário da associação, perante o edil e outros autarcas, músicos, sócios e demais convidados. É um discurso que, para além das habituais palavras de circunstância, manifesta as compreensíveis preocupações que o futuro suscita, realçando aquele que é o nó-górdio das associações. O problema das instalações que, ao fim de setenta e cinco anos, ainda não conheceu solução definitiva.

“...A Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º. de Maio, comemora hoje 75 anos de existência. Uma efeméride histórica em qualquer associação. Na Filarmónica, estes setenta e cinco anos têm um valor especial porque revelam uma actividade ininterrupta da nossa banda. (...) esteve sempre presente nas efemérides mais importantes do nosso Concelho. Nas recepções oficiais (...) nos acontecimentos mais relevantes como a inauguração da avenida, a inauguração da barragem da Bravura e as comemorações Henriquinas no início dos anos sessenta: nas grandes

festas e romarias que se realizaram em Lagos, como as festas de São Gonçalo e da Senhora da Piedade; as celebrações da Páscoa e os cortejos de oferendas para o Hospital da Misericórdia, entre muitos outros. (...) a Sociedade Filarmónica tem sido, ao longo da sua existência, uma das colectividades com mais realizações culturais, recreativas, e de cariz tradicional. Desde a sua fundação, com os grandes bailes populares abrilhantados por grupos formados na filarmónica, as disputadas marchas populares, as festas da serração da velha, os grupos de cantares de janeiras, as festas de S. João e os vários concertos da banda. Mais recentemente, com os Festivais de Bandas Filarmónicas, os santos populares, os cantares dos Reis (...) os jogos florais e os espectáculos de variedades. Com um passado histórico brilhante, a Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio precisa de preparar o futuro. Existe, nesta altura, uma certa estagnação, tanto a nível da banda, como nas actividades culturais. Só a criação de uma nova Sede poderá incentivar novas iniciativas e dar condições ao desenvolvimento da escola de música. A actual sede, só com uma sala, não possui as condições mínimas necessárias para o ensino da teoria musical e instrumental e isso tem repercussões ao nível da quantidade de alunos que frequenta a escola de música, bem como na qualidade do ensino.”

—

Meia Dúzia de Passes

Tínhamos a sede do Centro de Estudos Subterrâneos (então, chamava-se GIAE – Grupo de Investigação Arqueológica e Espeleológica, inspirado pelo CIES de Coimbra, no distante ano de 1977), a funcionar no laboratório de processamento fotográfico do Estúdio CS. Ocupávamos a sala maior, de entrada. No interior, em dois compartimentos distintos, funcionavam os laboratórios de P&B e cor. Não pagávamos qualquer renda, pois contávamos com este desinteressado apoio do Mário Santos e do Bernardino, sócios, e fotógrafos dessa casa comercial estabelecida em pleno centro da cidade de Lagos.

Por vezes, como deferência para com tais facilidades concedidas (não só as instalações, como as muitas boleias para as grutas), eu ficava no laboratório a imprimir e revelar os passes. Noutras, tendo esse serviço já feito, ficava a esmaltar enquanto o Mário almoçava, em alturas em que o Bernardino andava pelos casamentos ou outras reportagens. Afinal, eu apenas seguia, e repetia, os passos do Carlos, o Presidente do grupo de espeleologia que, anos antes, assim fizera também. Agora, impossibilitado pelos estudos de medicina, em Lisboa.

É Verão de 79. Na obscuridade fresca do laboratório, à pálida luz avermelhada, de segurança, com os dedos mergulhados no líquido viscoso, faço dançar os rostos “espreitantes” dos quadradinhos de papel. E a mente vagueia por aí, à deriva, errante, como o percurso da morena de olhos brilhantes que retiro com cuidado do revelador e mergulho na tina de água que serve de banho de paragem. Um Óóóiiiiiii... interrogativo, proveniente da entrada, desperta-me daquela catarse hipnotizante. É o Mário que vem da loja e vai para casa, almoçar: - Lianito, atão, tá tudo bem? Introduz-se, afastando o reposteiro negro e o pano rubro escurecido pela (suj)idade.

-Tá! Respondo.

- Quer dizer que daqui a uma horinha tá tudo na esmaltadeira? Inquire ele.

São estas recordações de pedaços de tempo perdidos (ou encontrados) no negrume do laboratório, e outras, como quando mirava atentamente e aprendia como jogam as cabeças de luz com o fundo e, entre elas, como posicionar os difusores e sobretudo, aquela insistência, aquela ordem repetida vezes sem conta: - Endireite as costas! - Olhe para aqui! – Aqui... para a minha mão! (a mão esquerda, fechada e curvada, fazendo um bico com os dedos, que ele colocava sobre a Linhoff). Então, o Márinho empurrava o disparador, e o clarão cegava-me, momentaneamente.

Nesses tempos racionalizava pouco do que via e aprendia, era a idade do desprendimento, da irresponsabilidade. Aquela idade em que temos a certeza de que as coisas hão-de vir ter connosco e não são necessários esforços ou preocupações acessórias. O que tivesse que acontecer aconteceria, mais tarde ou mais cedo.

De vez em quando pegava numa máquina, a Pentax Spotmatic ou a Rollei de formato 120, enfiava-lhe um rolo e ia passear pela cidade, à procura não sei de quê. Invariavelmente, seguia o caminho junto ao rio, próximo dos barcos, e disparava.

A luz verde era um bluff, nunca consegui ver mais do que uma ténue amálgama leitosa e viscosa na superfície do rolo acabado de puxar do interior da tina vertical, qual serpente silenciosa a sair do buraco: - Tás a ver? Ainda não está bom. – Pois! Respondia eu, sem ver ponta de corno do filme que ele segurava nas mãos, a uns 20 cm da suposta “luz” verde.

o Durst 7700 era um ampliador magnífico. Sentava-me no banco de tasca (daqueles de madeira, com um buraco ao centro para enfiar o dedo) e puxava a cabeça do ampliador agarrando nos dois punhos laterais, parecia um periscópio de um submarino. E como eu adorava aquela caixa de filtros, cheia de botões de afinação. Claro que nesses momentos de imaginação adolescente olhava de soslaio para o fundo da sala, não fosse abrir-se alguma tampa dos tanques de banho-maria da bancada de revelação cores e sair de lá um ser marinho ou, até, extraterrestre. Sim, porque às vezes o submarino transformava-se em nave espacial. A obscuridade é reveladora!

-Não estão prontas? - Então disse-me que estavam hoje à tarde! Esgrimia a mulher ao Márinho, escudado no balcão, dando voltas à manivela da registadora, fingindo-se ocupado: - Amanhã é que estão! Tivemos um problema com a electricidade. Faltou a luz no laboratório... foi problema na central eléctrica. Eu passeava os olhos pelo material fotográfico da montra, como se não fosse nada comigo.

Falha eléctrica, uma merda! Esquecera-me das fotos da senhora dentro da esmaltadeira, porque me entretivera a enrolar umas escadas Pierre-Alain (semelhantes àquelas do circo por onde sobem as trapezistas). Afinal era ali a sede dos estudos subterrâneos. Quando, finalmente, me cheirou a coisa ruim, rodei a manivela do tambor espelhado mas já não fui a tempo para acudir aos “torrados” 6 passes.

-

Uns minutos no fogo

Treze de Agosto de 2003, 16h47 - Descíamos em coluna pela estrada que liga o Pincho à EN125, rumo a Bensafrim (duas viaturas auto-tanque, uma ambulância, uma ou duas viaturas de apoio e, penso, lá para trás, umas viaturas do exército que incluíam pesados semi-reboques de transporte de máquinas de rasto), quando deparamos com uma viatura dos BV da Pontinha, tentando evitar que o fogo cruzasse a estrada, rumo ao Sul, ao Monte Amarelo e a Bensafrim.

Umas eram chamas alaranjadas, altas, agarradas às copas dos eucaliptos e outras, mais baixas, crepitavam, amarelas, velozes no mato rasteiro. Soltavam um espesso manto de fumaça e como se isso não bastasse, ainda nos bombardeavam com milhões de faúlhas ardentes. Logo parou a coluna e se reforçou o combate.

Pasmado, eu espreitava pelo visor da máquina, disparando, e sentindo-me um realizador de Hollywood no momento em que rebentam no plateau milhares de efeitos especiais pirotécnicos.

Quando o flamejante exército do Hades saltou para o arvoredo do lado Sul e toda a atmosfera circundante se transformou num insuportável braseiro inquiri (receoso pela segurança daqueles homens metidos no Fogo, e pela minha) o que comandava ali: - Rui, tens que mandar recuar esta malta?!

A resposta veio disparada, de imediato, acompanhada de um leve sorriso, daquele antigo colega da Escola Secundária, agora com um olhar meio “hipnotizado” por não sei quantos dias de acção sem descanso: - Daqui ninguém sai! Encontramos o “gajo”, é aqui que a gente lhe dá.

Meio surpreso, e ainda não habituado a este ambiente, deambulei os 20 metros que nos separavam do resto das viaturas imobilizadas na retaguarda, para trás e para diante, fotografando e tentando esquivar-me às faúlhas (fora boa ideia levar o casaco grosso de Espeleologia, porém esquecera um “tapa-chamas” para a careca).

Ali ao lado, no valado à direita, outro espectáculo decorria. Um homem de experiente idade manobrava um enorme bulldozer, fazendo-o remexer o solo mesmo à beira do fogo, arrancando estevas e urzes, limpando o terreno, e quando parava virava-nos um rosto tisonado, ainda sorridente, e amaldiçoava a sorte que tardara, todo o dia: -Ainda não acertei com nenhum aceiro...

Bem podia insistir em tal labuta. O(s) vento(s) é que mandavam naquela infernal força ígnea que saltava centenas de metros, senão quilómetros, indo agarrar-se a outro verde, muito para lá dos aceiros atabalhados. Ainda assim resistiam, teimosos e agarrados um ao outro, ele e a máquina.

Volto à estrada. Disparadas as agulhetas e o canhão numa metralha de milhares de litros de água, eis que amaina o mafarrico e permite a circulação. Trocado o banco alto do auto-tanque em que viera por um mais baixo, na viatura de apoio, segui directamente para o quartel dos bombeiros de Lagos. Chegava de emoções, por agora. Logo à noite haveria mais, nas vizinhanças de Bensafrim.

Destes pequenos, mas intensos, episódios não esquecerei as expressões e os olhares vivazes, a dedicação e a determinação de quem combate, quase, até ao esgotamento, e mesmo na maior adversidade mantém viva a esperança em vencer a Natureza revolta e garantir a segurança dos seus semelhantes.

Navegações

Lembras-te, Francisco? Lembras-te de quando reuníamos a trupe de vizinhos dos Montes da Areia e da Rua da Aldeia e, cavalgando e empunhando paus de vassoura – cavalo e espada – percorríamos em formação de combate o rossio de S. João tentando desmontar o inimigo? E de quando disputávamos o campeonato nacional de hóquei, com patins e tacos de fabrico artesanal, sem nunca sair da aldeia, sem treinadores nem repórteres?

E lembras-te das viagens feitas na carcaça do velho Peugeot, de pé sobre os bancos porque as pulgas e os eventuais percevejos nos assustavam um pouco?

E as travessias oceânicas numa caixa de madeira de metro e meio por noventa, desde o cais até à Ponta da Piedade? Lembras-te disso?

E como era gratificante pular de barco em barco, no rio, ou no cais quando chegavam as enviadas com sardinha e carapau. Que navegações magníficas fazíamos nesses tempos. Mas era nos barcos varados no braço de rio, no acesso ao estaleiro, que viajávamos em paquetes que num só dia iam e vinham aos fiordes noruegueses, engajavam a maltezaria de Lagos em tripulações de piratas das Caraíbas, redescobríamos as costas de África, o Brasil e a Índia. Era nesses velhos gazolinos, traineiras e lanchas de cores desbotadas, com tabuados podres e odores suspeitos que a imaginação não conhecia limites.

Por vezes, a tripulação amotinava-se e dividia-se deixando a bordo da nau encalhada os mais obstinados, ou musculosos, enquanto outra facção abandonava o navio e recolhia ao interior de um caduco depósito de água, de traineira, e o filme mudava para as aventuras submarinas do Capitão Nemo ou do U-399. Desde que a escotilha superior funcionasse até o transformávamos em tanque Panzer, quando o mar já não apelava.

E os almoços esquecidos – que isto de andar em guerras e aventuras esforçadas tira a fome – garantiam ralhetes no regresso ao aquartelamento. Mas era assim mesmo. Tínhamos de navegar muito, ou nunca seríamos dignos herdeiros das tradições dos que dobraram o Bojador e o Boa Esperança, chegaram à Índia e atravessaram o mar imenso para dizer ao rei que os franceses já tinham partido.

E tu, Francisco, continuas a navegar? Remendaste as tábuas partidas dos teus sentimentos e ainda deixas que a imaginação te emocione? Por onde voas agora no velho hidroavião que sempre sonhaste pilotar? Eu sei que navegas. E quem navega, ou parte à descoberta do mundo e encontra partes de si, ou parte à descoberta de si e encontra o mundo.

Não fundeies o navio nem o hidroavião, Francisco, não largues a âncora da imaginação. Navega. Navega sempre!

–

Bibliografia e fontes consultadas

- Actas de 1950 das Reuniões da Câmara Municipal de Lagos
- ALLEN, Joseph - Battles of the British Navy, Vol. I
- AMAR, Pierre-Jean - "História da Fotografia, Edições 70, Lisboa 2010
- ARRUDA, Ana Margarida - "Laccobriga, A ocupação romana na baía de Lagos" - C.M. Lagos, 2007
- BEATSON - Naval and Military Memoirs of Great Britain, vol. II
- BONANÇA, João – "Encyclopedia de Aplicações Usuaes" - (Cultura das árvores frutíferas), Typographia Luzitana - Editora Arthur Brandão, Lisboa 1903
- CARDO, Mário – Lagos Cidade, Subsídios para uma monografia – Grupo dos Amigos de Lagos, Lagos 1998
- CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan e LIMA, Maria João – Práticas Musicais Locais: Alguns Indicadores Preliminares - publicação do Observatório das Actividades Culturais - Out 1998
- CORRÊA, Fernando Calapez - "A Cidade e o Termo de Lagos no Período dos Reis Filipes", Lagos, Centro de Estudos Gil Eanes, 1994.
- CORRÊA, Fernando Calapez - "Memórias Paroquiais das Freguesias do Concelho de Lagos" in "Fontes Setecentistas para a História de Lagos", Lagos, Centro de Estudos Gil Eanes, 1996.
- CUNAT, Charles Marie – L'Histoire du balli de Suffren
- FRAGA, Tiago, MARREIROS, João, JESUS, Luís – "Contos Inacabados, A História Submersa de Lagos", Câmara Municipal de Lagos, 2008.
- FURTADO, Edno, citando Paulo Lameiro, in Suplemento Correio da Manhã Domingo de 26 Julho de 1998
- GOMES, João Araújo – Estuário da Ribeira de Bensafrim, Leitura geo-arqueosismológica – Tese de Mestrado – UL 2010
- GUÉRIN, Léon - Histoire Maritime de la France, Vol IV
- HERVEY, Frederick - The Naval History of Great Britain, vol. V, Livro VII
- LOUREIRO, Rui Manuel - "Lagos e os Descobrimientos Portugueses até 1460", Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2008.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero - "Para o Estudo do Algarve Económico Durante o Séc. XVI", Lisboa, Edições Cosmos, 1970.
- MARTINS, José António - "Elementos para a História do Clube Artístico Lacobrigense", Lagos 1993.
- MORÁN, Elena - "Evolução Urbana de Lagos", Lagos 2005
- OLIVEIRA E COSTA, João Paulo - "Henrique, o Infante", Esfera dos Livros, Lisboa 2009
- PARREIRA, Rui - "Muralhas de Lagos", Lagos 2008
- PEDRO, José Gomes - "Carta da Distribuição da Figueira e do Medronheiro" in Portugal Atlas do Ambiente – Notícia Explicativa – Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, Direcção Geral do Ambiente, Lisboa 1994.
- PEREIRA NETO, João Baptista Nunes – "Campo, Cidade Mar e Serra, Categorias Culturais e Ambiente Num Concelho do Barlavento Algarvio", Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1992
- ROCHA, Manuel João Paulo - "Monografia de Lagos", Algarve em Foco Editora, Faro 1991
- SARRÃO, Henrique Fernandes in "História do Reino do Algarve" (c. 1600), - "Duas Descrições do Algarve do Século XVI" - Cadernos da Revista de História Económica e Social, Nº 3 - Livraria Sá da Costa Editora.
- SILVA LOPES, João Baptista – Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve, Vol. I – Algarve em Foco Editora, Faro, 1998
- SOUGEZ, Marie-Loup - "História da Fotografia", Dinalivro, Lisboa 2001
- TROUDE - Batailles Navales de la France, vol. I
- VASQUES, José Carlos – "As Passas do Algarve – o figo", documento do CEMAL, Lagos 2010
- VASQUES, José Carlos - "Contributos para as Memórias de Lagos", Lagos, Grupo dos Amigos de Lagos, 2008.
- "Mulher – Operária Conserveira" – Catálogo da Exposição – Câmara Municipal de Lagos, 2005

O autor agradece os prestimosos depoimentos prestados pelos distintos lacobrigenses: Eng^o João Pedro Pimenta, José Carlos Vasquez, José Paula Borba, Pedro Reis; e ainda pelos lacobrigenses de adopção, os arqueólogos Dr^o Rui Parreira e Dr^a Elena Morán.

Índice

Um momento do Plistocénico	5
O Neandertal	6
Hoje não há gravuras	7
Há coisas que...só aos pares	8
Os mistérios do Universo	10
Fobiónico	12
Claustro Fobias	23
Breve história local	42
As fábricas de conserva de peixe	45
Lagos, o rio e os barcos	47
Lagos, Sagres e o Infante D. Henrique	50
Os 250 Anos da Batalha de Lagos	51
Lagos e as suas praias	54
Os Figos	57
O Património Imagem	59
Contributos para a História da Filarmónica	62
Meia Dúzia de Passes	72
Uns Minutos no Fogo	74
Navegações	75
Bibliografia e fontes consultadas	76

A metaficção rejeita a verdade enquanto valor absoluto porque o seu objectivo é propor, como verosímeis, outras hipóteses. Já a historiografia firma-se em factos. No carácter condicional dos factos, sublinhe-se, pois as narrativas históricas também são ficções na medida em que os conteúdos são tanto inventados quanto descobertos.

Nas suas investigações, os historiadores nem sempre lidam com factos completos mas apenas com fragmentos, e para completar um texto têm, frequentemente, de preencher as lacunas existentes entre esses fragmentos, inventando.

Acresce o factor da interpretação pessoal e das escolhas do autor como contador da história, que pode excluir este ou aquele elemento e dar mais ênfase àquele outro, exactamente como um criador de ficção. Portanto, a subjectividade está presente no discurso histórico.

Assim, História e ficção não podem ser liminarmente julgadas como verdadeira ou falsa, pois nunca são inteiramente verdadeiras nem falsas. Antes acabam por se colocar num mesmo plano, na medida em que a verdade da primeira pode ser tão ilusória como verdadeira a ilusão da segunda.

Esta publicação conclui um ciclo de exercícios de escrita. São pequenos contos de ficção e de metaficção historiográfica em diálogo singular com textos sucintos sobre aspectos da história local.

Dezembro de 2011
O Autor